

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl.ich

Folge 30

São Paulo, 26. Juli 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 15\$000, ganzjährig 30\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Situação caótica em Londres

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

46.a Semana

kt. — A semana de guerra transacta foi um período de tensões políticas máximas. Enquanto as potências centrais ocuparam, através do oferecimento de paz do Führer, clara e definitivamente, a posição ditada pelas circunstâncias, manifestaram-se na Inglaterra divergências por trás dos bastidores. No momento em que estas linhas estão sendo compostas, so se podem fazer conjecturas em torno do sentido em que essas divergências serão solucionadas. Uma coisa é certa, porém, isto é, que a propaganda britânica até agora ainda não foi contaminada por ellas, mantendo-se, pois, obstinada e logicamente, para que não haja solução na continuidade, no velho e asburacadíssimo carroiro. No seu afã, essa propaganda acaba de commetter alguns novos deslises. Vale a pena provar, a seguir, sob recurso a dous exemplos, quaes os meios de que lançam mão em Londres, afim de despistar a opinião publica, e quaõ fortemente deve estar abalada a fé na victoria final britannica, a ponto de se necessitar de taes muletas.

Finalmente tambem Portugal

Excepção feita da Republica de Andorra e de Portugal, não houve até hoje Estado europeu algum — se as notícias espalhadas durante todos estes mezes pelas agencias Reuter, Havas e United Press corresponderem á verdade — desde o ennevendo Oceano Glacial até ás vagas azues do Mar Egeu, que não tivesse sido ameaçado pela Alemanha. No caso de Portugal deve-se fazer, comtudo, uma restricção, de vez que suas colonias já por diversas vezes correram risco, conforme se fez constar nas varias occasiões, mesmo muito antes do fatidico 3 de setembro de 1939. Assoalha-se por ali, agora, que a propria metropole lusitana se encontraria em perigo. O inventor dessa nova falsidade em torno de u'a ameaça parece ser um tal de Gerville Reache, collaborador da Havas, em Londres. Em 3.7 teve uma luminosa inspiração e escreveu, desassombradamente, que na Hespanha estar-se-iam dando cousas do arco da velha que consistiriam numa campanha de intrigas que visaria a unificação da Peninsula Iberica, a annexação de Gibraltar e, possivelmente, de Portugal para a constituição de um Estado unitario ibérico. Ora, segundo as suas informações, já se encontravam na Hespanha ao todo 60.000 allemães, algarismo este que, segundo Sarmento de Beires, ascendera ao dobro, ou sejam 120.000 soldados, em 21.7. A descoberta de Gerville Reache foi recebida com sofreguidão por alguns folhas. Em 18.7, a noticia se viu remanipulada pela United Press e já em 21.7 correu pelas columnas dos jornaes o primeiro grande artigo sobre o assumpto. Lê-se ali, entre outras, que se não pôde confiar nos nazistas e que todo o mundo sabe, como a Alemanha cumpre suas promessas. Dever-se-ia esperar de Salazar a devida resistencia, mas grado suas tendencias totalitarias, e já o articulista alonga a vista para um futuro tenchroso: Nós os portuguezes somos fracos demais para defendermo-nos com exito em Portugal. Não importa, porém, Constituir-se á um governo no estrangeiro e a bandeira portugueza não será conspurcada, porquanto haverá sempre um cantinho de terra portugueza em que se congreguem os portuguezes livres. „Corações ao alto! Confiança e fé! Portugal não morrerá!“ — Comprehende-se muito bem, que um portuguez, que raciocine livremente, alimente cuidados acerca da sorte de sua Patria, ao se considerarem as experiencias já seculares com sua alliada a Inglaterra. Todavia, essa explosão apaixonada dos sentimentos foi provocada por cousa bem diversa que uma ameaça hespanhola ou allemã. Resalta isso, de forma bem patente, de asseverações oriundas de uma fonte franceza e de outra norte-americana. Escreveu o „Paris Soir“, em 18.7, que a Inglaterra se esforçaria por conseguir de Portugal autorização para a criação de basas navaes e aéreas britannicas nas costas da metropole portugueza. Tres dias depois foi lançado na imprensa local, vindo de Nova York, um artigo de John Elbert, em que se diz, que as notícias sobre uma invasão planejada de Portugal por parte

(Continua na 2.a pagina.)

Cada vez mais violentas as demonstrações do povo inglez contra a guerra

Urgente — Estocolmo, 25 — (TO) — O jornal «Folkets Dagbladet» que tem recebido de Londres telegramas expressivos da situação caótica em que se encontram as autoridades em face das demonstrações cada vez mais violentas do povo inglez contra a guerra, informa hoje que tambem em Hyde-Park se verificaram agitadas discussões que terminaram em luta aberta.

Tambem nessa praça publica pediam os operarios e outros cidadãos a cessação da luta.

O correspondente do «Folkets Dagbladet» diz que depois do discurso impopular de Lord Halifax, o povo inglez já não se faz ilusões de que a Grã-Bretanha possa viver em paz sem uma modificação completa do governo que garanta a felicidade geral da nação condenando uma luta inglória.

Urgente — Estocolmo, 25 — (TO) — O «Folkets Dagbladet» publica hoje um telegrama

procedente de Londres, relacionado com as demonstrações efetuadas pelo povo inglez depois do discurso do Fuehrer, manifestando-se contrario á continuação da guerra.

O telegrama diz: «O discurso de Hitler, zue tambem foi irradiado no idioma inglez, teve como resultado aumentar ainda mais a exasperação do publico, que agora discute apaixonadamente os problemas de continuação da guerra ou entabolação de negociações. Nos distritos operarios da capital, o povo chegou, em seus comícios, a colisões sérrimas. Nas Beaverlerys Street um grupo de jovens manifestou-se, pedindo que Berlin fosse atacada pela aviação ingleza. A isto, responderam os operarios que assistiam ao comício com gritos de «Abaixo os agitadores de guerra», ao mesmo tempo que indescritivel tumulto se estabelecia. Na contenda, grande numero de pessoas ficou ferido, devendo a policia intervir com energia».

Zwischen Bluff und Bomben

Wir meinen, dass diese Formel dem europäischen Krieg nach der Niederwerfung Frankreichs am besten gerecht wird: Die britischen Plutokraten und Kriegsanstifter pfeifen aus dem letzten Loch, bluffen mit der „Festung England“ und der „Churchill-Linie“ die ganze Welt und ahnen doch die Ausweglosigkeit ihrer jammervollen Lage gegenüber dem Bombenhagel, der von deutschen Fliegern auf die Minute genau fällt, wenn der Führer erst einmal den Befehl dafür erteilt. Bomben sind natürlich durchschlagender als eine ganze Serie grausiger Bluffs. Das sollte vor allem Herr Churchill wissen, der gelassen den verhängnisvoll denkwürdigen Satz sprach, dass er lieber London in Asche und Ruinen, als deutsche Truppen durch die Stadt marschieren sehen will. Das sollte ausserdem Lord Halifax wissen, der der Welt erzählte, dass Englands sechste Kolonne, die Betkolonne, im Gebet einander so lange ablösen werde, bis der Schrecken der deutschen Invasion gebannt und der Endsieg errungen sei. Natürlich ist auch die gesamte Heckenschützenkriegsinstruktion ein militärischer Bluff, der sich für die Zivilbevölkerung peinlich auswirken muss. Schliesslich kann man nur lächeln, wenn die Leute um Churchill erklären lassen, dass Britannien über eine geheime Waffe verfüge, womit Deutschland spätestens bis zum 1. Oktober d. J. in die Knie gezwungen werde. Kein Bluff dagegen ist die Verschickung von etwa 3000 bis 4000 Plutokratenkindern nach Kanada und den USA und der Transport edler Rennpferde und Rassehunde über den Ozean. Hier war höchstens die arbeitende Bevölkerung Englands ernsthaft „verblüfft“.

Wir fragen uns, warum der Führer trotzdem einem Volk, das eine derartige charakterlose Regierungsschicht duldet und sich damit mitschuldig an einem masslosen Schrecken und Elend stempelt, noch einmal die Hand zur Versöhnung geboten hat. Die Antwort ist einfach: Adolf Hitler weiss, dass das deutsche und das englische Volk in Frieden miteinander leben können, wenn die Clique der verblendeten Kriegsverbrecher erst einmal aus Europa hinausgefegt ist. Er wollte diese Aufgabe den Briten selbst überlassen und den Einsatz der Bomben nach Möglichkeit vermeiden. Sein Appell an die Vernunft wurde abermals mit Hohn zurückgewiesen, Deutschlands Haltung als Schwäche ausgelegt. Nun sind der Worte genug gefallen. Ueber die britischen Inseln wird ein Strafgericht hereinbrechen, wie es der Führer dem

verantwortungslosen, fetten Herrn Churchill prophezeit hat.

Dem als Lord Halifax, von Churchill beredet, am vergangenen Montag zum Friedensvorschlag des Führers Nein sagte, da war dieses Nein eine offizielle Erklärung, auf welche der Führer mit Worten nichts mehr zu erwidern hat. Indessen sind die Ausführungen des Sprechers des Auswärtigen Amtes in Berlin am Nachmittag des 23. Juli nicht misszuverstehen, wenn er betonte, dass die Würfel gefallen seien; fast jeder Satz der Rede des britischen Aussenministers habe an die begüchtigte Fabel vom Teufel mit dem Gebetbuch gemahnt.

Es berührt merkwürdig, dass nach Meldungen der nordamerikanischen „United Press“ die Vereinigten Staaten die englische Regierung zur Ablehnung des letzten Friedensangebotes des Führers bewegen und dass man im Weissen Haus in Washington über die bewiesene Konsequenz der Churchill und Halifax grosse Genugtuung empfunden haben soll. Da fällt einem die fast witzige Aeusserung ein, dass die Franzosen bis zum letzten Polen, die Engländer bis zum letzten Franzosen und die Juden bis zum letzten Engländer diesen Krieg führen würden. Zwei Drittel dieser Behauptung haben sich erfüllt. Die ziemlich sichere Uebersiedlung der britischen Plutokraten nach Kanada würde mit dieser Feststellung durchaus zusammenfallen. In den USA sind die englischen Interessen wirklich in den zuständigsten Händen. Wenn man in diesen Tagen auf die Berichte vor der Panamerikanischen Konferenz in Havanna achtet, kann man sich nicht des Eindruckes erwehren, dass die Vereinigten Staaten gegenüber der Neuordnung Europas bereits eine klare Frontstellung bezogen haben und dass damit auch die Stunde der europäischen Besitzungen auf und um den amerikanischen Kontinent geschlagen hat.

Vielleicht ist es dann nicht mehr nötig, dass der Herzog von Windsor, der ehemalige König Eduard VIII. von England, sein Gouverneursamt auf den Bahama-Inseln antritt, wie es ihm von Churchill anempfohlen wurde. Herr Churchill, der skrupelloseste Bluffer aller Zeiten, glaubte wahrscheinlich mit dieser Ernennung dem Real- und Sozialpolitiker Eduard ein ganz besonderes Schnippchen geschlagen zu haben. Aber der Herzog ist nicht auf den Bahama-Inseln, sondern immer noch in Spanien. Nur so sind die Vermutungen

(Schluss auf Seite 2.)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

46. Woche

kt. — Die vergangene Kriegswoche war eine Zeit höchster politischer Spannungen. Während die Mittelmächte mit dem Friedensangebot des Führers klar und endgültig Stellung bezogen, entstanden in England Meinungsverschiedenheiten hinter den Kulissen. In welchem Sinne sie gelöst werden, lässt sich in dem Augenblick, da diese Zeilen in Druck gehen, nur vermuten. Es steht jedoch fest, dass die britische Propaganda von ihnen bisher unberührt geblieben ist und hartnäckig und mit aller Fögrichtigkeit weiter in die altbekannten Kerben schlägt. Dabei gab sie sich wiederum einige Blößen, und es verlohnt sich, im folgenden an zwei Beispielen nachzuweisen, welcher Mittel man sich in London zur Irreführung der öffentlichen Meinung bedient und wie stark der Glaube an den hritischen Endsieg erschüttert sein muss, wenn er solcher Stützen bedarf.

Endlich auch Portugal

Ausser der Pyrenäenrepublik Andora und Portugal ist bisher — wenn die Angaben von Reuter, Havas und United Press der Wahrheit entsprechen — vom nebligen Eismeer bis zu den blauen Wogen des Aegäischen Meeres kein europäischer Staat von deutschen Drohungen verschont geblieben. Bei Portugal gilt allerdings die Einschränkung, dass seine Kolonien sich angeblich schon oft in Gefahr befunden haben, selbst schon lange vor dem verhängnisvollen 3. September 1939. Nun aber soll auch das Mutterland unmittelbar gefährdet sein. Der Erfinder dieser neuesten Bedrohungsflüge scheint ein Herr Gerville Reache in London zu sein, ein Mitarbeiter der Havas. Er hatte am 3. 7. die lichtvolle Eingebung und schrie kühn, dass in Spanien sich unheimliche Dinge entwickelten und ein Spiel von Quertreibereien auf die Eimigung der Pyrenäeninsel abzielte, auf die Einverleibung Gibraltars und möglicherweise Portugals in einen pyrenäischen Einheitsstaat. Stunden nach seinen Angaben doch bereits 60.000 Deutsche in Spanien, eine Zahl, die sich nach Sarmento de Beires bis zum 27. 7. auf 120.000 Soldaten verdoppelt hatte. Die Entdeckung von Gerville Reache erfreute sich in einigen Blättern sofort der liebevollsten Aufmerksamkeit. Am 18. 7. wurde sie von United Press neu herausgestellt, und am 21. 7. lief bereits der erste grosse Artikel durch die Presse. Da heisst es u. a., dass man den Nazisten nicht trauen dürfe, jedermann wisse, wie Deutschland seine Versprechungen halte; von Salazar müsse man erwarten, dass er trotz seiner totalitären Neigungen Widerstand leisten werde, und nun blickt der Verfasser gleich in die dunkle Zukunft: Wir Portugiesen sind zu schwach, um uns in Portugal mit Erfolg zu verteidigen. Doch das tut nichts. Eine Regierung wird sich im Ausland bilden, und die portugiesische Fahne wird nicht besudelt werden, weil sich immer noch ein Stückchen portugiesischen Landes finden wird, in dem sich die freien Portugiesen zusammenschließen. „Die Herzen hoch! Vertraut und glaubt! Portugal wird nicht sterben!“ — Dass ein unabhängig denkender Portugiese sich um das Schicksal seines Vaterlandes Sorgen macht, ist nach den jahrhundertalten Erfahrungen mit seinem Verbündeten England durchaus verständlich. Hinter diesem leidenschaftlichen Ausbruch des Gefühls steckt aber etwas ganz anderes, als eine spanische oder deutsche Drohung. Das geht aus einer französischen und einer nordamerikanischen Aeusserung zur Genüge hervor. Am 18. 7. schrieb der „Paris Soir“, England bemühe sich, von Portugal die Genehmigung zur Einrichtung von britischen Luft- und Flottenstützpunkten auf dem portugiesischen Festland zu erlangen. Drei Tage später wurde aus Newyork ein Artikel von John Elbert in die hiesige Presse geleitet, der besagt, die Nachrichten über einen ge-

planten Einfall deutscher Truppen in Portugal hätten alle Anzeichen der Wahrscheinlichkeit für sich; das kleine Portugal werde sich aber verteidigen, und das deutsche Vorgehen werde in der ganzen Welt einen für Deutschland sehr nachteiligen Widerhall auslösen; insbesondere würden durch den Ueberfall deutscher Truppen auf das Vaterland des Camões die amerikanischen Interessen stark berührt; der Ueberfall bedeute eine Gefahr für die westliche Halbkugel; die Vereinigten Staaten müssten u. a. den Schutz der portugiesischen Kolonien übernehmen usw. — damit ist die Sachlage klar: die Meldung von der Bedrohung Portugals wurde verbreitet, weil England die streng neutrale Regierung in Lissabon zu irgendeinem Zugeständnis drängen will und weil daraus gleichzeitig sich ein neues Thema für die Hetze gegen das Deutsche Reich ergibt, für eine Hetze, durch die man in London die ibero-amerikanischen Völker und insbesondere Brasilien zu beeinflussen hofft. Sehr deutlich ist an diesem Beispiel schliesslich zu erkennen, wie eine derartige Phantasterei in die Welt gesetzt und von den Gefolgsleuten der Briten in den verschiedensten Ländern schnell und geschickt mit den lokalbedingten Zutaten politischer und gefühlsmässiger Art versehen wird. Diese Herren sind gut aufeinander eingespielt, und die meisten von ihnen würden sich im stillen freuen, wenn Portugal einen Hambro fände, der das Land sachte in den Krieg verwickelte. Doch daran dürfte weder den Deutschen, noch den Spaniern etwas gelegen sein.

Die britische Flugwaffe

Die hoffnungslose Unterlegenheit der britischen Flugwaffe gegenüber der deutschen ist in Norwegen und bei den grossen Kämpfen im Westen so eindeutig erwiesen worden, dass selbst die zuständigen englischen Minister sie offen zugeben mussten. Der Londoner Informationsdienst bemüht sich jedoch, den Eindruck der Tatsache und der ministeriellen Erklärungen abzuschwächen, und es ist sehr aufschlussreich, die dabei angewandten Methoden zu betrachten. Zunächst wurde unentwegt behauptet, die Ueberlegenheit der Deutschen beruhe ausschliesslich auf ihrer grossen Zahl; im Kampfe Mann gegen Mann und Flugzeug gegen Flugzeug sei der Brite seinem Gegner weit voraus. Dann wurden die Angaben über die britischen Erfolge bei den vorwiegend nächtlichen Einfügen in deutsches und besetztes Gebiet systematisch und masslos übertrieben, wie an Hand sorgfältiger Vergleiche der beiderseitigen Berichte leicht festzustellen ist. Man denke etwa an die von United Press verbreitete Behauptung, dass der ganze Hamburger Hafen zerstört und fast die gesamte Bevölkerung Hamburgs fortgeschafft worden sei. Ferner brachten nichtamtliche Nachrichtenquellen regelmässig Schilderungen von „Augenzeugen“ und anderen unmässigen Persönlichkeiten, nach denen die Deutschen über England und in der Kanalzone unerhörte Verluste erlitten hätten. So wusste Havas am 19. 7. aus London zu erzählen, dass „man“ die deutschen Verluste allein bei dem ersten Einflug am 16. Juni auf 132 Apparate (!) bezifferte, und die „Press Association“ beteuerte am 22. 7., dass Deutschland seit Kriegsbeginn 5000 Flugzeuge und 10.000 Flieger verloren habe und dass allein 2530 Flugzeuge von britischen Streitkräften vernichtet worden seien. Schliesslich wurden sehr wenig bescheidene Zahlen über die bevorstehende Hilfe aus Kanada, Australien und anderen fernen Ländern verbreitet, und als die Oeffentlichkeit auf diese Weise genügend vorbereitet erschien, folgten die kühnsten Schlussfolgerungen. „News Chronicle“ schilderte, nach Havas vom 13. 7., wie die hohen deutschen Beamten ihre Familien in das Protektorat und nach Polen schickten, um sie vor den englischen Bombenangriffen zu schützen und wie Zehntausende von Deutschen nach dem sicheren Osten flüchteten; sie dachte dabei sicherlich an den Transport von Kindern der englischen oberen Zehntausend nach Kanada, der nach Churchill infolge des Mangels an verfügbaren Schiffen ein so jähes Ende nahm. Das Schönste aber leistete „man“ sich am 17. 7. mit folgendem Telegramm: „Die britische Luftmacht hat durch ihre Offensive den Blitzkrieg gegen England bis heute verhindert.“ — Innerhalb eines Monats, in dem keine grossen Kampfhandlungen stattfanden, ist es also einer zielbewussten Verdrehungskunst gelungen, die Tatsachen vollständig zu entstellen. Dass die britische Heeresleitung diese Zeitspanne zum Ausbau ihres Flugwesens ausgenutzt hat, ist mit Wahrscheinlichkeit anzunehmen; dass aber der Reichsmarschall Göring inzwischen auch nicht geschlafen hat, dürfte niemand bezweifeln, und dass die Engländer in den Ruhezeiten stets den Mund übervoll genommen und dann im Augenblick des Kampfes die schwersten Niederlagen erlitten haben, steht nach Norwegen und Flandern schwarz auf weiss fest. Eine nahe Zukunft wird erweisen, was von dem erwähnten Gerede zu halten ist. Für die meisten Menschen bedarf es allerdings dieses Beweises nicht mehr.

(Continuação de 1.a pag.)
de tropas teutas possuiriam todos os visos de veracidade; entretanto, o pequeno Portugal defender-se-ia e o acto alemão encontraria

(Schluss von Seite 1).
zu erklären, die nach der Führerrede über einen Appell Eduards an seinen Bruder Georg laut wurden. Ebenso sagt man, dass der 80-jährige David Lloyd George heftig gegen Churchill arbeite und sich mit seinen Ansichten in steigendem Masse der öffentlichen Zustimmung erfreue. Lloyd George will unverzügliche Verhandlungen mit den Achsenmächten aufnehmen.
Gänzlich überflüssig ist jede Erörterung über die militärische Aktion an sich, die gegen die Inseln erfolgen wird, wenn der Führer es für gegeben erachtet. Uns allen ist

Don Staatssekretär a. D. Schr. von Rheinbaben

Deutschland und die westliche Hemisphäre

Im europäischen Kriege ist wiederum eine Uebergangsperiode eingetreten, in der auf der Grundlage der geschaffenen Tatsachen neue Entscheidungen reifen. Militärisch liegen die Dinge klar. Der ganze europäische Kontinent steht unter dem Einfluss der deutsch-italienischen Siege und orientiert sich entsprechend. Das wichtigste auf diesem Gebiete waren neben dem Anschluss Rumäniens an die Achsenmächte der völlige Verfall der Entente zwischen England und Frankreich infolge des feigen Ueberfalles britischer Schiffe auf die manövrierunfähig und teilweise entwafrnet in afrikanischen Häfen liegenden französischen Schiffe. Im kommenden neuen Europa wird es gewiss keine englisch-französische Entente mehr geben, wie sie 46 Jahre lang entscheidendes Merkmal der Machtverteilung gewesen ist. Symbolisch für die Zukunft ist die Tatsache, dass heute die deutsche Besetzung eines erheblichen Teiles französischen Gebietes ausdrücklich dem einen grossen Ziele der Niederkämpfung Englands dient. Ihm gelten die deutschen militärischen Vorbereitungen dieser Tage. Inzwischen schufen die zunehmenden Erfolge der deutschen Luftwaffe sowie der Kriegsmarine gegen die Insel und ihre Zufuhren die Parallele zu dem unablässigen Fortschritt der Zermürbung englischer Machtpositionen im Mittelmeer durch Italien. Das ungefähr ist die augenblickliche Lage, die sich naturgemäss jeden Tag durch neue militärische Ereignisse vorwärts zum Endziel, dem deutsch-italienischen Siege über England, fortentwickeln kann.

Politisch bleiben in solchen scheinbar etwas ruhigen Zeiten natürlich die Spekulationen. Ich könnte da von der törichtesten Behauptung sprechen, dass angeblich Sowjetrussland sich von Deutschland abkehre oder der abessinische Negus und der in Vergessenheit geratene Herr Benesch aus Prag neben so vielen anderen gefallenen Grössen als offizielle Bundesgenossen Englands anerkannt werden oder

em todo o mundo uma repercussão assaz desfavoravel para a Alemanha; com o assalto da Patria de Camões pelos soldados alemães seriam seriamente affectados sobretudo os interesses americanos; esse assalto representaria um perigo para o hemispherio occidental; os Estados Unidos da America do Norte deveriam assumir, entre outras, a protecção das colonias portuguezas, e assim por deante. Destarte se esclarece a situação toda: espalhou-se por todos os quadrantes a noticia de que Portugal estava sendo ameaçado, visto que a Inglaterra pretende forçar o governo rigorosamente neutro de Lisboa a uma concessão qualquer e dado que com isso se tem, simultaneamente, um novo thema para a campanha de intrigas contra a Alemanha, intrigas essas com que se espera em Londres influir no animo dos povos iberio-americanos e, notadamente, do Brasil. Nota-se, finalmente, neste exemplo, com toda nitidez, como uma phantasia desse jaez é divulgada pelo mundo e como ella se vê enriquecida, habilmente, pelos apaniguados dos bretões, nos diferentes países, os quaes lhe accrescentam complementos de cor local e de ordem politica e sentimental. Esses senhores trabalham em perfeito synchronismo e a maioria delles se regosijaria lá com os seus botões, se Portugal encontrasse um emulo de Hambro que envolvesse o paiz, suavemente, nesta guerra. Entretanto, nem a Alemanha nem tampouco a Hespanha têm o minimo interesse nisso.

A arma aérea britannica

A desesperança da inferioridade da arma aérea britannica, em cotejo com a alemã, ficou inequivocamente patenteada na Noruega e nos grandes combates no occidente europeu, tanto assim, que os proprios ministros competentes inglezes tiveram de confirmal-o em publico. O serviço de informações londrino esforça-se, contudo, no sentido de attenuar a impressão da realidade e das declarações ministeriaes. E' assaz elucidativo, considerarem-se os methodos que ahí entram em applicação. Antes de tudo affirmou-se, simplesmente, que a superioridade dos alemães consistiria, exclusivamente, no seu grande numero; na luta de homem contra homem e de avião contra avião, porém, o bretão levaria as lampas ao seu adversario. A seguir, as informações sobre os exitos britannicos registados nos raids sobre os territorios da Alemanha e dos países occupados, em sua

klar, dass nach Vorbereitung gewisser Küstengebiete durch die Flugwaffe, die deutschen Truppen in England landen werden und den Gegner schlagen, wo sie ihn treffen. Die Nervenkrise dürfte in London selbst bis zur Unerträglichkeit angespannt sein. Deutschlands Kraft dagegen ist gewaltiger und schlagkräftiger denn je. Der Führer hat das betont. Der Führer macht ganze Arbeit. Deutsche Bomben werden den britischen Bluff beendend, verjagen, zertrümmern, zerschlagen, einen historischen Bluff, den fast alle Völker der Erde jahrhundertlang mit Strömen von Blut bezahlen mussten. ep.

von anderen künstlich aufgebauehten Nichtigkeiten. Viel wichtiger als dieses Geschwätz erscheint mir ein Wort über Deutschlands Stellung zu den jüngsten Vorgängen auf dem amerikanischen Kontinent. So uninteressiert der Deutsche von heute die Nachrichten von dort entgegennimmt, so unglaublich bleibt er gewissen propagandistischen Behauptungen gegenüber. Zunächst ist der Gedanke unvorstellbar, dass die Vereinigten Staaten aktiv in den Krieg eintreten könnten. Deutschland kämpft ja für ein neues Europa und nicht gegen irgendein amerikanisches Interesse. Nach dem Wort des Führers: „Europa den Europäern“ würde ausserdem Deutschland jede Einnischung von aussen zum Scheitern bringen. Wie aus den Vereinigten Staaten angeblich immer mehr Waffen, vor allem Flugzeuge, nach England geliefert werden sollen, so wird erstens die deutsche Wehrmacht einen grossen Teil davon auf den Meeresgrund schicken und zweitens werden sie zu ihrem grössten Teil England zu spät für das Ergebnis dieses Krieges erreichen. Wesentlicher noch als diese Seite der augenblicklichen Beziehungen Deutschlands zur westlichen Hemisphäre sind jene Bestrebungen, Deutschland von der Wiederaufnahme seiner traditionellen wirtschaftlichen Beziehungen zu den Ländern Südamerikas abzudrängen. Wiederum kann ein Deutscher nicht glauben, dass diese Tendenz Erfolg haben könnte. Bei allem Streben nach wirtschaftlicher Unabhängigkeit des Reiches und vorausgesetzt auch, dass im neuen Europa unter deutscher Führung neue grosse Wirtschaftsräume entstehen und mit afrikanischen Kolonialgebieten eng verbunden sein werden, bleibt immer ein starkes deutsches Interesse übrig, den jetzt behinderten Güteraustausch mit den befreundeten südamerikanischen Staaten so bald wie möglich zu erweitern. Es ist vielleicht nützlich, diese ganz klaren vitalen Tatsachen und Ansichten gerade im gegenwärtigen Zeitpunkt vor Verfälschung zu bewahren.

mór parte levados a effeito á noite, passaram a ser exaggerados illimitada e systematicamente, conforme se o póde constatar facilmente, fazendo-se comparações cuidadas entre os boletins militares de lado a lado. Basta lembrar, por exemplo, a affirmação assoalhada pela United Press, segundo a qual todo o porto de Hamburgo estaria destruido e que quasi toda sua população havia sido evacuada. Além disso, fontes de informações não-officiaes forneciam, regularmente, narrações de „testemunhas oculares“ e de outras personalidades não-competentes, de que

Telephotographia de Salzburg — Depois de terem conferenciado com Hitler, em Munich, os ministros do Exterior da Italia e da Hungria, respectivamente, conde Ciano e conde Csaky, chegaram a Salzburg. A photographia mostra os ministros no momento ao se despedirem.



Bildtelegramm aus Salzburg. Nach dem Empfang beim Führer in München trafen der italienische Aussenminister Graf Ciano sowie der ungarische Aussenminister Graf Csaky in Salzburg ein. Unser Bild zeigt die Aussenminister von Ribbentrop, Graf Ciano, Graf Csaky und Ministerpräsident Graf Teleki, die sich von den politischen Leitern verabschieden.

constava, que os alemães haviam soffrido tremendas perdas sobre a Inglaterra e na zona do Canal da Mancha. Assim, a Havas noticiou de Londres, em 19-7, que „se“ calculavam as perdas alemãs, só na primeira incursão em 16 de junho, em 132 aparelhos (!). A „Press Association“ affirmou em 22-7, que desde o inicio da guerra a Alemanha teria perdido 5.000 aviões e 10.000 pilotos, e que só a arma aérea britannica teria abatido ou destruido 2.530 aparelhos. Foram divulgadas, finalmente, cifras que estavam longe de ser modestas e que se referiam aos auxilios em perspectiva a virem do Canadá, da Australia e de outros países longinquos. E uma vez que a opinião publica estava assim sufficientemente preparada, lá vieram as mais audaciosas conclusões. O „News Chronicle“ publicou, segundo telegramma da Havas, de 13-7, que os altos funcionarios alle-mães estariam enviando suas familias para o Protectorado da Bohemia e Moravia e para a Polonia, afim de pol-as a salvo dos ataques aércos inglezes, e que dezenas de milhares de alemães estariam fugindo para as regiões orientaes bem mais seguras. Sem duvida alguma o „News Chronicle“ se lembrou ahí do transporte dos filhos dos ricos inglezes para o Canadá, transferencia essa que, segundo Churchill, foi repentinamente interrompida, em virtude da falta de navios disponiveis. A cousa mais „gozada“, porém, foi desovada em 17-7, em forma do seguinte telegramma: „As forças aéreas britannicas impediram até hoje, graças á sua offensiva, a guerra relampago contra a Inglaterra.“ — Pelo que vemos, dentro de um unico mez, em que se não registaram grandes acções militares, os torcedores da verdade, que agem methodicamente, lograram deturpar completamente os factos. Deve-se admitir, como provavel, que as autoridades militares britannicas se valeram dessa relativa tregua para desenvolver sua ayação; da mesma forma, porém, ninguém porá em duvida, que entremetidos o marechal do Reich Goering tambem não terá ficado de braços cruzados. Convem frisar ainda, que nas épocas de tranquillidade os inglezes enchiam sempre o papo, alardeando isto e mais aquillo, para, na hora agá, soffrerem os mais tremendos revezes. Disso temos a prova, preto sobre branco, na Noruega e na Flandres. Um futuro bem proximo provará o valor que se poderá emprestar a toda essa basofia. Em verdade, a maior parte dos homens dispensa essa prova.

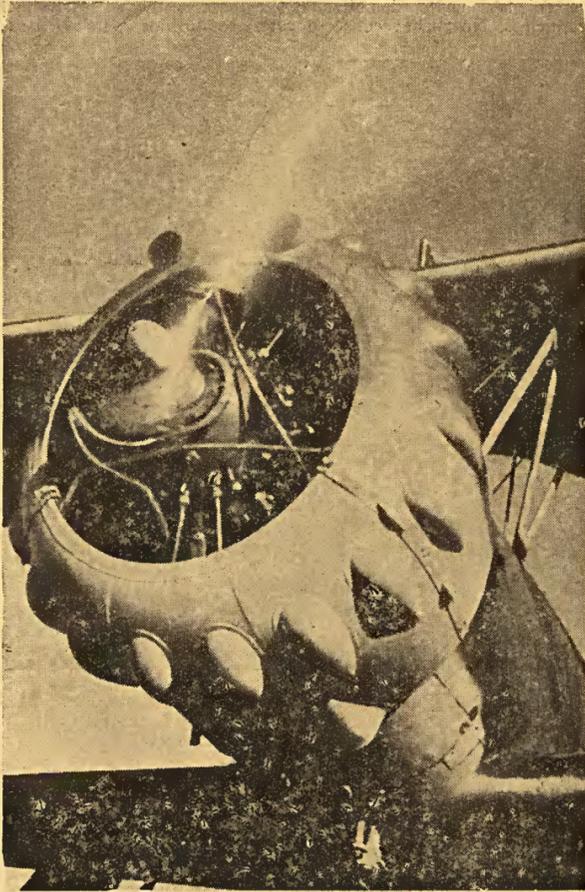
Berlin, 25. (T.-O.) — O Alto Comando do Exercito Alemão informa hoje ao meio dia: „Num ataque contra a costa sul da Inglaterra, uma de nossas lanchas-torpedeiras afundou, por torpedo, ao sul de Portland, um barco mercante inimigo armado de 18.000 toneladas.“

Apesar de tempo desfavoravel, aviões de bombardeio alemães atacaram barcos britannicos no Canal da Mancha e costa leste da Inglaterra, assim como instalações industriais no sudeste da Inglaterra e da Escocia. Conforme já se deu a conhecer, nestas operações foi destruido um comboio inglez de 5 barcos mercantes com um total de 17.000 toneladas. Foram igualmente atingidos em cheio tres navios mercantes com bombas de grande calibre, devendo-se contar com seu afundamento.

Foram tambem atacados entre outros objectivos a fabrica de aeroplanos „Vickers“, perto de Meybridge, ficando destruidos 4 aparelhos no sólo da fabrica. Varias instalações industriais, nas proximidades de Great Yarmouth e de Glasgow foram atacadas simultaneamente.

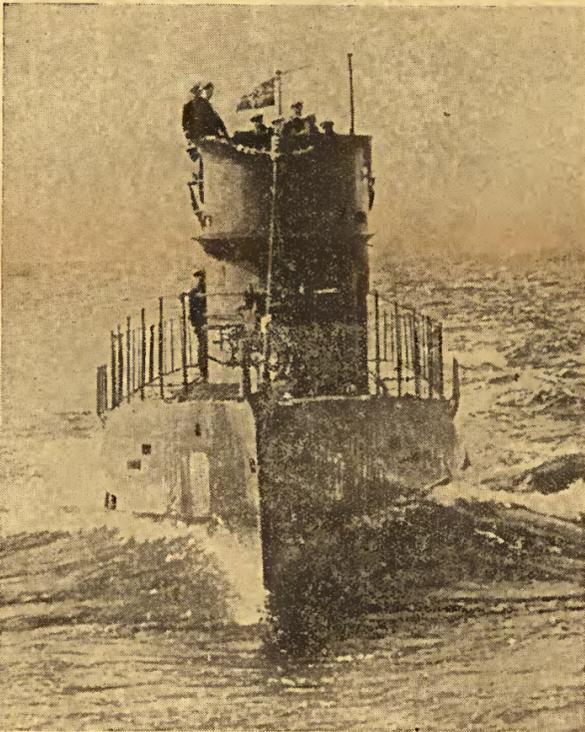
No transcorrer dos ataques a comboios britannicos, violentos combates se verificaram entre nossos caças e os inglezes, sendo derrubados 8 aparelhos inimigos. Na noite de 25-26 de julho, aviões inimigos novamente incursionaram sobre o norte da Alemanha

Bombardeiros de mergulho partem em busca do inimigo



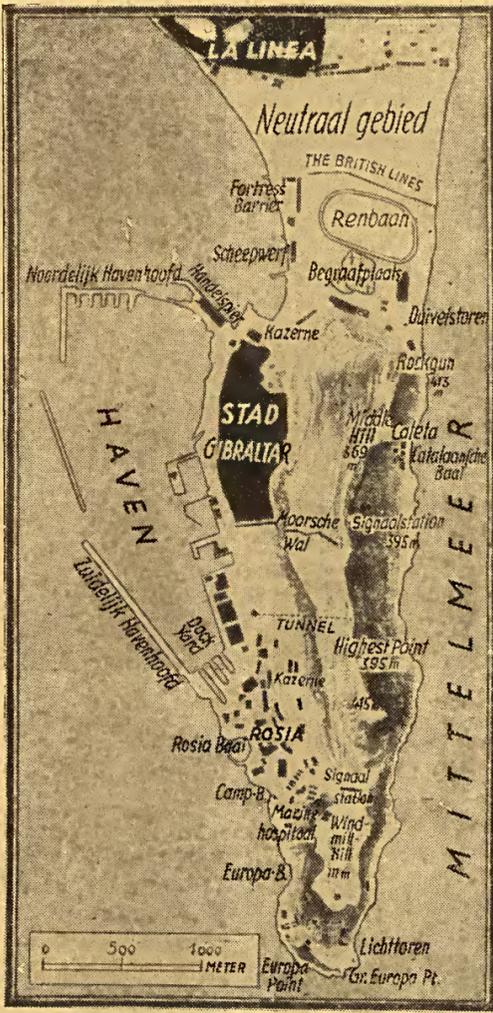
Sturzbomber starten gegen den Feind

Regresso de um submarino alemão de um longo raide



Deutsches U-Boot kehrt von der Fernfahrt heim

Carta geographica de Gibraltar



Karte von Gibraltar

Entrada das tropas alemãs em Paris



Einzug der deutschen Truppen in Paris

Deutschlands neueste gefährliche Waffe: Fallschirmjäger



A nova e perigosa arma da Alemanha: os caçadores paraquedistas

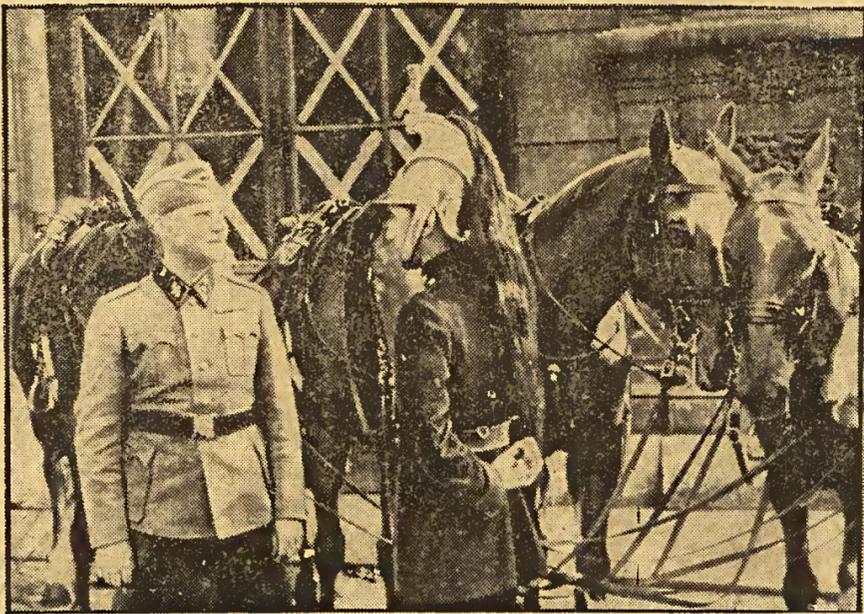
Da terra e do céu surgem, incessantemente, provocando espanto, as tropas teutas que rompem as linhas inimigas.



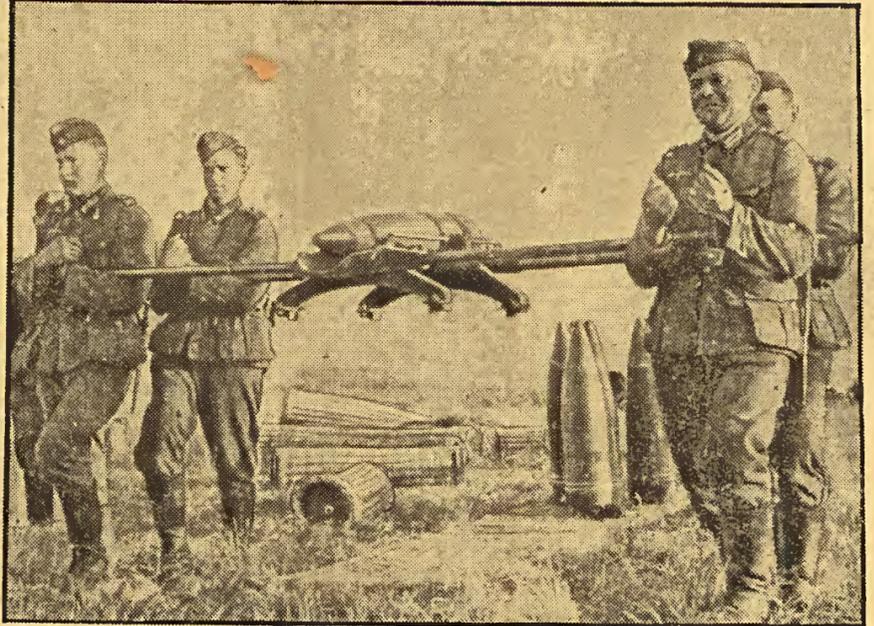
Aus der Erde und aus dem Himmel kommen immer wieder überraschend die deutschen Truppen und durchbrechen die feindlichen Linien.

O chefe de um corpo de arma alemã SS em palestra com um policia parisiense que continua, como em outros tempos, na sua tarefa de vigilancia da ordem publica.

Saudações acerasadas para o inimigo alemão — As granadas são conduzidas, carinhosamente, para o canhão, para que cheguem com segurança ao acampamento do adversario.

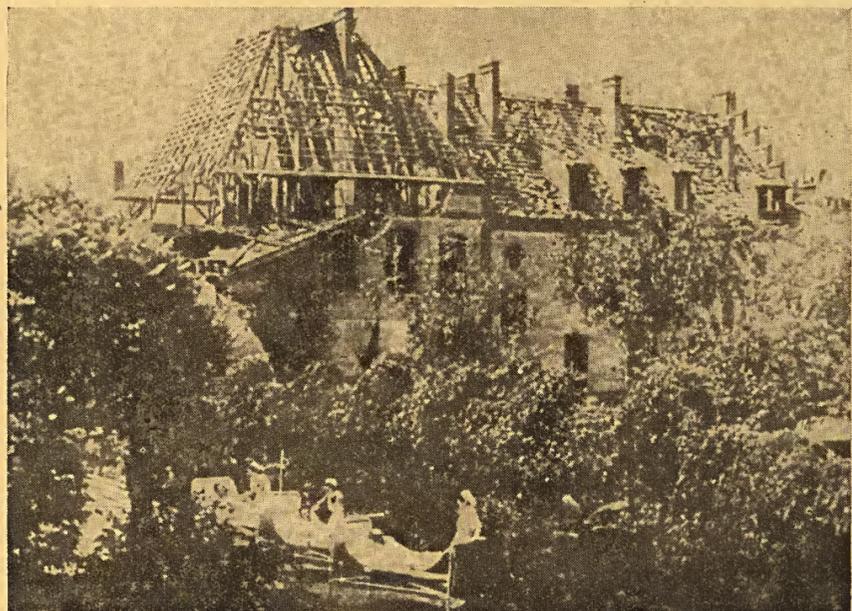


Ein Führer der Waffen-SS. im Gespräch mit einem Pariser Polizisten, der nach wie vor seinen Dienst zur Aufrechterhaltung der Ordnung versieht.



Eiserne Grüße für den Feind — Liebevoll werden die Granaten zum Geschütz transportiert, damit sie auch wirklich beim Gegner gut ankommen.

Ha pouco, os aviadores ingleses lograram lançar, pela primeira vez, bombas explosivas e incendiarias nos arredores de Berlim. Attingiram objectivos não-militares em Babelsberg, na capital allemã. Foi attingido por bombas inglesas o Hospital Municipal que no momento está servindo de lazareto e que foi seriamente damnificado, embora estivesse visivelmente identificado mediante uma cruz vermelha. Registraram-se victimas entre os doentes alli recolhidos e o pessoal do corpo de enfermeiros. No clichêvêm-se doentes conduzidos para o patco.



Kürzlich gelang es englischen Flugzeugen zum erstenmal, in der Umgebung von Berlin Spreng- und Brandbomben abzuwerfen. Sie trafen nichtmilitärische Ziele in Babelsberg bei Berlin. Unsere Bilder zeigen das städtische Krankenhaus, das zur Zeit als Lazarett dient und erheblich beschädigt wurde, obwohl es deutlich mit dem roten Kreuz gekennzeichnet ist. Es gab Opfer unter den Kranken und dem Pflegepersonal. Das Bild zeigt Kranke, die mit ihren Betten in den Garten geschafft werden mussten.

Enterro de pessoas civis, victimas de raides aéreos sobre a Allemanha

Efeito de bombardeios aéreos ingleses contra pacificas cidades e aldeias allemãs.



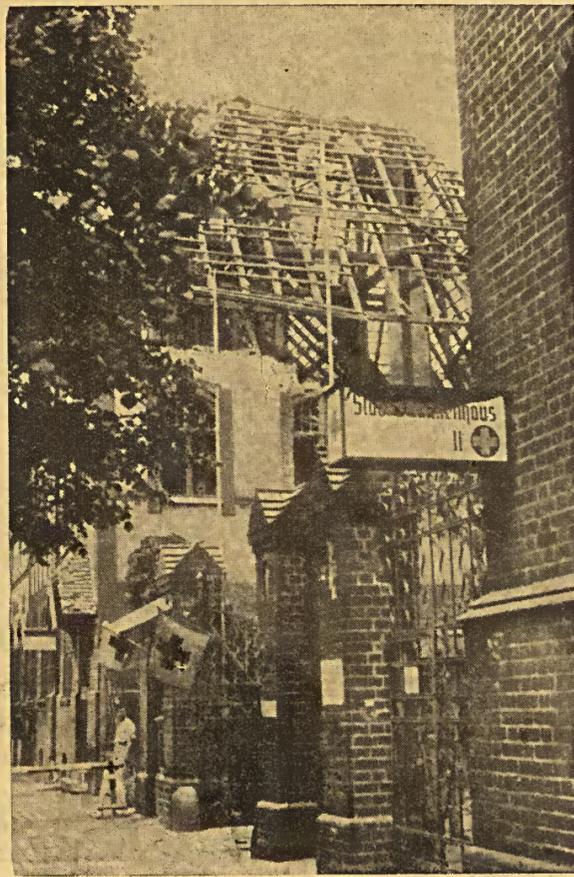
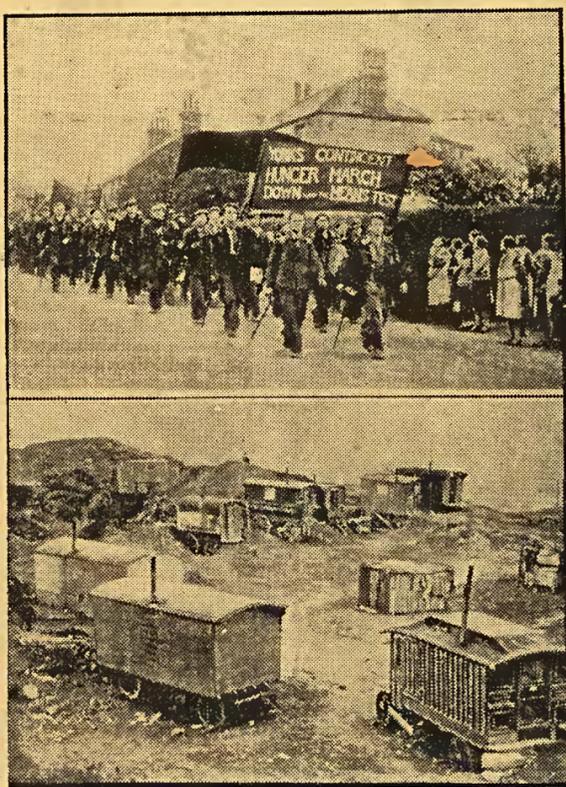
Begräbnis von Opfern aus der Zivilbevölkerung von Luftangriffen über Deutschland

Die Wirkung englischer Bombenangriffe auf friedliche deutsche Städte und Dörfer

Eis o effeito das armas allemãs — Columnas de automoveis francezes damnificados, em Gien, junto ao rio Loire. Esta guerra a Inglaterra vaé conhecer agora em seu proprio paiz.

Quadros de miseria no rico paiz plutocratico — Mesmo antes da guerra o governo inglez mostrou-se impotente para remediar a falta de trabalho e a miseria de suas massas populares. Como andarão então as cousas hoje?

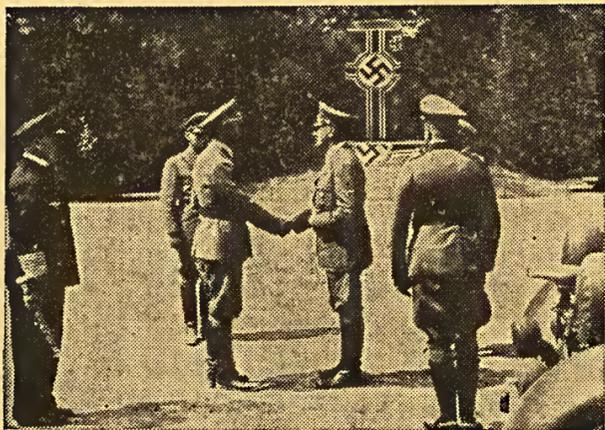
A photographia apresenta, no segundo plano, o predio da administração postal em Babelsberg, attingido por bombas inglesas, e, no primeiro plano, o Hospital Municipal



So wirken die deutschen Waffen; zerstörte französische Kraftwagenkolonnen in Gien an der Loire. Diesen Krieg wird England jetzt im eigenen Lande erleben.

Elendsbild aus dem reichen Plutokratenland — Schon vor dem Kriege vermochte die englische Regierung es nicht, Elend und Arbeitslosigkeit zu bannen. Wie mag es da erst heute aussehen?

Unser Bild zeigt im Hintergrund das von Comben getroffene Postamt in Babelsberg und im Vordergrund das städtische Krankenhaus, das zur Zeit als Lazarett dient.



A' esquerda:

As horas históricas de Compiègne — Hitler recebeu os cumprimentos do ministro do Reich Rudolf Hess, á sua chegada ao grande largo circular. Encontra-se, no fundo, o monumento de 1918, inspirado pelo ódio, coberto pelo pavilhão de guerra alemão.

Links:

Die historischen Stunden von Compiègne — Der Führer wird nach seiner Ankunft auf dem grossen Runden Platz von Reichsminister Rudolf Hess begrüsst. Im Hintergrund das durch die deutsche Reichskriegsflagge verdeckte Hassdenkmal von 1918.

A' direita:

Desfile da companhia de honra do batalhão do Fuehrer no grande largo circular na floresta de Compiègne. Vê-se, á direita, o carro-salão.

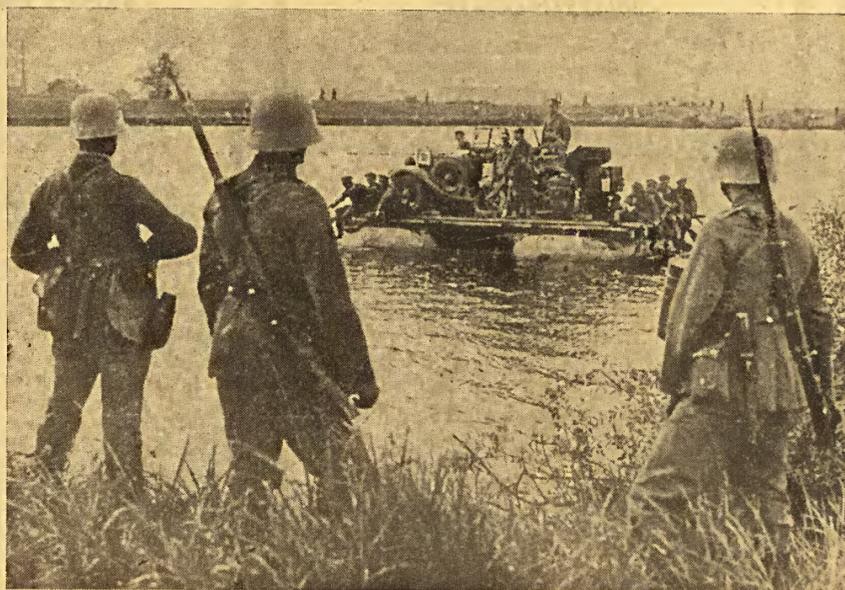
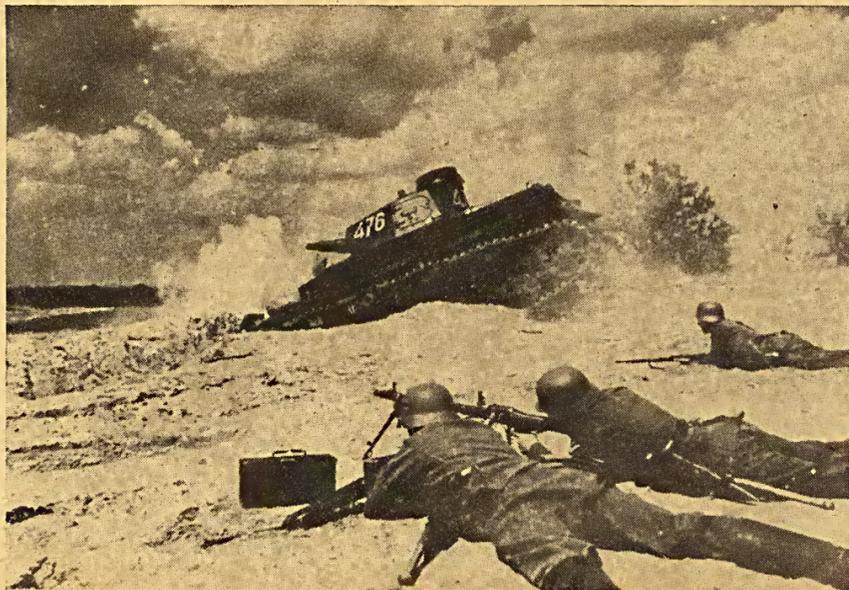
Rechts:

Aufmarsch der Ehrenkompanie des Führer-Begleitbataillons auf dem grossen Runden Platz im Walde von Compiègne. Rechts der Salonwagen.



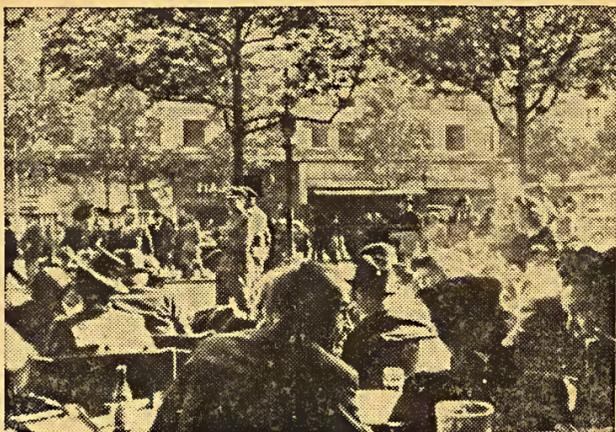
Carros blindados e infantaria alemães rompem a frente inimiga — Os carros de assalto alemães, velozes, fortemente blindados e excelentemente equipados conseguem abrir brechas mesmo nas frentes inimigas mais bem fortificadas. Acto contínuo, a infantaria, que lhes segue de perto as pegadas, ocupa o terreno conquistado com uma rapidez espantosa.

Forçou-se a passagem sobre um rio francez — Mediante saccos impermeaveis e pranchas foram construidas balsas, em tempo curtissimo e a titulo precario, em que se transportaram carros de assalto, mesmo de blindagem pesada, garantindo-se assim o avanço rapido das unidades do Exercito alemão.



Panzer und Infanterie durchbrechen die feindliche Front — Die schnellen, unerhört stark gepanzerten deutschen Kampfwagen mit ihrer starken Bewaffnung vermögen selbst die stärksten Feindfronten zu durchbrechen, und die ihnen unmittelbar folgende Infanterie besetzt dann schlagartig das neugewonnene Gebiet.

Der Uebergang über einen französischen Fluss ist erzwungen — Aus Flosssäcken und Bohlen wurden behelfsmässig in kürzester Frist Fähren gebaut, auf denen nun Kampfwagen und selbst Panzer übersetzen und so den weiteren schnellen Vorstoss der deutschen Heeresgruppen sicherstellen.



A' esquerda:

Nos boulevards de Paris — O movimento nas ruas da capital franceza já normalizou. Em toda parte vê-se entre a população parisiense o uniforme cinzento das tropas alemãs.

Links:

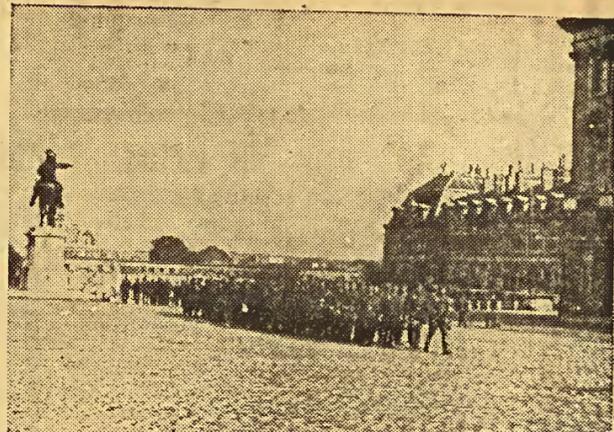
Auf den Boulevards in Paris — Das Leben auf den Strassen und in den Cafés der französischen Hauptstadt nimmt wieder seinen gewohnten Gang. Ueberall sieht man zwischen der Bevölkerung die feldgrauen Uniformen der deutschen Soldaten.

A' direita:

Entrada das tropas alemãs em Versalhes.

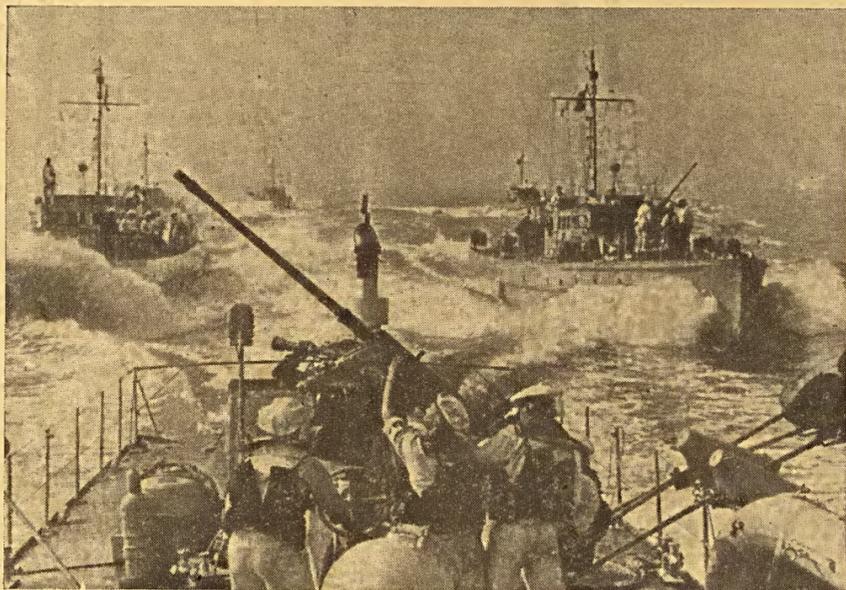
Rechts:

Einmarsch der deutschen Truppen in Versailles.



Barcos lança-torpedo rapidos alemães dominam o Canal da Mancha — Estas unidades modernas e particularmente perigosas da Marinha de Guerra alemã já registaram inumeros grandes exitos na luta contra a frota inglesa numericamente superior.

Peças anti-aéreas leves e pesadas alemãs conseguiram abater não apenas um numero consideravel de aviões aliados em suas incursões na Alemanha, pois comprovaram sua eficiencia, em alto grau, tambem como canhões anti-tanques e de ataque a casamatas inimigas.



Deutsche Schnellboote beherrschen den Aermelkanal — Diese neueste und besonders gefährliche Formation der deutschen Kriegsmarine hat im Kampf gegen die zahlenmässig weit überlegene englische Flotte bereits eine hohe Anzahl wichtiger Erfolge errungen.

Leichte und schwere Flugabwehrgeschütze erreichten nicht nur beträchtliche Abschusszahlen gegen einfliegende alliierte Flugzeuge, sondern bewährten sich auch als Panzerabwehr und gefährliche Gegner feindlicher Bunker im höchsten Masse.



Montag, den 22. begannen wir mit unserem traditionellen

Jahres-Ausverkauf

in welchem wir Baumwoll-, Woll- und Seidenstoffe, Damen- und Kinderkonfektion, Herrenartikel, Bade-, Tisch- und Bettwäsche, Möbel, Teppiche, Tapisserien etc., alles nur Qualitätswaren, die aus den grössten Fabrikationszentren Europas und Brasiliens stammen, zu ganz aussergewöhnlich reduzierten Preisen offerieren

Wollstoffe

MOUSSELAINE — leichter moderner Wollstoff für Kleider in versch. Modefarben, 80 cm breit, Meter statt 13\$ für . . . **11\$200**
 PETIT CARREAU — moderner, aparter Wollstoff, Grund blau, grenat royal u. marineblau mit delikaten Carré-Mustern, 80cm breit, Mt. statt 14\$8 für **13\$000**
 CREPLAINÉ — guter Wollstoff in verschiedenen Modefarben, 80 cm breit, Meter statt 16\$8 für . . . **13\$500**
 COTLAINE — starker Wollstoff in versch. modernen Farben, empfehlenswerte Qualität, 145 cm breit, Meter statt 32\$ für . . . **27\$000**
 PIED POULE — erstklassiger Wollstoff, letzte Neuheit in verschiedenen diskreten Farbtönungen, 140 cm breit, Meter statt 45\$ für . . . **39\$000**
 BAYADERE — hochmoderner Wollstoff bester Qual., in verschiedenfarbig modernsten Streifenmustern, 120 cm breit, Meter statt 78\$ für . . . **68\$000**

Baumwollstoffe

ESCOCEZ, origineller Baumwollstoff, im Aussehen wie guter Wollstoff, 75 cm breit, Meter statt 3\$ für . . . **2\$600**
 ETAMIN — in hübschen modernen Mustern in den Grundfarben rosa, blau, rot, grün und hellblau, 80 cm breit, Meter statt 3\$8 für . . . **2\$700**
 BATIST — dunkle Grundfarben mit hübschen, dezenten Blumenmustern, 80 cm breit, Meter statt 4\$2 für . . . **3\$700**
 FROTTE — in verschiedenen hellen Modefarben, 80 cm breit, Meter statt 5\$ für . . . **4\$200**
 CORDLINE — in lebhaften kleinen farbigen Dessins, sehr in Mode, 80 cm breit, M. statt 5\$4 für **4\$200**
 BARCHENT — in hübschen farbigen Mustern, sehr geeignet für Peignoirs, 80 cm breit, Meter statt 5\$8 für . . . **4\$400**
 GRANULÉ — hochmoderner griffiger Baumwollstoff, sehr geeignet für Sportkleider, 80 cm breit, Meter statt 7\$2 für . . . **5\$800**

Herren-Artikel

OBERHEMDEN — aus bestem Popelin, weisser Grund mit modernem Muster von feinen Streifen, mit festem Kragen, statt 28\$. . . **23\$000**
 OBERHEMDEN — aus bester Tricoline, mit natierblauen Grund und weissen Streifen, mit festem Kragen, statt 29\$5 für . . . **24\$500**
 OBERHEMDEN — aus „Rayone“, dem neuen seidenähnlichem und schmiegsamem Gewebe von feinem Aussehen in den Farben: grau, beige, blau, grün u. rosa, mit festem Kragen, statt 72\$ für . . . **58\$000**
 OBERHEMDEN — weiss, aus bestem Popelin, m festem oder separaten Kragen, statt 28\$ für . . . **23\$000**
 PYJAMAS — aus bester Popeline, weisser Grund mit feinen, farbigen Streifen, statt 42\$ für . . . **35\$000**
 PYJAMAS — aus bester Tricoline, blauer Grund mit weissen Streifen, statt 48\$ für . . . **39\$000**
 PYJAMAS — aus bester Tricoline, Grund blau, beige und grau mit farbigen Streifen, statt 55\$ für **41\$000**
 TASCHENTÜCHER — aus bestem weissen Baumwollstoff, 1/2 Dutzend statt 13\$ für . . . **10\$500**
 TASCHENTÜCHER — aus bestem Batist, weiss oder farbig, 1/2 Dutzend statt 16\$ für . . . **12\$500**
 TASCHENTÜCHER — modernste farbige Dessins, Qualitätsartikel, 1/2 Dutzend statt 20\$ für **16\$500**
 statt 21\$ für . . . **17\$500**
 UNTERHOSEN — aus weissem Popelin, statt 13\$5 für . . . **11\$000**
 UNTERHOSEN — aus weissem Batist Rayé, statt 14\$5 für . . . **12\$000**
 UNTERHOSEN — aus weisser, bester Tricoline, statt 18\$ für . . . **15\$000**
 KRAWATTEN — aus bester Seide, Riesenauswahl in den modernen Dessins und Farben.
 Reichhaltigste Auswahl in Herren-Socken, Hosenträgern, Sockenhaltern, Gürteln, Unterhemden, Leibchen, usw., zu ganz bedeutend herabgesetzten Preisen!

Teppiche

LA PAZ TEPPICHE — preiswerter Teppich in guter Qual., in schönen orientalischen Mustern mit Fransen
 50x100 cm, statt 33\$ für . . . **27\$000**
 60x125 cm, statt 55\$ für . . . **44\$000**
 80x100 cm, statt 90\$ für . . . **74\$000**
 130x200 cm, statt 175\$ für . . . **145\$000**
 160x230 cm, statt 260\$ für . . . **210\$000**
 200x300 cm, statt 425\$ für . . . **350\$000**
 DELTA-TEPPICHE — doppelseitig mit gleichen originellen schottischen Dessins, speziell für Schlafzimmer, waschbar, in rosa, bl-u, beige und briqué
 60x110 cm, statt 44\$ für . . . **36\$000**
 85x160 cm, statt 90\$ für . . . **75\$000**
 140x200 cm, statt 200\$ für . . . **175\$000**
 LINDO TEPPICHE — hochfluriger Qual.-Teppich aus reiner Wolle, in modernen, aparte Mustern, Grund fraise, blau und grün mit beigefarbigem Rand
 60x120 cm, statt 78\$ für . . . **60\$000**
 90x180 cm, statt 175\$ für . . . **135\$000**
 90x350 cm, statt 320\$ für . . . **260\$000**
 140x700 cm, statt 275\$ für . . . **235\$000**
 200x250 cm, statt 490\$ für . . . **420\$000**
 200x300 cm, statt 590\$ für . . . **510\$000**
 AXMINSTER-TEPPICHE, erstklass. Teppich in schönen Perser- und mexikanischen Mustern aus reiner Wolle
 55x115 cm, statt 70\$ für . . . **58\$000**
 140x200 cm, statt 320\$ für . . . **258\$000**
 170x240 cm statt 475\$ für . . . **390\$000**
 200x300 cm, statt 670\$ für . . . **570\$000**
 ANKARA TEPPICHE — Ia Wilton Qual. aus reiner glänzender Wolle in originellen Perser-Mustern mit Fransen
 60x120 cm, statt 98\$ für . . . **83\$000**
 90x180 cm, statt 230\$ für . . . **188\$000**
 140x200 cm, statt 385\$ für . . . **325\$000**
 170x240 cm, statt 565\$ für . . . **468\$000**
 200x300 cm, statt 825\$ für . . . **690\$000**
 250x350 cm, statt 1:200\$ für . . . **1:000\$000**

Auf alle im Preise nicht reduzierten Waren gewähren wir 10 Prozent Rabatt!

Seidenstoffe

Einfarbige Seiden

CRÉPE FLAMANO — in hübschen Farben, 75 cm breit, M.ter statt 10\$3 für . . . **8\$600**
 CRÉPE MERVEILLE — in verschied., hochmodernen Farben, 90 cm breit, Meter statt 16\$ für **10\$500**
 CRÉPE MATT — beste Qual. in feinen Farben, 90 cm breit, Meter statt 16\$5 für . . . **14\$000**
 MAROCAIN — in verschiedenen Farben der letzten Mode, empfehlenswerte Qualität, 90 cm breit, Meter statt 18\$ für . . . **15\$800**
 MOUSSELINE BRODÉ — Hervorragend gute Qual., eine wirklich feine Seide, 90 cm breit, Meter statt 30\$ für . . . **25\$000**
 90 cm breit, Meter statt 39\$ für . . . **30\$000**
 JERSEY-SEIDE — in verschiedenen feinen Farben, geeignet für Wäsche und Kleider, 100 cm breit, Meter statt 36\$ für . . . **25\$000**

Gemusterte Seiden

MOUSSELINE RAYÉ — schwarz, marineblau und bleu mit weissen Streifen, 75 cm breit, Meter statt 10\$5 für . . . **9\$000**
 FACONÉ — schwarzer Grund mit delikaten Blumenstrass-Dessins, 80 cm breit, Meter statt 13\$8 für . . . **10\$800**
 CRÉPE FLOREADO — gute Qualität mit hübschen zarten Blumen-Dessins, 80 cm breit, Meter statt 17\$ für . . . **12\$000**
 CRÉPE FANTASIE — gute Qualität und originelle und modernste Dessins, 80 cm breit, Meter statt 18\$ für . . . **12\$500**
 BURETTE — hochwertige naturfarbige Seide mit delikaten Dessins bestickt, 80 cm breit, Meter statt 29\$ für . . . **17\$500**

Damen-Leibwäsche

NACHTHEMDEN — ohne Ärmel, aus gutem Opal verschiedenen Farben, Grösse 42 und 44, statt 19\$5 für . . . **17\$000**
 Grösse 46 und 48, statt 20\$5 für . . . **18\$000**
 NACHTHEMDEN, mit kurzen Ärmeln, aus Opal in hübschen Pastellfarben mit Handstickerei Grösse 42 und 44, statt 2\$ für . . . **25\$000**
 Grösse 46 und 48, statt 30\$ für . . . **26\$000**
 NACHTHEMDEN — ohne Ärmel aus farb. Batist, mit Applikation und weisser Einfassung Grösse 42 und 44, statt 21\$5 für . . . **19\$000**
 Grösse 46 und 48, statt 23\$ für . . . **20\$500**
 NACHTHEMDEN — mit langen Ärmeln, aus gutem Batist in verschiedenen Farben Grösse 42 und 44, statt 23\$5 für . . . **21\$000**
 Grösse 46 und 48, statt 25\$ für . . . **22\$500**
 PYJAMA — aus geraubtem Trikotstoff, rosa, grün, hellblau und lachs, Mit langen Ärmeln, Grösse 42 und 46, statt 32\$ für . . . **27\$000**
 NACHTHEMDEN — aus Kunstseidentrikot, rosa u. hellblau Grösse 40 bis 46, statt 50\$ für **39\$000**
 UNTERRÖCKE — dazu passend, statt 30\$ f. **26\$000**
 BEINKLEIDER — dazu passend, statt 18\$ f. **16\$000**
 BEINKLEIDER — baumw. Trikot, kurz, rosa, lachs, hellblau und weiss Grösse 42—48, statt 8\$ für . . . **7\$200**
 BEINKLEIDER — baumw. Trikot, mit Gummizug in den Beinen Grösse 60—65, Stück für . . . **5\$400**
 Grösse 70—75, Stück für . . . **6.300**
 Grösse 80, Stück für . . . **6\$800**
 UNTERHEMDEN — weisser Trikot (Marke Hering) ohne Ärmel, statt 6\$2 für . . . **5\$400**

Innen - Dekorationen

ETAMIN „BOUTONE“ — helle Grundfarben mit Querstreifen in blau, rot, grün und gelb, 130 cm breit, Meter statt 7\$200 für . . . **5\$8000**
 BAUMWOLL-RIPS „BULGARIA“ — beste Qual., mit Querstreifen in Terracota, beige, blau u. grün, 80 cm breit, Meter statt 7\$500 für . . . **5\$800**
 BAUMWOLL-RIPS — sehr dekorativer Artikel, beigefarbiger Grund mit Längsstreifen grün, blau u. weinrot, indanthrengefärbt, 130 cm breit, Meter statt 11\$500 für . . . **8\$500**
 RIPS „CRESCO“ — ausgesuchte Qualität, einfarbig in rot, beige, grün und blau, 150 cm breit, Meter statt 20\$000 für . . . **15\$500**
 TAFFIA-MÖBEL für Diele, Terrasse u. Wintergarten GRUPPE — bestehend aus 1 Sofa, 2 Sessel und Tischchen, statt 320\$000 für . . . **275\$000**
 EINZELSESSEL, statt 110\$000 für . . . **93\$000**
 statt 90\$000 für . . . **76\$000**
 BANK im Kolonialstil, statt 35\$000 für . . . **28\$000**
 SITZ-GARNITUR — bestehend aus 1 Sofa und 2 Sesseln, Sitz und Rücklehne mit geeignetem Möbelstoff gut gepolstert, statt 1:200\$000 für . . . **985\$000**
 TISCH dazu passend, aus Imbuia, statt 255\$ f. **220\$000**
 LAMPENSCHIRM-STÄNDER — gute, moderne Eisenarbeit, mit Abat-Jour aus Pergamin, statt 450\$ für . . . **380\$000**
 TEE-WAGEN — aus dunkler Imbuia und Jacarandá, mit starker Glasplatte, statt 198\$000 für . . . **170\$000**
 RUHE-SESSEL „WALTER“ mit gutem Möbelstoff gepolstert, statt 480\$000 für . . . **345\$000**

Schädlich, Obert & Cia.
 Caixa postal 177 u. 2730

Verkauf nur gegen bar!

Rua Direita 162-190
 Telegr.-Adresse: Casalla

Schützenketten stürmen vor

Granaten bahnen ihnen den Weg

8. Juni. — Seit fünf Uhr morgens rollt der deutsche Angriff. In zügigem Vorgehen war der erste feindliche Widerstand gebrochen worden. Dann aber hat der Franzose alle zur Verfügung stehenden Kräfte eingesetzt und verteidigt sich mit einer unglaublichen Zähigkeit. Die Dörfer sind zu Festungen ausgebaut, davor liegt die deutsche Infanterie und versucht immer wieder vorzustoßen, was jedoch ohne Unterstützung der schweren Waffen unmöglich ist. Seit Angriffsbeginn hat unsere Batterie bereits dreimal die Stellung gewechselt. Jetzt wird sie auf ein neues Ziel angesetzt, nämlich den Ort X...

Vom Granatrichter bis zur nächsten Bodenwelle springen in einem Hops. Vom Waldrand her feuert ein feindliches MG, Scharfschützen müssen auf den Bäumen in nächster Umgebung sein. Dauernd umsummt es uns, wie wenn ein Bienenschwarm losgelassen worden sei. Mit schnellen Griffen wird ein Loch in die Erde gegraben. Der Oberleutnant packt selbst mit an. Kurze Zeit später liegt bereits ein Kabel zur Feuerstellung der Batterie. Zwei Meter rechts von uns hat sich der Feldwebel eingegraben und sucht nun mit dem Doppelglas das Feld ab. Zehn oder zwanzig Meter vor uns liegt Infanterie und wartet voller Spannung auf unseren Feuersegen.

Das Telefon scheppert kurz. „Eine Salve auf 2400!“ Ueber uns ziehen die Granaten pfeifend und jaulend. Drüben spritzen Erdfontänen hoch. Ein Haus steht sofort in hellen Flammen, bricht gleich darauf zusammen. „20 mehr, die nächste Gruppe als Salve!“ Unsere Einschläge liegen wunderbar.

Wir sind noch keine zwanzig Minuten in Stellung gegangen, da tastet auch schon der Feind nach uns. Eine Granate nach der anderen setzt er in unsere Umgebung. Der feindliche Beobachter hat gut gesehen. Wir bleiben ihm die Antwort nicht schuldig. Salve auf Salve rauscht hinüber. Noch tiefer wühlen wir uns in den Boden ein, um vor den Splittern einigermassen sicher zu sein. Immer noch nicht konnten wir die feindliche Batterie ausmachen. So kreuzen sich unsere Geschosse mit denen des Feindes ohne Unterbrechung. Pausenlos wird gefeuert. Neben uns wird die Erde aufgewühlt, wie wenn ein Pflug durch die Felder ginge. Trotz der ungemütlichen Lage werden genau die Beobachtungen verzeichnet. Jetzt müssen wir auch die Stellung der feindlichen Batterie haben. Einige Salven, das feindliche Feuer verstummt.

Plötzlich hebt über uns ein heftiges Knattern an. Im Sturzflug nähern sich zwei Flugzeuge aus grosser Höhe dem Boden. Sofort erkennen wir einen französischen Aufklärer und einen deutschen Jäger. Wir wissen nun auch, warum die Schüsse der feindlichen Batterie so gut lagen. Der deutsche Jäger aber feuert nun auf den Franzosen, was er nur kann. Wie er sich auch dreht und wendet, seine Maschine hochzieht, dann wieder in steilem Sturzflug der Erde zubraust, immer ist der Jäger hinter ihm. Für kurze Augenblicke ist der übrige Kampflärm völlig verstummt. Alles schaut voller Spannung dem Luftkampf zu. Wir sehen weisse Rauchfäden sich von Maschine zu Maschine spinnen. Dann aber hat der Franzose Feuer gefangen. Noch einmal bäumt er sich auf, wie ein waidwundes Tier, stürzt dann aber brennend über dem Wald ab.

Sofort braust der Kampflärm in voller Stärke auf. Wieder feuert eine feindliche Batterie auf unsere Infanterie. An der Strippe zerrt der Oberleutnant und hat keine Verbindung mehr. Leitung zerschossen, ist seine sofortige Feststellung. Ein Nachrichten geht auf die Suche. Mit allergrösster Ruhe geht es an die Arbeit. Ihn stört nicht das verwirrende Summen der MG- und Gewehrketten. Wenn es einmal ganz dick kommt, legt er sich in einen Trichter, sucht im nächsten Moment aber schon wieder weiter.

Von drüben kommt ein Feuer wie toll. Und alles konzentriert sich auf den einen Mann, der mit aller Seelenruhe nun darangeht, seine Leitung zu flicken. Er scheint fertig zu sein. Es ist aber auch die höchste Zeit. Geduckt kommt er an, lässt sich in den Graben fallen und schnauft sich aus. Tiefe Erregung ist auf seinem Gesicht verzeichnet, in kleinen Perlen rinnt der Schweiß von seiner Stirne.

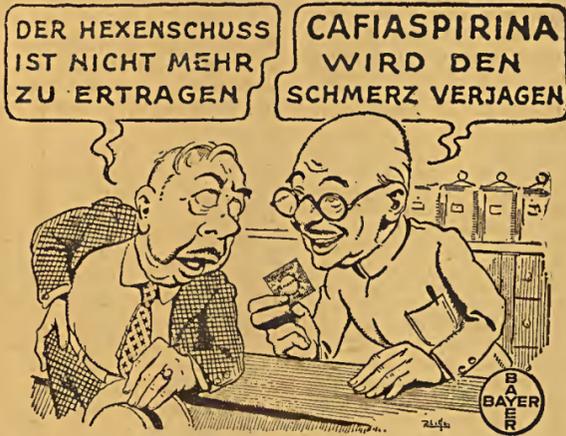
Der Oberleutnant ruft mir zu, dass in dem grossen Haus an der Strasse ein ganzer Haufen Franzosen stecke. Vermutlich sei dort auch das MG und der Granatwerfer. Zwischen den einzelnen Feuerkommandos ruft er mir über den Grabenrand einige besonders markante Erlebnisse zu, die sie seit Beginn des Feldzuges hinter sich haben... Mit der grössten Seelenruhe raucht er dabei seine Pfeife, knabbert ein paar Kekse. — Vor uns taucht die Gestalt eines jungen Leutnants auf. „Wir brauchen dringend Feuer auf jene Hecke. Da liegen zwei MG und ein Granatwerfer dahinter. Ausserdem befindet sich dort eine Schützenkette!“ Sofort wird das neue Ziel genommen. „Wir werden denen mal eine Salve auf den Balg knallen, dann gibt es

gleich Ruhe!“ Die ersten Schüsse sitzen. Deutlich hören wir den Schmerzensschrei der Getroffenen. Und doch, kaum setzen die Unsrigen zum weiteren Vorgehen an, da rattert wieder von allen Seiten.

„Sanitäter nach vorne!“ Wir geben den Spruch durch von unserer B-Stelle „Bratfisch“ nach dem Verbandplatz. Eine Weile später sehen wir drüben auf der Strasse, die unter dauerndem feindlichen Artilleriefeuer liegt, einen Kradfahrer heraufkommen. Kurz vor der Linie biegt er ab und kommt direkt auf uns zu. Ueber das Kartoffelfeld jagt er her. Einmal geht es ganz steil ab, wir glauben schon, der Fahrer samt seiner Maschine stürzt um. Durch das Glas können

wir sehen, wie er weit herüber fährt bis zu einer kleinen Baumgruppe, dort hält er und arbeitet sich dann zu dem Verwundeten heran. Auf dem Rücken trägt er den Schwerverletzten zum Krad, verbindet ihn notdürftig und jagt dann wie der Teufel zurück. Die Geschosse gar nicht achtend, die um ihn herum spritzen.

Noch einmal wird das ganze Gelände durchgekämmt, und wo sich auch nur ein verdächtiger Punkt zeigt, wird schwerstes Feuer darauf gelegt. Die Häuser am Dorfrand brennen schon längst lichterloh. Die Verluste der Franzosen müssen sehr gross sein. Unsere Feuerwalze hat ihre Pflicht getan. Die Infanterie geht weiter vor. Eine Leuchtkugel steigt schon am Waldrand hoch. Wir riegnen nun die Zufahrtsstrassen ab. Wenig später wird die Stellung der Batterie wiederum vorverlegt, um den Rückzug des Feindes zu stören, der nun nimmer zur Ruhe kommen wird. **Kriegsbericht Herbert Dörr**



Bestehen Sie auf Cafiaspirina Tabletten in der schützenden Cellulosepackung.

• Um die furchterlichen Schmerzen, durch „Hexenschuss“ verursacht, zu beheben, nehmen Sie Cafiaspirina; denn es bringt Ihnen nicht nur schnell Erleichterung sondern stellt Ihr Wohlbefinden wieder her. Cafiaspirina ist ein Bayer Präparat... und Sie wissen es ja schon: „Wenn es Bayer ist, so ist es gut.“

• Reagen Sie vor. Haben Sie stets Cafiaspirine zur Hand!

CAFIASPIRINA gegen Schmerzen

Einer wahren Begebenheit an der Westfront 1940 nacherzählt:

„Befehl ausgeführt“

„Setz dich nicht unnützlich der Gefahr aus, Peter. Denk an deine beiden Kinder!“ Während der Pionier Suter durch den frischgefallenen knietiefen Schnee zum Rhein hinüberstapft, kommt ihm die Erinnerung an die Abschiedsstunde daheim, an den Jungen, der sich mit grossen, verstehenden Augen an den ausziehenden Vater drängte, an das vernünftige krähende Etwas in der Wiege und an seine tapfere kleine Frau nicht aus dem Kopf. „Tue deine Pflicht da draussen — denke an uns!“ sagte sie mit fester, zuversichtlicher Stimme und gab ihm erst frei, als der Zug anrollte.

Ihm ist, als lägen viele Wochen zwischen heute und jener Stunde, und doch sind kaum acht Tage verflossen, seit er den Befehl erhielt, sich bei seiner Truppe zu stellen. Diese acht kurzen Tage aber haben so viel Neues in das bisher so gleichförmige Leben des Peter Suter gebracht, dass er ihm noch immer ein wenig benommen gegenübersteht. Da war zunächst die Einkleidung, dann die achtundvierzigstündige Fahrt zur Grenze am Oberrhein, das Freundschaftsschiessen mit den Kameraden, dem Bunker, den ungewohnten Verhältnissen und schliesslich das Einstellen auf die Fülle von Arbeiten, die den Pionier am Westwall erwarteten. Er zählt nicht mehr zu den Jüngsten. Seine Rekrutenzeit fiel in die letzten Monate des grossen Ringens 1918. Deshalb wird ihm der Dienst schwerer als manchem seiner Kameraden.

Trotzdem schätzt ihn der Hauptmann als einen der Gewissenhaftesten und Tüchtigsten in der Kompanie und überträgt ihm mit Vorliebe die Aufgaben, an deren peinlich genauer Ausführung besonders viel gelegen ist. Mit einem solchen Auftrag hat sich der Pionier Suter auch heute früh bei seinem Bunkerkommandanten abgemeldet. Es geht darum, die gestörte Fernsprechkleitung vorn sachgemäss wieder herzurichten, und zwar trotz Schnee und Eis und trotz des Fran-

zosen, dessen Tätigkeit sich seit gestern wieder verstärkte. Der Mann, der sich mit Stahlhelm und Gewehr, mit Gasmaske und Handwerksgerät über das weisse, von Laufgräben zerfurchte Feld vorankämpft und sich immer wieder mit dem harten Handrücken die feuchten Flocken aus dem Gesicht reiben muss, kennt diese Schwierigkeiten. Aber er weiss auch, warum gerade er für diese Aufgabe ausersehen wurde, und ist stolz auf den Befehl, den er mit sich trägt.

In guter Deckung pirscht er sich mit Hilfe von Karte und Marschkompass an seinen Arbeitsplatz. Zu seiner Linken breitet sich das Vorfeld des Westwalls mit seinen eisbedeckten Tümpeln, den tiefverschneiten Bunkern und den zierlichen Laufstegen, die seine Kameraden im vergangenen Herbst als Brücken über das Altwasser des Rheines schlugen, wie eine Märchenlandschaft. Aber der einsame Pionier hat wenig Sinn für ihre Schönheit. Er weiss, dass dieser Friede trügt und dass dreihundert Schritte vor ihm die Läufe französischer Maschinengewehre auf

den warten, der unvorsichtig die Deckung verlässt.

Jetzt hat er sein Ziel erreicht. Schwarz wie ein Strich hebt sich der Mast, an dem die Störung ist, vom grauen Himmel ab. Es wird heisse Mühe kosten, überhaupt erst einmal hinaufzukommen, und es wird noch schwieriger sein, sich oben zu halten. Bedächtig schnallt er die Steigeisen fest, dann wirft er mit einem Ruck den Werkzeugkasten über den Rücken und klettert vorsichtig Meter um Meter an dem eisverkrusteten Stamm empor. Seine ganze Aufmerksamkeit gilt seiner Aufgabe.

Während er vorsichtig den Behälter nach vorn balanciert, fliegt sein Blick hinüber zum Strom. Dort auf dem anderen Ufer duckt sich das französische Panzerwerk hinter die Böschung, aus dem sie heute nacht wie wild auf die deutschen Stellungen knallen. Ob sie den versäumten Nachtschlaf jetzt nachholen?

Eine mächtige Pappel schiebt sich zwischen ihn und das kleine drohende Fort. Ob sie ihn so verbirgt, dass er seinen Auftrag in aller Ruhe erledigen kann? Oder ob man ihn drüben längst gesehen hat und sich nur Zeit lässt mit dem Zielen, um ihn so sicherer von seinem luftigen Sitz herunterzuholen?

„Setz dich nicht unnützlich der Gefahr aus!“ hört der Mann eine Stimme aus dem Klirren der Drähte. Unnützlich? Vom Gelingen seiner Arbeit hängt das Leben einiger Hundert Kameraden unter Umständen ab. Wenn er je etwas Nützlicheres tat als daheim eine morsche Hausklingel zu reparieren oder eine Lichtleitung nachzuprüfen, dann heute...

Sssssssrrr — zirpt es unter ihm heran. Verdammte, sie machen ernst. Aber sie halten zu tief. Eine neue Lage — er wird sich beeilen müssen. Ein einzelnes Geschoss hämmert ins Holz, dass es klingelt, als schlugen unten einer mit einem Knüttel gegen den Mast.

So, ein Teil der Aufgabe ist erledigt. Noch ein paar Minuten, ihr Herren, und wir haben auch den anderen. Wenn nur die Kälte nachliesse. Zange und Schraubenschlüssel liegen so eisig in der Hand, als wollten sie an der Haut festfrieren. Gewiss hat einer drüben den Schützen beiseitegeschoben, um es selbst besser zu machen. Gleich wird es wieder losgehen. Hoffentlich hält die Pappel einiges ab.

Ratta — tack — tack — tack — fegt der nächste Gruss heran, haut in den maddicken Stamm und reisst dem Pionier Peter Suter das Bein fast vom Leibe. Unterm Knie fühlt er einen stechenden Schmerz, und heiss rumpft ihm das Blut in den Adern.

Nur jetzt nicht weich werden! sagt er halblaut vor sich hin, weil er plötzlich tausend bunte Funken vor den Augen tanzen sieht. „Tue deine Pflicht da draussen — denk an uns!“ hat seine Frau ihm daheim zugerannt. Tue deine Pflicht! Er atmet tief in die kalte Winterluft, lässt einen Griff dem anderen folgen, sauber abgemessen wie in der Werkstatt. Auch der nun heranprasselnde Geschosshagel kann ihn nicht veranlassen, Pfuscharbeit zu liefern. Solange er sich mit dem linken Fuss, dem Halteseil und den Händen anzuklammern vermag, will er durchhalten.

Die neue Garbe verschont ihn. Aber nun bellen auch einzelne Gewehre auf. Sie veranstalten ein Wetschiessen nach dem tollkühnen Soldaten, ohne sich in ihrer Deckung vor dem losbrechenden deutschen Feuer stören zu lassen.

Ein Höllenkonzert, denkt der Mann am Mast ingrimmig. Schiesst nur — ich hab's geschafft! Und sorgsam, als habe es daheim im Betrieb soeben Feierabend geläutet, packt er Zange, Schlüssel, Schraubenzieher zurück in ihren Kasten, schiebt sich das schwere Ding über die Schulter und wirft einen letzten musternden Blick auf sein Werk.

Im Schutz des hölzernen Mastes beginnt er nun den Abstieg. „Denk an uns,“ gab sie ihm mit auf den Weg. „Denk an deine beiden Kinder!“ Ja, jetzt wird er zu ihnen gehen. Warum ist ihm nur so taumelig im Kopf? Wartet doch — mit diesen Schmerzen im Bein... Krampfhaft umfasst er mit beiden Armen den Stamm und gleitet abwärts, dass sich die Uniform in Fetzen vom Körper löst. Dann wird es ihm mit einemmal Nacht vor den Augen. „Befehl ausgeführt, Herr Hauptmann!“ flüstert Peter Suter und sinkt in das weiche Polster des Schnees — „Befehl ausgeführt!“

Das ist die Hilfe Englands

Bilder vom Kampf im Westen / Gegenüber das Nord Staffords-Regiment / Über Nacht rissen die Briten aus / Was sie uns überliefen / Corned-Beef schmeckt uns gut / Der Artillerie-Aufmarsch / Die Stoßtrupp-Kompanien / Auf der Straße nach Corbeek-Dyle

Man kann es noch gar nicht fassen und muss die Ereignisse dieses Tages erst noch einmal langsam an sich vorüberziehen lassen. Früh hatten deutsche Geschütze noch ihre eherne Sprache bei Löwen gesprochen, hatte die diesige Morgenluft über den anmutigen Höhen gelegen, und sie war erfüllt vom Dröhnen der Abschlüsse, von tiefen Orgeln der vorübersausenden Granaten. Und als die Stosskompanien in die Dyle-Stellung einbrachen, da hatten die englischen Truppen fluchtartig ihre stark befestigten Stellungen, ihre Unter-

stände und Bunker verlassen. So also sieht die Hilfe Englands aus.

Und dann hatte man in Corbeek-Dyle die Wirkung des deutschen Feuers gesehen, die mächtigen Granatrichter in aller nächster Nähe der befestigten feindlichen Stellungen, hatte gesehen, wie der englische Gegner — in diesem Abschnitt südwestlich von Löwen war es das North Staffords-Regiment — alles liegen gelassen hatte. In einem zu einer tiefgestaffelten Stellung ausgebauten Hohlweg lag alles noch so, wie sie es verlassen hatten:

Ausrüstungsgegenstände, Mäntel, Gummistiefel, Fahrräder, Motorräder, Essteller, Beistocks, ganze Funkgeräte, Waffen, Munition. Im Dorf fanden unsere energisch vorstossenden, niemals müden Soldaten manches englische Verpflegungslager und liessen sich das Corned beef, die Konserven, die englischen Zigaretten und Keks bei ihrem schnellen Vorstoss als Beikost zu ihrer Verpflegung ausgezeichnet munden. Sollen sie nicht stolz sein, dass ein so gut ausgerüsteter und verpflegter Feind ihren harten Stössen gar keinen Widerstand entgegenzusetzen vermag?

Vor zwei Tagen erst hatten sie, fast im Herzen Belgiens, an der Nordsüdstrasse gestanden, hatten einen Augenblick verweilt und auf den Wegweiser gesehen: Löwen 6 Kilometer, Namur 42 Kilometer. Und diese Namen, die von dem Ringen eines Volkes beredt künden, hatten Erinnerungen und Gedanken in ihnen wachgerufen. Im Geiste der grossen deutschen Soldaten stehen sie nach fünf Tagen eines beispiellosen Vormarsches vor den Toren von Löwen.

Sollten ihr harter Schlag und ihre unbändige Stosskraft hier zum erstenmal aufgehalten werden können? Sollten die englischen Gewehre, die ihnen aus den befestigten Anlagen hier um Löwen an der Dyle-Stellung entgegenbellten, Einhalt gebieten können?

Die Divisionen treten an, um Löwen in die Zange zu nehmen. Das Regiment wird südlich der Stadt eingesetzt und rückt nach vor heran. Ein feindlicher Aufklärer zieht am blauen Himmel seine Bahn. Man muss es ihm lassen, er ist ausserordentlich wendig. Die Flak befunkt ihn immer wieder einmal, aber mit geschickten Kurven entzieht er sich stets den weissen Sprengwölkchen der krepierten Sprenggranaten. Jetzt muss er die Vormarschstrasse erkannt haben. Heulend prasseln die Granaten der feindlichen Batterien in Haesrode ein. Das unregelmässige Streuen erschüttert die Häuser, reißt Wände ein. Aber mit bewundernswerter Kaltblütigkeit fahren und marschieren die deutschen Soldaten durch den gut geleiteten Beschuss. Geduckt hinter Häuserwänden warten sie den Streusegen ab — dann geht es vor in die Bereitstellungen, in die Wälder vor der Dyle.

Tagelang sind sie marschiert, haben am Steuer gegessen und die Zügel in der Hand gehabt. Unerhört sind ihre physischen Leistungen. Jetzt fallen sie auf den Waldboden nieder, schlafen und nehmen diese Rast als ein grosses Geschenk.

Inzwischen aber vollzieht sich der grosse

Artillerieaufmarsch. Schon am Nachmittag schicken die 10,5-Geschütze, auch die ausgezeichnet von einem deutschen Artillerieflieger geleitet, ihre stählernen Entgegnungen hinüber, und die Nacht ist erfüllt von dem Dröhnen der Salven. Hell stehen die Feuerlöcher der Batterien gegen den nachtschwarzen Himmel. Deutsche Geschütze donnern gegen die Dyle-Stellung auch noch am folgenden Tage, während sich die Umklammerung Löwens, des Tores zu der Hauptstadt Brüssel, vollendet.

Für den nächsten Morgen, den 17. Mai, ist der Durchstoss in diesem Teile südlich Löwen befohlen. Im diesigen Morgennebel liegen drüben die Höhen. Bleicher Dunst verhüllt die genaue Sicht über Felder, Bäume und Dörfer. Die Führer der Stosskompanien geben die letzten Anweisungen. Dann beginnt zur festgesetzten Zeit die Vorbereitung des Angriffs durch Artillerie. Ueberall, auf allen Höhen, in gedeckten Stellungen in tiefer Staffelung sind die Batterien verteilt. Jetzt jagen sie für eine halbe Stunde Granate um Granate heraus. Die Luft erzittert vom Abschuss der Geschütze und vom Sausen der hoch ihre Bahn ziehenden Granaten.

Dann ist es soweit. Wird der Engländer Widerstand leisten? Die Sturmkompanien packen ihr Gerät aus, Flossäcke, Bretter. Dann rennen die Männer von den Höhen herab; in einem Hohlweg und auf den Feldern unterstützt vom Feuerschutz der SMG's, die drüben am anderen Ufer die Wege und wichtige vorher erkundete Ziele bestreichen. Dann über den Bahnübergang, dem so manches nächtliche Spährtruppunternehmen galt, auf der Strasse nach Corbeek-Dyle, die durch einen künstlichen Sandsackdamm gegen die Ueberschwemmungen gesichert ist. Die Brücke ist natürlich gesprengt, doch ihre dicken Betonpfeiler stehen noch und setzen dem schnellen Fluss der Dyle Widerstand entgegen. Weisse Leuchtkugeln gehen hoch und zeigen der eigenen Artillerie den Standpunkt des Feindes. Mit Windeseile sind die Drähte des Hindernisses durchschnitten. Flossäcke klatschen ins Wasser. Sie pendeln hin und her. Das Bataillon rückt nach. Ohne Widerstand stösst das Bataillon weiter vor, vorbei an den panikartig geräumten Stellungen der Engländer, und geht über die Hügel hinter der Linie, die der Gegner so stark ausgebaut hatte und die so schnell und so überraschend dem unbändigen Siegeswillen der deutschen Soldaten erliegen musste.

Friedrich Wagner.

zen zu wahren Volksliedern geworden sind. Gerade in diesen Tagen klingen diese Lieder immer wieder auf. In den Lazaretten, in den Werkpausen der Betriebe, im Rundfunk und bei den offenen Singen lauscht jung und alt gern den Liedern aus den jungen Kehlen.

Bald nach Kriegsbeginn gab die Reichsjugendführung ein Kriegsliederbuch im Taschenformat heraus und versandte es durch den Kriegsbetreuungsdienst der HJ an die Kameraden im Felde. Heute werden diese Lieder bei allen Truppenteilen gesungen und rund 100.000 Neubestellungen des Büchleins liegen bei der Reichsjugendführung vor. Daneben entstehen an der Front täglich neue Lieder und Gedichte, deren Verfasser zu einem guten Teil der Hitler-Jugend entstammen.

Auch in den jüngsten Bereichen der Kunst, im Funk und Film, hat die Jugend in der letzten Zeit mit ihren Sendungen der sonntäglichen Morgenfeiern und dem Singen der „Lustigen Sieben“ neue Erfolge zu verzeichnen, sowie mit den kürzlich uraufgeführten HJ-Filmen „Der Marsch zum Führer“, „Die Erde ruft“ und „Glaube und Schönheit“. Ein weiterer Film, aus dem Leben der Pimpfe, ist in Arbeit und geht seiner Fertigstellung entgegen.

Neben dem HJ-eigenen Filmschaffen steht die Erziehung der Jugend zum Film durch die Jugendfilmstunden, die in der Spielzeit 1939-40, also im ersten Kriegswinter, den bisher grössten Umfang erreicht haben. Auf Veranlassung des Reichsministers Dr. Goebbels stehen — zur Unterstützung der Jugend-erziehungsarbeit während der Kriegszeit — sämtliche deutsche Filmtheater einmal im Monat der deutschen Jugend für ihre Filmveranstaltungen offen. Diese Jugendfilmstunden haben die HJ zur grössten Filmbesucherorganisation gemacht.

Das gleiche gilt für den Theaterbesuch. Der „Veranstaltungsring der HJ“ ermöglicht den Jugendlichen den regelmässigen Theaterbesuch zu niedrigen Preisen. Zu Hunderttausenden zählen seine Mitglieder, deren Zahl im letzten Winter weiterhin beträchtlich angewachsen ist. Ein Beispiel möge hierfür zeugen: Die Stadt Münster i. W. zählt heute von ihren rund 12.000 Jugendlichen 8000 als Mitglieder des Veranstaltungsrings.

Eine weitere kulturpolitische Führungsaufgabe zeigt sich in der Schrifttumsarbeit der Hitler-Jugend. Sie hat den Sinn, das gute Jugendbuch und mit ihm den jungen Dichter und Schriftsteller zu fördern. Bis in diese Wochen läuft seit dem vergangenen Herbst eine Aktion von Dichterlesungen vor der HJ. Durch sie wurde sicher mancher Junge und manches Mädel angeregt, die langen Winterabende mit der Lektüre eines guten jugendmässigen Buches auszufüllen. Die Buchauswahl fällt nicht schwer, denn jeder Jugendführer ist heute auch ein Führer zum guten Buch.

Wertvolle Dienste bei der Erfüllung dieser Erziehungsaufgabe leistet ihm übrigens dabei das Anfang des Jahres erschienene Jugendschriftenverzeichnis „Das Buch der Jugend“, das sowohl den erzieherischen Zielsätzen der HJ als auch den Leserwünschen der Jugendlichen Rechnung trägt. Auf der gleichen Grundlage beruht die bei Kriegs-

sand von Büchern, Liedertexten, Noten und Musikinstrumenten an die jungen Kameraden und Kameradinnen. Auch Werkarbeiten und Spielzeug, auf den Heimabenden mit viel Eifer und Geschick gebastelt, gingen kistenweise an die deutsche Jugend im früheren polnischen Gebiet. Die Werkarbeiten nehmen noch ihren Fortgang.

Besonders die kulturelle Betreuung unserer Soldaten ist eine der vornehmsten Aufgaben der Jugend geworden. Sie äussert sich u. a. auch darin, dass die Reichsjugendführung die Arbeit der Kulturschaffenden — Architekten, Schriftsteller, Bildhauer, Komponisten —, die in der Arbeitsgemeinschaft „Junges Schaffen“ zusammengeschlossen sind und heute im Felde stehen, mit allen Kräften fördert.

Dr. H. S.



Legung einer Minensperre im Kanal — Fahrzeuge der deutschen Kriegsmarine mit Minen an Bord unterwegs, um eine Sperre zur Sicherung des deutschen Operationsgebietes im Kanal zu legen.

Junge Kulturwille bewähret sich

Die Kulturarbeit der HJ. im Kriege — Künstler im feldgrauen Rock werden betreut

Vom 13. bis 19. Juni fand in Weimar im Rahmen der alljährlichen Weimarfestspiele der Deutschen Jugend eine Tagung des Kulturamtes der Reichsjugendführung statt, die in der Hauptsache der Kulturarbeit der HJ im Kriege gewidmet war. In diesem Zusammenhang sind die folgenden Ausschnitte aus dem Thema dieser Kriegerarbeit der Jugend von besonderem Interesse:

„Unsere Jugend ist längst schon zu der Erkenntnis gereift, dass dieses Deutschland nicht nur ein geographischer Raum ist, sondern ein grösserer, und dass wir nicht nur vor unserer Landschaft und unseren Städten Schildwacht stehen müssen, sondern auch vor unseren Sinfonien und Dramen, Liedern und Gedichten.“

Diese Worte des Reichsjugendführers haben auch in der Kriegszeit nichts an Gültigkeit verloren. Wenn auch die Jugendarbeit heute in erster Linie auf die Heranbildung eines wehrfähigen Nachwuchses abzielt, so darf und wird auch die kulturelle Betreuung des jungen Menschen in keiner Weise vernachlässigt werden. Denn nicht allein dem wiedererstarnten deutschen Volke, seiner zielbewussten Führung und seiner aufblühenden Wirtschaft hat eine missgünstige Welt die Feindschaft angesagt, ihr Kampf richtet sich ebenso sehr gegen jene Güter deutscher Kultur, an die heute, zum erstenmal im Laufe der Jahrhunderte unserer Geschichte, alle Volksgenossen herangeführt werden, um ihrer ohne Rücksicht auf Herkunft, Stand und Bildung teilhaftig zu werden.

An dieser Führungsarbeit, die schon im frühen Jugendalter beginnt, hat die Hitler-Jugend seit jeher entscheidenden Anteil. In ihren Liedern, Gesichten und Feierstunden der nationalsozialistischen Kampfzeit prägte sich ein Stil, der alle ihre kulturellen Schöpfungen kennzeichnet.

Ueberall bieten sich in der Jugendgemeinschaft der HJ Gelegenheiten zu künstlerischer Betätigung und praktischer Bewährung. Erinnerung sei hier nur an den Heim- und Jugendherbergsbau. Diese von der Jugend für die Jugend geschaffenen Bauten werden einst neben den grossen Bauwerken des Führers ein würdiges Zeugnis ablegen von der Grösse unserer Zeit, der Ausdruckskraft der nationalsozialistischen Idee und der geistigen Haltung einer neuen Generation. Und das Bauwesen der Jugend führt notwendig auch zu einer Beschäftigung mit Fragen der Innenraumgestaltung, mit den Aufgaben der Malerei, Plastik und Werkarbeit. Die von den Heim- und Herbergsräumen ausgehende

erzieherische und geschmacksbildende Wirkung wird sich später einmal in den eigenen Häuslichkeiten der heute jungen Menschen zeigen.

Und ähnliches gilt für die Musikarbeit der HJ. In frohen Stunden bei Lied und Spiel lernen Mädel und Jungen die alten und neuen Lieder des Volkes kennen, sie pflegen die Gemeinschafts- und Hausmusik, besuchen Konzerte, und endlich erschliessen sich ihnen die grossen Tonschöpfungen der deutschen Mei-

Juckt es, dann niemals kratzen

Verwenden Sie

Mitigal

BAYER

Es beruhigt schnell jeden Juckreiz und hilft bei schwierigen Hautaffektionen.

ster alter Zeiten. Ueber 1000 Musikerzieher sind — nach der letzten Erhebung — haupt- oder nebenberuflich in der Musikarbeit der Hitler-Jugend tätig. Von den eigenen musikalischen Schöpfungen der Jugend sind in erster Linie jene neuen HJ-Lieder allgemein bekannt, die diesseits und jenseits der Gren-

ausbruch begründete „Kriegsbücherei der Deutschen Jugend“, die heute schon Hunderttausende begeisterter Anhänger zählt. Zu einer neuen Aufgabe der HJ wurde nach Beendigung des polnischen Feldzuges die kulturelle Betreuung der volksdeutschen Jugend im ehemaligen Polen durch den Ver-

Nun geht's nach Kanada

Gelegentlich wird ein Krieg gemacht Und die Sache mit Söldnern in Ordnung gebracht,

So pflegen wir die Welt zu regieren Und immer gut zu profitieren. Wir werden's auch diesmal schmeissen, Herr Churchill sagt es ja, Wenn alle Stricke reissen Dann geht's nach Kanada.

In Polen und in Niederland, In Belgien, am Biskayastrand, Ja selbst im Land der hellen Nächte: Für England drängeln sich die Knechte. Wir werden es schon schmeissen, Hurra, hurra, hurra! Wenn alle Stricke reissen, Dann geht's nach Kanada.

Und wenn es blutige Hiebe setzt, An uns kommt Hitler ja zuletzt; Die Hiebe gönnen wir den andern Und fliehen glorreich — wie aus Flandern. Wir werden es schon schmeissen, Herr Churchill führt uns ja, Wenn alle Stricke reissen, Selbst bis nach Kanada.

Der Mussolini zwar ist toll, Der Russe will nicht wie er soll, Verdammt, da drückt sich der Rumäne, Der Nazi badet in der Seine. Ob wir es jetzt noch schmeissen? Der Churchill donnert: ja! Wenn alle Stricke reissen, Will er nach Kanada.

Der Türke kratzt sich hinter'm Ohr, Verdächtig kommt uns Franco vor, Unheimlich regt sich die Kolonne, Die tünfte, in der Heringstone. Da zieh, ein böses Zeichen, Von Schlössern fern und nah Die Kinderlein der Reichen Bereits nach Kanada.

Für niedere Proletarierbrut, Ist Englands heisser Boden gut, Doch ihre Pferde schickt wohlweise Die edle Lordschaft auf die Reise. Ob diese Lords schon wissen — W. C. durchschau sie ja — Dass alle Stricke reissen? Helf Gott, nach Kanada!

Kurt Wittke, São Paulo

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestube

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curityba - Belem do Pará - Bello Horizonte - Bahia

in anderen südamerikanisch. Ländern:

Buenos Aires Montevideo Santiago de Chile

Zum Hirschen Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig



Alexandre Balbis

RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO, 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2

São Paulo

Telefon:

Bar 4-5507
Gruta 4-2626

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

HERREN- und DAMEN-Mode-Artikel

Oberhemden Damenwäsche
Kragen Strümpfe
Krawatten Wollwesten
Taschentücher Pyjamas
Unterwäsche Jersey-Wäsche
Strümpfe etc. etc.

Sophie Schroeder

427 RUA SANTA EPHIGENIA 427
(Nähe Ecke Rua Victoria)

Aufmerksame Bedienung - Letzte Neuheiten
Zivile Preise!

Deutsche
Heil-
krauter
und
Spe-
zialitäten

Farmacia Germania

HEINRICH HÜLSKEMPER
Rua Libero Badaró Nr. 429

Deutsche
Par-
fumerien
und
Toilette-
Artikel

GEWISSENHAFTE ANFERTIGUNG
SÄMTLICHER IN- UND AUSLÄNDISCHER REZEPTE

Officinas Olympia

führen jede Reparatur, Überholung und Reinigung an

Schreib- u. Rechenmaschinen

aller Systeme sachgemäss aus.

Modern eingerichtete Werkstätten und wirkliche Fachleute bürgen für
erstklassige Arbeit

Schnell / Gewissenhaft / Preiswert

Kostenanschläge unverbindlich



OLYMPIA MACHINAS DE ESCREVER LTDA.

São Paulo

Rio de Janeiro

Praca da Sé 43 / Tel. 2-1895

Rua Benedictinos 21 / Tel. 43-6311



Haushaltgegenstände

Reichhaltigstes Lager, vorteilhafte Preise, Ebenso Werkzeuge, Farben, Gartengeräte, etc. Feste Preise

EMILIO WITTE

RUA DO SEMINARIO

TEL. 4-5237



Liebe auf Oesel

ROMAN VON ROLF BRANDT

(8. Fortsetzung.)

„Ganz einfach, so wie du zu deinen Zigaretten. Ich ging in einen Schuppen, so wie du auf das Schiff, und da stand, hübsch mit Planen verdeckt und gebrauchsfertig, eine der schwersten amerikanischen Maschinen.“

„Ach, und damit hast du dich dann emporgemogelt. Alles Zufall, blöder Zufall!“
Nun aber wurde Kautermann ernst: „Wo stand dieser Schuppen, und wer führte dich hin?“

„Der Schuppen stand bei einem kleinen Haus auf einer Waldwiese, sieben Kilometer westlich von Arensburg.“

„Blöder Hammel!“ sagte Kautermann.
„Und sie hieß Fieta...“, deklamierte Karl, „warum grad du aus jenem Blütenmeer — das ich durchschwamm als loser Kavaliere...“

„Stopp!“ sagte Kautermann. „In zehn Minuten fahren wir hier fort. Wir werden zwar ins Arensburg noch Zeit genug haben, denn die Marinefrühen haben mir gesagt, das Torpedoboot käme erst in fünf Tagen. Aber bei den Minensuchern und bei Gott ist schliesslich kein Ding unmöglich. Es ist ausserdem so schön windstill hier. Sieh mal, wie die Sonne da über dem Wasser liegt. Alles ist hellblau, wie im Frühling. Ach, ich bin doch zufrieden“, seufzte er ein bisschen, „dass wir es geschafft haben! Also, Junge, hast du auch keine Dummheiten gemacht?“

„Zu Befehl, nein, Herr Major! Da Herr Major aber schon so tiefblickend sind, wie es höheren Staboffizieren zukommt, melde ich gehorsamst, ich habe mich — verliebt!“

„Wusste ich“, sagte Kautermann. „Weiss sogar den Namen.“

Jetzt wurde Karl ernst. „Ich will dir etwas sagen, ich möchte nicht darüber spassen, es ist mir verdammt ernst.“

„Das ist immer so“, sagte Kautermann.
„Hör' auf, ich bitte dich! Sie ist nämlich die Frau eines russischen Marineoffiziers, und für eine Liebschaft kommt sie überhaupt nicht in Frage.“

Kautermann rieb sich heftig den Nasenflügel. „Ich möchte wirklich nicht herzlos er-

scheinen, aber es liegt doch nahe, zu bemerken, dass inzwischen viele russische Marineoffiziersfrauen Witwen geworden sind.“

„Ich bitte dich, Kautermannchen, liebste Kautermannchen, sprich nicht weiter!“

„Wie heisst die Dame denn mit Vaternamen? Den Vornamen hast du ja nun gestern nacht genug gemurmelt.“

„Saweljeff. Sie ist eine geborene Benkenhof, eine Deutsche.“

„Sag' einmal, Karl, hast du nicht, wenn mich mein Gedächtnis nicht trügt, in Libau auch für eine Deutsch-Baltin geschwärmt? Hör' mal...“

„Ach, das war eine Spielerei! Ich erkläre dir, dass ich die glücklichsten Stunden meines Lebens auf dieser Insel Oesel erlebt habe.“

„Wohl dir! Werde ich sie in Arensburg sehen können?“

„Natürlich, Kautermann, wenn wir Zeit haben.“

„Dazu hast du Zeit, verlass dich darauf. Im übrigen bin ich bereit, den Brautvater zu spielen.“

Karl stand auf: „Du nimmst nichts ernst.“

Es war sonnig und milde in dem kleinen Garten. Die Kiefern hielten den Wind ab, zwischen den Zweigen der Bäume leuchteten die roten Äpfel, die späten Sorten, die nach Pfirsich dufteten. Man hätte sie abnehmen sollen, aber Wera konnte sich nicht entschliessen, die Tür des Schuppens zu öffnen. Vielleicht kam wieder ein Geheimnis herausgesprungen, eine Teufelei von Saweljeff, und bedrängte ihr Leben noch mehr.

In der Stille dieser Tage kämpfte sie einen schweren Kampf. Sie hatte geschworen, dem Mann treu zu sein, den sie nicht mehr liebte, den sie hasste. Die Jahre mit Saweljeff ver-saunken, so wie eine Rose jedes Blatt verliert, wenn ein harter Wind sie fasst. Es blieb nichts.

Die Petersburger Gesellschaft mit den eleganten Frauen, die alle das Leben als einen Fastnachtsball auffassten mit vielen Verkleidungen und vielen neuen Tänzen, war ihr noch fremder als damals. Sie verstand sich kaum, dass sie dort überhaupt hatte leben können.

Warum hatte sie geschworen? Um eine grässliche Szene zu beenden. Aus Feigheit. Man wird immer bestraft, dachte sie, wenn man feige ist. „Bei dem Leben von Ingrid“, hatte Saweljeff verlangt. Warum?

Sie suchte zu ergründen, wie sie eigentlich mit Ingrid Torleben stand. Sie waren zusammen auf die Schule des Fräulein Lohmann gegangen, der besten deutschen Privatschule in Riga. Ingrid hatte ihr geholfen, die russischen Aufsätze zu machen, die ihr so schwer fielen. Ingrid war immer kameradschaftlich

Aufruf

an die Reichsdeutsche Kolonie und Freunde.

Um den in Not geratenen Deutschen Volksgenossen auch weiterhin erste Hilfe und Unterstützung angedeihen zu lassen, und da der Bestand an Wäsche, Kleider, Anzüge und Schuhe unserer Frauengruppe durch die bisher geleisteten Unterstützungen zur Neige gegangen ist, rufen wir zu einer

Brodenksammlung

auf. Es werden dringend benötigt:

Unterwäsche für Männer und Frauen, Anzüge und Kleider, Schuhe, Kinderwäsche, Bettwäsche, Wolldecken.

Spendenablieferung: in der Geschäftsstelle, Rua da Constituição 31, (1 Minute vom Largo São Bento entfernt) oder fernmündliche Aufgabe durch Telefon 3-5051 bei zur Verfügung gestellten Sachspenden zwecks Abholung.

Gochtes. Da standen noch ein paar Töchter-alben, ein paar Romane, ein Novellenband von Conrad Ferdinand Meyer — mit einer Widmung des Vaters: „Meiner lieben Wera zu ihrem 18. Geburtstag.“

Sie legte den Band zurück. Das war drei Jahre her! Da war auch schon Krieg. Mama war schon in Deutschland um diese Zeit.

Wie lange sollte man eigentlich hier unter Arrest bleiben? Ob es richtig war, nach Arensburg zu gehen und den Oberleutnant Gervinus zu bitten, man wolle nach Deutschland? Die Mama würde sich freuen. Sie hatte ja immer erklärt, wir müssen alle nach Deutschland, dies ist ein verlorener Posten... Ja, Mama hatte es immer richtig angefasst, sie war damals auch in Deutschland gewesen, als Saweljeff anhielt, und dann war es zu spät. Wer konnte einen retten?

Das kleine Pferdchen stiess manchmal mit dem Kopf gegen Weras Rücken, als wolle es sie vorwärtsstreifen. So ein lustiges Spiel wäre doch eine schöne Sache gewesen. Aber Wera kraulte den kurzen kleinen Hals: „Hann, wir haben keine Lust zum Spielen. Es ist alles so ernst, und der grosse Herr Leutnant ist fort, und vielleicht haben sie ihn schon totgeschossen. Er war ein so guter Kerl, Hann, und die guten Kerle schiessen sie immer zuallererst tot, weisst du das?“

Es war Wera schon einen Tag vorher so gewesen, als sei jemand in der Nähe des Hauses. Sie trug den kleinen Browning immer bei sich, seitdem sie die furchtbaren Erlebnisse in der Badestube und dann auf dem Birkenhügel gehabt hatte. Ihr deutscher Beschützer und Bewacher war ein müder älterer Mann, der zufrieden war, die vielen, vielen Nachtwachen und schlaflosen Nächte nachhohlen zu dürfen. Sie hatte ihn gefragt, ob er

gewesen. In Petersburg hatte sie sich dann so sehr gefreut, die Sprache der Heimat zu hören, jemand zu sehen, der nicht zu den Petersburgern gehörte.

Sie dachte angestrengt nach. Ingrid hatte immer sehr gut von Saweljeff gesprochen, viel zu gut. Wie war das einmal gewesen nach einer Ballnacht? Ach, die Worte waren verweht. Sie kamen langsam wieder, wie Tote erwachen. „Du liebst ihn nicht. Dann lass dich scheiden. Er ist ein Held, und du verstehst nichts von ihm!“ Ach, Ingrid verstand ja noch weniger von ihm! Er war ein ewig anderer. Es gab keine Brücke. Aber Ingrid... Ja, Ingrid hatte russisch gesprochen, lieber als deutsch. Sie hatte immer erklärt, sie sei keine Baltin, eine schwedische Untertanin des Zaren, das war ihre Formel gewesen.

Warum schwört man so sinnlose Schwüre? Die Gedanken gingen im Kreis. Man konnte doch mit einundzwanzig Jahren nicht das Leben verneinen, weil man einmal feige gewesen war!

Dann sah sie Karl, seine festen, beherrschten Augen, seine Bewegungen, sein junges Leben. Man wusste ja so wenig von ihm. Liliencron hatte er geliebt...

Sie ging zu der kleinen Bibliothek. Nein. Zwei Bände Kleist, Chamisso, die Liebesbriefe

Existenzkampf und Alltag

Der eine wie der andere stellen von Tag zu Tag grössere Ansprüche an jeden Einzelnen von uns. Wer in seiner geistigen und körperlichen Spannkraft anfängt fühlbar nachzulassen, wird ausgeschaltet, um dem Leistungsfähigeren Platz zu machen.

Soweit darf es niemand kommen lassen, der nach vorwärts strebt. Wenn die Anforderungen an Geist und Körper gross sind, besonders hierzulande im subtropischen Klima, dann muss man eben wenigstens jährlich einmal etwas Ausserordentliches für seine Gesundheit tun. Den Nerven gibt man neue Aufbaustoffe durch eine Kur mit Tonofosfan.

Diese hochwertige, organische Phosphorverbindung schafft den so notwendigen Kräfteausgleich. Tonofosfan, ein Bayer-Produkt, erhöht das körperliche Wohlbefinden und stärkt die Nerven.

Confeitaria

EIGENE BÄCKEREI
EIGENE KONFITOREI

Bestellungen ins Haus werden gewissenhaft u. pünktlich ausgeführt

RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239



Biennense

CAFÉ - BAR

Im Café nachmittags und abends
Erstklassiges Konzert

Leitung: Maestro Mauricio
Telephon 4-9230 — Ab 18 Uhr können Autos vor der Tür parken

Kautermann blieb sitzen und tat die letzten Züge aus seiner Zigarette. „Das kamst du nicht sagen. Ich habe das Soldatentum und die Kameradschaft sehr ernst genommen und werde es bis zu meinem Tode tun und die Liebe auch. Aber du hast ganz recht, darüber soll man nicht viel reden, so sehr es einen auch drängt, wenn man dreißig ist.“

Wera hatte das Zimmer, in dem Karl geschlafen hatte, abgeschlossen und den Schlüssel in ihren Nachtschrank gelegt. Es sollte niemand daran rühren, nicht an dem Schreibtisch mit den verhassten Papieren und nicht an der Erinnerung, an diesen Morgen, da Karl Westerkamp zum letztenmal in diesem Zimmer stand und mit einem so traurigen Abschiedsblick den Raum umfasste. Die Tage verrieten in eintöniger Stille.

Am Vormittag ging Wera nach dem Gartenhaus. Das war ja wohl in der Freiheitsbeschränkung mit einbegriffen, und der Hütchenbräute brachte das Körbchen mit Essen. Sie ass, wie es üblich war, ein Frühstück zu sich zu nehmen. Sie holte die kleine Spiel-dose, zog sie auf und liess einen Vers des „Aennchen von Tharau“ spielen. Dann drückte sie auf die Feder, und das kleine Uhrwerk schwieg...



Vor
Annahme falschen Geldes
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

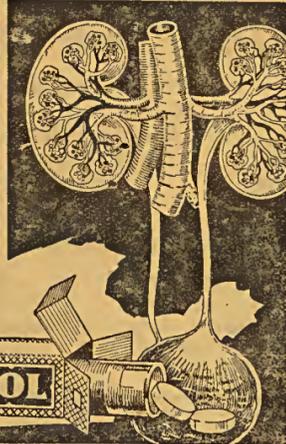
Eröffnen Sie ein Konto beim
**Banco Allemão
Transatlantico**
RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie ihre Rechnungen
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten
OTTO BENDER
Rua Sta. Ephilgenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr. Half, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.



... denn seine Töne sind nicht mehr rein und klar. Auch Ihre Harnwege können nicht mehr gut funktionieren, wenn sie nicht rein gehalten werden. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



Extra Fino



Rua das Palmeiras 274

Tel. 5-4429

Uhren • Reparaturen Deutsche Uhrmacherei

OTTO

Rua São Bento Nr. 484 4. Stock, Saal 25

Rudolf Parker & Cia.
BAUGESCHÄFT
Maurer-, Maler- und Zimmermann-Arbeiten
Reformas em geral
Instandhaltung von Miethäusern
Caixa postal 2483
SAO PAULO

Dienst am Kunden!

Jedem Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico
da America do Sul

São Paulo

Rua Alvares Penteado 121 (Ecke Rua da Quitanda)

Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5
Santos: Rua 15 de Novembro 114

Livraria Delinee

Aelteste deutsche Buchhandlung

Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

meine, es sei erlaubt, nach dem Gartenhaus zu gehen. Er hatte etwas gemurmelt, das man wie „ja“, aber auch wie „nein“ auslegen konnte, und hatte sich schliesslich auf die Formel zurückgezogen: „Sie kommen ja wieder, wo sollen Sie denn hier hin“, und hatte gutmütig gelächelt. Aber er hatte erklärt, er sei genug in diesem Feldzug gelaufen — spazierenlaufen, das täte er nicht.

So war Wera in ihrem kleinen Reich allein geblieben, und durch die Stille war von aussen kein Schatten geglihten.

Das war seit gestern anders. Die Tür war von einem Fremden geöffnet worden; denn der Querbalken, der sie schloss, war nicht völlig durchgeschoben, wie Wera es stets tat. Die Gartensühle hatte jemand verrückt. Vielleicht war es besser, sich auf den Garten bei der Datsche zu beschränken.

Sie packte ein paar Tücher und Kissen zusammen. Weiss der Himmel, ob man überhaupt noch einmal hierher kam! Als sie aufblickte, stand in der Tür der Sohn Kadris. Sie brachte den Revolver in Anschlag.

Der Este warf sich auf die Knie. „Vergeben Sie mir! Ich bin herumgelaufen und habe es nicht verhindern können, gnädige Frau Baronin. Ich bin hier geboren, meine Eltern haben es hier gut gehabt. Ich weiss, dass ich schlecht gehandelt habe, vergeben Sie mir! Sie brauchen keine Furcht zu haben, ich komme nicht näher, und ich gehe wieder, wenn Sie es wollen. Aber ich bitte Sie um der Barmherzigkeit willen, vergeben Sie mir!

Wera liess den Revolver sinken. Sie sprach estnisch: „Was willst du denn?“ Ihre Wangen waren dunkelrot vor Erregung. „Was willst du denn? Du bist schlecht und frech, das habe ich erlebt. Weissst du denn, was du getan hast?“

Der junge Mensch senkte den Kopf. „Es ist Krieg, Herrin, es geht alles durcheinander. Ich hatte den Verstand verloren, ich weiss es. Gnädige Frau Baronin, verzeihen Sie! Ich will Ihnen helfen, wann ich immer kann. Sie werden sehen, wir Esten sind dankbar.“

Wera kämpfte mit sich. „Stehe auf! Ich will vergessen. Stehe auf, es ist nicht mehr da... Du verstehst mich! Versprich mir, dass du nicht mehr gegen die Deutschen arbeiten willst!“

Der Este nickte: „Ich verspreche es Ihnen. Ich bin Este, ich weiss es nun. Ich will zu den estnischen Regimentern, den heimlichen Regimentern, die bei Dorpat gebildet werden.“

„Es ist gut. Aber lass dich vor mir nicht mehr sehen, wenn du deine Mutter besucht. Das kannst du natürlich immer.“

Der Este hatte sich erhoben. Es schien, als wollte er vorwärtsgehen, um Wera die Hand zu küssen.

„Gehe jetzt. Ich danke dir, dass du gekommen bist. Wir brauchen alle die Vergebung.“

Sie trat in den Hintergrund des Zimmers zurück. Der Knecht stand unschlüssig an der Tür. Sie winkte ihm mit der Hand: „Geh, es ist gut, es ist vergessen.“

Als Wera ihr Körbchen fasste, schien es ihr viel schwerer als vor ein paar Minuten.

Vergeben? dachte sie. Sie wollte gern allen vergeben, auch Saweljeff, wenn man ihr endlich den Frieden dafür gab. Ihr kam dann der Gedanke, den viele schöne Frauen durch ihren Kopf gehen lassen: wenn man hässlicher wäre, hätte man es leichter. Aber sie hätte nicht einen Hauch ihrer Wangen, nicht einen Schimmer ihres Haars, nicht eine

Bewegung ihres Körpers und keinen Bruchteil des Zaubers ihrer Augen fortgegeben...

Sie straffte sich, während sie ging. Nicht mehr feige sein.

Der Oberleutnant Gervinus wartete schon vor der Haustür auf sie. Sein Bursche hielt zwei Pferde am Gartenort. Der Oberleutnant war also von Arensburg herübergeritten.

Gervinus stand sofort auf, als er Weras ansichtig wurde.

„Sie sollten um ihrer Sicherheit willen, Frau Gräfin, solche Ausflüge lieber nicht machen.“

„Ich bitte um Entschuldigung, aber ich war nur im Gartenhaus. Das ist eine kurze Strecke von hier.“

„Ich dachte wirklich nur an Ihre eigene Sicherheit. Ich habe mir erlaubt, inzwischen die Papiere aus dem Schreibtisch einpacken zu lassen. Ihre Bedienung hat mir den Schlüssel gegeben. Es wird im Grunde alles unerheblich sein. Der Krieg auf Oesel und Moon ist zu Ende, und die Wirkung auf die russische Front nimmt täglich zu. Dieser Krieg stirbt an seiner eigenen Unsinnigkeit. Oesel

Nachricht übermitteln, die Sie schmerzlich berühren wird. Aber ich glaube, Ihnen die Tatsache nicht vorenthalten zu dürfen. Sie erlassen es mir aber, bitte, auf irgendwelche Zusammenhänge einzugehen. Es ist in Libau ein bedauerlicher und sehr schwerer Unglücksfall vorgekommen.“

Wera wandte ihr Gesicht ihrem Nachbarn voll zu.

Gervinus wurde sehr ernst: „Also ich muss Ihnen melden, gnädige Frau, Ihre Kusine Ingrid Torleben hat nach Angabe ihres Vaters beim Reinigen einer Waffe den Tod gefunden.“

Wera deckte beide Hände vor das Gesicht. Ihre Augen blieben tränenlos.

„Dieser Tod“, fuhr der Oberleutnant fort, „ist das Ende eines schlimmen Kapitels. Er hat als Richter eingegriffen, so dass andere nicht mehr zu richten brauchen. Sie werden erkennen, was ich meine. Darf ich mich jetzt zurückziehen? Ich will Ihrem Schmerz nicht zu nahe treten, aber er gilt einer Unwürdigen. Ich erlaube mir, Ihnen Ihren Brief zurückzugeben. Wie ich Ihnen schon sagte, wurde

und sie würde dafür sorgen, dass Mama nichts erführe, sie würde dafür sorgen, dass alles in Ordnung kam.

„Ingrid ist gestorben“, sagte Wera, „und ich bin an ihrem Tode schuld.“

„Aber Werafräuchen, wie kann man das sagen! Die Ingrid ist gar kein guter Mensch gewesen. Aber man soll den Toten ihre Ruhe lassen“, sagte die alte Estin. „Bei uns sagt man: Gegen Schicksal und Dürne kann niemand schwimmen.“ „So, es ist schon besser.“

„Es wird nie besser“, sagte Wera. Die Alte huschte aus der Tür und ging zu Doktor Livonius.

„Die gnädige Frau Baronin hat Kopfschmerzen“, sagte sie. „Es ist ganz schlimm.“

„Hat sie Fieber?“ fragte Livonius.

„Ich glaube nicht. Aber ich weiss schon, was sie hat. Haben Sie nicht so ein Mittelchen, dass sie schläft?“

„Ich werde sofort zu ihr gehen.“

„Aber nein“, sagte Kadri. „das will sie ja gerade nicht. Geben Sie ein paar Tröpfchen.“

„Das ist doch Unsinn.“

„Lieber Herr Doktor, Väterchen, halten Sie mich für verrückt?“

„Nein“, sagte der Doktor.

„Halten Sie die Frau Baronin für gut?“

„Herrgott“, sagte Livonius, da möcht man aus der Haut fahr'n!“

„Geben Sie Pulverchen zum Schlafen“, bettelte die Alte hartnäckig.

„Weiberwirtschaft!“ sagte Livonius. „Blödeheit!“

Er ging zu seiner Handapotheke und liess ein paar Tropfen in ein Wasserglas gleiten. Dann füllte er auf.

„Geben Sie ihr das. Am Abend aber gehe ich bestimmt zu der Patientin, wenn es bis dahin nicht besser ist.“

„Ist besser“, sagte die alte Kadri.

Als sie Wera das Glas reichte, schien es ihr, als ob wieder Hufschläge auf der Strasse näher kämen. Das reisst ja hier bei uns nicht ab, dachte sie. Das ist schlimmer als zu Neujahr auf Oselsberg!

„Trinken Sie, gnädige Frau Baronin, und dann schlafen Sie.“

Sie strich ihr mit der verarbeiteten Hand die Decke zurecht. „Es ist alles gar nicht schlimm.“ Wenn nur die Medizin vom Doktor schneller wirkt, als Hufschläge sind, dachte sie, während sie sorgfältig die Tür schloss.

Gustaf Petrowitsch schwang sich mit einem kurzen Ruck über den Holzzaun des Sommergartens. Vor dem kleinen Häuschen fand er seinen Knecht Dimitri, der in einem der Korbsessel sass.

„Ausgezeichnet, Dimitri! Hoffentlich ist noch etwas in der Bude da, ich habe grässlichen Hunger!“

„Die Frau Baronin“, sagte der Este, „hat alles mit zur Datsche genommen. Meine Mutter hat mir befohlen, den Hann abzuholen, deshalb bin ich hier. Der Sommer ist zu Ende, wir machen zu, und die Deutschen stehlen den Hann ja auch nicht.“

„Was soll das heissen, du Bestie! Warum stehst du nicht auf, wenn du mit mir sprichst?“

Gustaf war mit ein paar schnellen Schritten dicht vor dem Este. „Steh auf, Dimitri! Bist du besoffen oder erkennst du mich nicht!“

„Ich heisse nicht Dimitri.“

„Aber ich nenne dich so, und du bist Dimitri.“

Lanesam erhob sich der Este, grösser als sein Herr. In seinen hellgrauen Seemannsaugen war ein gefährliches Feuer. „Fliehen

Mercedes-Benz
Personenwagen
Nutzfahrzeuge

Sociedade Auto-Distribuidora Ltda.
São Paulo, Av. Brig. Luiz Antonio 133 / Rio de Janeiro / Santos

war der Anfang vom Ende. Den Frieden im Westen... Wollte Gott, dass wir ihn bald erzwingen! Wollen Sie nicht, bitte, hier neben mir Platz nehmen. Ich möchte Sie so wenig wie möglich stören, muss Ihnen aber noch einige Mitteilungen machen.“

Wera setzte sich schweigend, und der Oberleutnant nahm an ihrer Seite Platz.

„Leider hatte ich so viel zu arbeiten, dass ich auch keine zehn Minuten erübrigen konnte, sonst hätte ich Ihnen schon eher eine ernste Nachricht zugehen lassen“, begann Gervinus das Gespräch. „Zunächst darf ich Ihnen erklären, dass in Ihrer eigenen Angelegenheit die Dinge so stehen, dass Sie sich aufhalten können, wo es Ihnen beliebt, soweit es sich mit den Anordnungen des deutschen Gouverneurs von Oesel vereinbaren lässt. Ich hatte ja bereits die Ehre, Ihnen in Arensburg selbst erklären zu können, dass Ihre militärische Begleitung in der Hauptsache zu Ihrem eigenen Schutz da sein soll. Da inzwischen die Befriedung der Insel weitere Fortschritte gemacht hat, halte ich diesen besonderen Schutz von jetzt an für überflüssig.“

Der Oberleutnant räusperte sich. „Ich hoffe, gnädige Frau, dass Sie sich keine unruhigen Stunden gemacht haben. Sie wurden ja ausdrücklich unseres Vertrauens versichert. Wenn es Ihnen im übrigen recht ist, so hat ein Major darum gebeten, bis zu seiner Abfahrt bei Ihnen Quartier nehmen zu können, so dass jede Beunruhigung für Sie entfallen würde.“

Gervinus räusperte sich noch einmal. „Leider muss ich Ihnen schliesslich eine kurze

er untersucht. Er ist in Ordnung, aber er war ja nicht mehr zu bestellen.“

Gervinus stand auf und legte die Hand an die Mütze. „Frau Gräfin, ich bin nur ein Bote. Ich glaube aber, Sie haben die Pflicht, sich zu fassen.“

Wera nickte. Sie hatte nicht die Kraft aufzustehen. „Ich danke Ihnen.“

Der Oberleutnant legte den Brief auf die Bank, da Wera die Hand nicht heben konnte, um ihn zu empfangen.

Die Sporen des Oberleutnants Gervinus klirrten leicht auf dem Steinweg zur Tür. Eine Staubwolke wehte von der Strasse heran.

Als die alte Kadri aus dem Hause trat, fand sie Wera völlig verstört in hilflosem Schluchzen vor. Sie fasste die Frau, die sie als Kind auf den Armen getragen hatte, so als sei sie wieder ein Kind, um die Hüfte und brachte sie in das Zimmer.

„Werakind, nicht weinen“, sagte sie. „Es lohnt nicht, dass Werakind weint. Ich mache schon ein Teechen.“

Sie entkleidete die junge Frau und legte die Sachen sorgfältig auf einen Stuhl. „So, Werakind, jetzt hole ich den Doktor.“

„Nein“, sagte Wera, „ich will mit niemand sprechen, hörst du?“

Die alte Frau nahm ein Taschentuch, tunkte es in die Waschschüssel, wrang es ein wenig aus und legte es Wera auf die Stirn.

„Was hat es denn gegeben, Werachen?“ Sie zog die geblühten Vorhänge zu, so dass ein dämmeriges Licht in dem Raum war...

Die Jahre waren dahin. Das war Kadri,

„Sublime“
die beste Tafelbutter
Theodor Bergander
Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Dralle Birkenwasser, das „nor plus ultra“ aller Haarpflegemittel

Lacke Pinsel Farben
und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration
EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifácio Nr. 114

Deutsches Farbenhaus
Henrique Zuehlke & Cia.
S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten
TEMPEROL-FABRIKATE
(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)
Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen,
Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Werner Pfeffer
Nickelação Cambucy
Rua Lavapés 801
SAO PAULO

Jorge Danmann
Deutsche Maßschneiderei
für Herren und Damen
Gut sortiertes Stofflager
Rua Ypiranga 193
Tel. 4-2320

CASA TURF

Rua Direita 119

Grosser Jahresausverkauf
Extra billige Preise!
JENKE & SCHAEFFTER

Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt
„Saxonia“
Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
u. Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.
Fabrica de Productos
Alimenticios „VIGOR“

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

FRACHTEN

zwischen São Paulo-Santa Catharina und
vice-verso am schnellsten und sichersten
nur durch die **Empreza Frenzel**
Agencia: São Paulo - R. Paula Souza 24
Telefon 4-0013 - Matriz: Jaraguá do Sul
Agenten in fast allen Städten des Staates
Santa Catharina

Josef Hüls

Erstklassige Schneiderei.
Mäßige Preise. Rua Dom
José de Barros 266, fobr.,
São Paulo, Tel. 4-4725

João Knapp

Klempner, Installateur
Regist. Rep. de Aguas e
Esg. Rua Mon. Passa-
laqua 6. Telefon 7-2211.



Deutsche Edelstein Schleiferei
H. Kröninger
Größte Auswahl in
gefähten und unge-
fähten Edel- und
Halbedelsteinen

Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Bigth)
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico S. Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 8—18.30 Uhr die besten
homöopathischen Ärzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leich-
te Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten
kann. Die Homöopathie heilt auch in schwer-
sten Fällen auf eine milde Weise und mit recht
geringen Spesen. Man spricht deutsch.

(Neben der homöopathischen Apotheke
Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenia 225
Umgezogen nach der
Rua Ipiranga Nr. 225.
Empfiehlt sich weiter
zur guten Bedienung
seiner Kundschaft.
Hermann Radelsberger

Hugo Lichtenthäler

Rua Aurora Nr. 135
Acht. deutsches Möbelhaus
Grosse Auswahl
in kompl. Zimmern und
Einzelmöbeln. - Auch
TAUSCH u. KAUF von
gebraucht. Möbelstücken

Dr. Max Rudolph
Allg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Beirahlungen
Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337
Sprechstunden v. 3-5, Sonnabends v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori
Spezialarzt für allg. Chirurgie - Röntgenapparat
Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 10-12 Uhr
Rua Barão de Itapetalinga 130 - II. andar - Tel. 4-9933

Dr. G.H. Nick
Facharzt für
innere Krankheiten.
Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr
R. Lib. Badaró 73, Tel. 2-3371
Privatwohnung: Tel. 8-2263

Erwin Schmied
Dentist
Largo Santa Efigenia 1
1. Etod, App. 11
(Eingang von der Brücke)
Sprechstunden von
8.30—19.30 Uhr, Sonn-
abends: bis 12 mittags

Dr. Erich Müller-Caroba
Frauenheilkunde, Geburtshilfe
Röntgenstrahlen - Diathermie
Ultraviolettrahlen
Konsult.: R. Aurora 1018 von
2-4.30 Uhr - Tel. 4-6898.
Wohnung: Rua Groenlandia
Nr. 72. - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke
In Jardim America
Anfertigung ärztl. Re-
zepte, pharmazeutische
Spezialitäten - Schnelle
Lieferung ins Haus.
RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-3091

Deutsche Apotheke
Ludwig Schwedes
Rua Lib. Badaró 318
S. Paulo, Tel. 2-4468

Dres. Lehfeld und Coelho

Dr. Walter Hoop
Rechtsanwälte
São Paulo, Rua Libero Badaró 443.
Tel. 2-0804, 2. St., Zim. 11-16 / Postfach 444

Sie", sagte er, „hier sind die Deutschen, und Sie wissen, dass die Deutschen Sie aufhängen werden.“

Gustaf holte aus und gab dem Esten einen Faustschlag mitten ins Gesicht. „Vorher dich! Ich werde ein Briefchen nach Arensburg schreiben, damit du baumelst, mein Söhnchen. Vorher aber werde ich deine Mutter auf die Landstrasse jagen.“

Der Este wollte sich auf ihn stürzen. Aber er besann sich, dass der andere in der Peters-Schule boxen gelernt hatte. Er wusste aus Erfahrung, wie seine Schläge wirkten.

Er blieb eiskalt. Darin war er den Russen überlegen. „Ich heiße Reinhold, Herr“, sagte er. „Es ist der Name, der mir vom alten gnädigen Herrn Benkenhof gegeben worden ist.“

„Luder heisst du!“ Willst du jetzt parieren oder nicht?“

„Jawohl, Herr“, sagte der Este. „Aber ich heiße Reinhold.“

Gustaf lachte. „Also, du Idiot, gehe jetzt zunächst nach der Datsche und hole mir etwas zu essen. Aber etwas Tüchtiges. Hier ist man doch sicher?“

„Die Deutschen sind hier. Sie fahren an der Datsche auf und ab, als sei Geburtstag dort.“

„Schöne Schweinerei! Aber wir werden es ihnen geben. Wir haben auf Moon gesiegt“, sagte Gustaf, „die Kornilowze haben sie elend in die Flucht geschlagen! Nun rücken wir an.“

Reinhold erschrak. „Ist es wahr, gnädiger Herr?“

„Wäre ich sonst hier? Hälst du mich für so dumm, du Hund?“

„Ich habe Euer Hochwohlgeboren nur warnen wollen.“

„Schon gut, gehe und hole Essen! Wir haben viel zu tun. Wenn du auf die Idee kommen solltest, mich etwa den Deutschen zu verraten, so kannst du dir von vornherein den Baum aussuchen, an dem du hängen willst. Du weißt, ich komme immer wieder.“

Reinhold lief zu seiner Mutter, die zufried-

den war, als er ihr berichtet hatte, dass ihm verziehen worden sei. Er dürfe sich vor den Deutschen zeigen.

Er bat um Essen. Er wolle im Gartenhaus bleiben. Die Frau Baronin habe ihm gesagt, sie wünsche ihn nicht viel zu sehen, und dort könne er sich nützlich machen. Die Aepfel müssten abgenommen werden, denn der Winter sei lang. Dann sagte er: „Mutter, weißt du, dass die Russen bei Moon einen Sieg errungen haben? Hast du etwas gehört? Bei euch hier gehen doch die Deutschen ein und aus.“

„Ach, Holdchen, Dummer, ich bin in Arensburg gewesen, um neuen Käse zu kaufen. Da habe ich mit eigenen Augen gesehen, wie die Russen gefangen waren, zu Tausenden, zu Zehntausenden, zu Hunderttausenden. Die Gewehre lagen so hoch wie das Hotelchen, bis unter das Dach lagen sie. Mein Sohn, von wem hast du solche Nachricht?“

„Man hört es so, die Leute kommen ja von Moon.“

„Man hat dir einen deutschen Namen gegeben, aber keinen deutschen Verstand.“

krank, ich habe nur ein bissehen geschlafen.“

Da sass nun Kautermann in einem tiefen Sessel am Fenster und sah, wie das Sonnenlicht langsam sank. Im Bett unter bunten Decken lag eine schöne junge Frau und erzählte ihm die Geschichte ihres Lebens, ihm, dem Fremden.

Er hatte gesagt: „Ich bin ein Freund von Oberleutnant Westerkamp, der hier kurze Zeit in Quartier lag.“ Da hatte die junge Frau begonnen, eine verworrene Geschichte zu berichten. Kautermann hörte die Not ihres jungen Herzens.

„Ich komme mir vor, als ob Sie mich als Ihren Grossvater betrachteten, gnädige Frau“, haßte er versucht, scherzend zu dämmen, aber Wera hatte geantwortet: „Ich habe keinen Menschen auf dieser Welt, und zu Ihnen habe ich Vertrauen.“

Nun kam der Verzweiflungsausbruch: „Herr Major, ich bin überzeugt, dass ich schuld bin am Tode meiner Freundin. Die Zusammenhänge sind ganz klar. Ich habe bei ihrem Leben geschworen, dass ich meinen Mann nicht hintergehen würde. Ich habe meinen

„Das haben Sie für mich getan, ohne mich zu kennen?“ Wera richtete sich auf.

Kautermann lächelte. „Jetzt werde ich mich empfehlen. Ich bin nämlich tatsächlich noch kein Grossvater. Ich möchte meinem Kameraden Westerkamp entgegengehen und ihm sagen, dass Sie uns zum Abendbrot erwarten. Schlafen kann er ja bei mir im Zimmer.“

„Wir haben noch eine Gastkammer“, sagte Wera.

Die Tür war noch kaum zu, da sprang Wera auf. Selbst die Medizin des Doktors war wie durch ein Wunder aus ihrem Körper ausgeschieden. Sie rief laut durch das ganze Haus: „Kadri! Kadri, wir bekommen Gäste!“

Die Aepfel schmeckten gut. Gustaf spuckte das Kerngehäuse aus und nahm sich den zweiten Apfel vor. Seine kräftigen Zähne bissen in das duftende Fleisch, der schaumige Apfelsaft floss im Munde zusammen. Ausgezeichnete Aepfel!

Es war gut, noch ein paar davon zu verpeisen, ehe man Oesel verliess. Man musste das Gute nehmen, wo man es fand. Schade, dass man kein Jagdgewehr hatte. Was da unter den jungen Kiefern wie ein hellroter Streif entlangzog, war ein Fuchs.

Gustaf lachte. Es hatte keine Füchse auf Oesel gegeben. Verrückte Insel! Aber er hatte sie eingeführt. Die Hasen auf Oesel waren ja so dick und fett geworden, dass sie gar nicht mehr schmeckten. Wäre vielleicht ein hübscher Pelzschal für Wera geworden. Aber die liess sich ja jetzt wohl ihre Füchse von den Deutschen schiessen.

Der dritte Apfel war noch nicht ganz reif. Ohne Enttäuschung geht eben nichts ab ... Ueber das Feld hinweg konnte Gustaf jetzt den Eingang zur Datsche erkennen. Er hielt an und beobachtete. Die Luft war ganz klar. Ein Glas wäre gut gewesen, aber es ging auch so.

Da verliess jemand das Haus. Aha, ein dicker Deutscher! Er ging den Weg nach Arensburg. Gut, Väterchen, gut! Gehe nach Arensburg, ich habe zur Zeit nur sechs Schuss im Revolver, und die sind für andere Zwecke reserviert.

Die alte Kadri hüpfte wie ein krankes Huhn um das Haus. Jetzt war sie am Brunnen. Man musste ihr doch einmal guten Tag sagen. Mit ein paar Sätzen durchmass Gustaf das Feldstück, fand die Stelle, wo der Lattenzaun morsch war und man die Bretter zur Seite biegen konnte, und stand im Hofraum.

Kadri erschrak. Gustaf legte ihr die Hand auf den Mund. „Schrei nicht! Ich weiss, du hältst es mit den Deutschen. Wenn dir das Leben deines Sohnes lieb ist und dein eigenes, schrei nicht und tu, was ich dir sage. Im übrigen schenke ich dir dieses Haus.“

„Das hat der selige Herr Baron schon getan.“

„Hat er? Du irrst dich. Ich schenke es dir, und du wirst noch viel mehr erben. Schöne Kleiderchen ...“

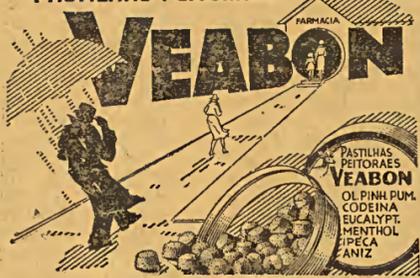
(Fortsetzung folgt.)

GULIVER

bringt neue Spiele für Jung und Alt!
Mikado, das enzückende Stäbchenspiel, Preis 5\$000
GATO PRETO, (ein neuer „Schwarzer Peter“) Preis 3\$000
Ihr bekommt sie überall
Fabrica de Brinquedos „GULIVER“ LTDA.
Caixa postal 2214 — São Paulo

Gegen Husten und Heiserkeit

PASTILHAS PEITORAES



Deutsche Hirsdiapotheke
Rua São Bento Nr. 219

Von Kriegsbericht Dr. Erhardt Eckert

„Anton sechs“ sendet nicht mehr!

Fernschreiber Berlin: Sofortiger Einsatz der Staffel zur Aufklärung des Raumes H und Q. Bilder von neuen Befestigungsarbeiten und Truppenverschiebungen auf kürzestem Wege nach Berlin.

Im Zimmer des zV-Offiziers versammeln sich die Männer, die die unmittelbare Verantwortung für den Feindflug tragen. Mit Oberleutnant L. sind seine beiden Feldwebel L. und B. angetreten, mit denen er schon in Spanien zusammen war. In Polen haben sich die drei, die sämtliche Spanienorden tragen, das EK II. geholt. Und nun fliegen sie auch im Westen in der gleichen Maschine.

Der stellvertretende Staffelführer, Oberleutnant K., ruft sie zur Karte. Breit zieht sich der blaue Streifen der deutsch-französischen Grenze von oben nach unten. Mit gebührender Hand zieht der Staffelführer die langen Linien des „Flughandtuchs“ der Grenze entlang, bis in die Gegend von Q. „Alles klar, meine Herren?“ — Jawohl, Herr Oberleutnant!

Die letzten Befehle

Die weitere Ausarbeitung des Flugplanes liegt jetzt bei der Besatzung. Die letzten Befehle des stellvertretenden Staffelführers gehen an das Bildpersonal. Die Waffe des Aufklärers sind die Kameras, — mit ihnen kämpft er. Jede gute Aufnahme vom Feindland ermöglicht der Führung den richtigen Einsatz und erleichtert der Truppe den Erfolg. Im Polenfeldzug haben die Aufklärer der deutschen Wehrmacht grosse Blutopfer erspart.

18 Uhr. Im Zimmer des Beobachters, Oberleutnant L., läutet das Telefon:

„Hier Oberleutnant K. Ich habe mit dem Kommandeur des Jagdgeschwaders vereinbart, dass Ihre Maschine morgen um 12,30 Uhr auf dem Rückflug von zehn Jägern abgeholt wird. Treffpunkt vereinbaren Sie bitte selbst. Startzeit ist entsprechend festzusetzen. Zwischenlandeplatz der Jäger ist in D. Jawohl, D., ungefähr 50 Kilometer westlich S. Haben Sie? Weitere Fragen? Nein! Ende.“

18,30 Uhr. Die drei Männer von „Anton sechs“ stehen gebeugt über der 100 000 Karte des nordfranzösischen Grenzstreifens. Lange Ziffernreihen füllen die Formulare.

„Hals- und Beinbruch“

9 Uhr. Die beiden Feldwebel gehen zu ihrer Maschine hinaus. Neben der Do steht der Benzinwagen. Die Tanks verschlingen ungeheure Mengen des kostbaren Brennstoffs. Jeder Liter mehr, der untergebracht werden kann, bedeutet, wenn es darauf ankommt, eine kleine Chance. Vorn in der Glaskanzel baumeln drei Sektpropfen, ein blauer, ein gelber, ein grüner. Die Propfen baumelten schon über Spanien und Polen. Die Maskottchen der Besatzung. Die Maschine ist immer heimgekommen.

Ein strahlend blauer Himmel zieht sich über das Land. Vom Flakturm des Flugplatzes hat man gut 50 Kilometer klare Sicht. Das Rollfeld ist glashart gefroren. Oben in 7 000 Metern Höhe muss es bannig kalt sein. Aber die Kabine wird mit den Abgasen geheizt; man kann es also schon eine Weile da draußen aushalten. Der Morgenwind pfeift über die Höhe und fängt sich an der Waldkulisse. Alle laufen mit knallroten Ohren und Nasen herum. Hier oben wird die Sonne noch zu kämpfen haben, bis es wirklich Frühling werden kann.

Die „Wetterfrösche“ haben ausgezeichnetes Flugwetter gemeldet. Der Oberleutnant freut sich. Alles hat grossartig geklappt, die Maschine ist völlig in Ordnung, das Wetter ist gut. Die genaue Zeitberechnung wurde früh um 8 Uhr gemacht; die Jäger sind benachrichtigt, wo „Anton sechs“ um 12,30 Uhr sein wird — also ab dafür!

10,20 Uhr. Seit wenigen Minuten heulen die beiden Sternmotore. Einen Monteur hat der Flugschraubenvind die Mütze vom Kopf gerissen; er hat sie erst unten beim Wald wieder gefangen. Breites Lachen verzieht die Gesichter der Männer.

Der Flugzeugführer, Feldwebel B., nickt mit dem Kopf. Die Bremsklötze werden weggerissen, das Aufheulen schwillt an. „Anton sechs“ rollt an. Oberleutnant L. grüsst herunter. Unten steht alles stramm. Kameraden gehen auf Feindflug, die ganze Staffel schiebt ihr Herz mit.

„Hals- und Beinbruch!“ Und kommt heil wieder, wünscht jeder im Stillen. Kommt gesund wieder, Kameraden!

In der Funkbude

Im Tiefflug rast die Do über den Flughafen; bevor sie Höhe gewinnt, kurvt noch einmal und verschwindet dann über den Tannenwipfeln.

11,20 Uhr. Das Zimmer des Offiziers zV ist voller Menschen. Sie sitzen und stehen zwar äusserst ruhig und gelangweilt herum; sobald aber das Telefon läutet, reisst es sie hoch.

„Hier Oberleutnant M. Wer ist dort? Funkstelle? Was gibt's? Die Maschine sendet ‚Warten‘. Gut!“

Alle sind erleichtert. Das Starren auf den berühmten Punkt an der Wand beginnt von Neuem. Wenn einer ein Wort spricht, richten sich erstaunte Augen auf ihn. Kein Wunder, dass die Gespräche immer abgehackter werden.

12,20 Uhr. Die Funkstelle meldet sich jetzt schon von selbst. „Herr Oberleutnant, das Flugzeug sendet immer noch ‚Warten‘!“

12,30 Uhr. Das Telefon schlägt an: „Herr Oberleutnant, die Verbindung ist schlecht, kläglich!“

„Was verstehen Sie unter kläglich?“ „Es ist so, als wenn der Funker keine Zeit zum Tasten hätte, als wenn er anderweitig beschäftigt wäre.“

„Sie meinen — Feindberührung?“ „Das kann man nicht genau sagen, Herr Oberleutnant; aber möglich ist es sicherlich.“ „Melden Sie sich sofort wieder, wenn Sie Verbindung mit der Maschine haben!“

12,41 Uhr. Die Funkstelle: „Herr Oberleutnant, die Verbindung ist ganz abgerissen, „Anton sechs“ sendet nicht mehr!“

„Was ist los? Passen Sie genau auf und melden Sie sich sofort.“

Keine Antwort von „Anton sechs“

12,41 Uhr. Um 12,30 Uhr muss die Do mit den zehn Jägern zusammengetroffen sein. Sicher ist es zur Feindberührung gekommen. Es muss ja gar nichts geschehen sein, vielleicht ist das FT-Gerät zerschossen, vielleicht ist der Funker verwundet, vielleicht ist eine Sicherung durchgebrannt.

„Aber Feldwebel L. ist doch der beste Funker in der Staffel, der baut doch aus alten Fetzen ein Funkgerät zusammen!“

„Vielleicht hat er keine Zeit zum Tasten, er ist ja auch Bordschütze. Und dann sind ja auch die Jäger da!“

13,30 Uhr. Der Oberleutnant kurbelt am Telefon: „Funkstelle? Immer noch keinen Bescheid? Nein? Verflucht! Dann fragen Sie jetzt mal an!“

13,45 Uhr. Die Funkstelle: „Herr Oberleutnant, die Maschine antwortet nicht, keine Verbindung mehr!“

„Bleiben Sie weiter auf der Frequenz. Und sofort verständigen, wenn Sie etwas hören!“

13,50 Uhr. Jetzt müsste die Maschine landen, wenn alles in Ordnung gegangen wäre. Wir stehen vor der Karte. Oberleutnant M. hat den grossen Masstab in der Hand und rechnet nach.

„Nichts zu machen — es stimmt alles. L. hat alles genau ausgetüftelt. Die Maschine muss jetzt kommen. Was meinen Sie, Feldwebel?“

„Wenn Sie in 7 000 geblieben sind, Herr Oberleutnant, haben sie noch für eine Weile Sprit; aber B. gibt sich ja nicht so aus.“

Die Spannung wird unerträglich

14 Uhr. Die Spannung, die über den Männern im zV-Zimmer liegt, wird allmählich unerträglich. Der Oberleutnant wandert auf und ab; dann bleibt er wieder vor der Karte stehen, starrt blicklos drauf und wandert weiter, auf und ab. Der Arzt hält eine Zeitung in der Hand. Er hat noch keine Zeile gelesen.

Durchs offene Fenster dröhnt Motorengeräusch.

Es jagt uns auf. Wir rennen durch den langen Barackengang hinaus. Aus allen Baracken laufen sie zusammen. Der Fahrer des Sanitätswagens lässt den Motor anlaufen.

Das Dröhnen kommt über den Wald. Aus der gleissenden Sonne jagt es uns entgegen. Die Augen versagen. Jetzt braust das Dröhnen über uns hinweg — klar, die Do ist da!

Mensch, endlich! Herrgott nochmal, im letzten Augenblick! Wir springen in den Sanka, um zum Rollfeld hinauszufahren.

„Halt, halt! Kinder, das sind sie ja gar nicht! Eine Me war das! Ein Jäger!“

Die Maschine biegt über dem Wald drüben ab, jetzt sehen wir es selbst: eine Me. Was jagt der Vogel auch so dämlich niedrig über den Platz? Verrückt, jetzt kommt der Jäger nochmal an, springt über den Wald und haut ab. Wir schauen uns dumm an. Der Oberleutnant flucht vor sich hin.

14,30 Uhr. Das Telefon! Der Oberleutnant springt zum Apparat. Wir stehen runderum.

Die Jäger haben nichts gesehen

„Hier Oberleutnant M. Wer ist dort? Herr Major? Jawohl, Herr Major, hier Oberleutnant M. zV. der Staffel. Jawohl, Herr Major! Ihre Jäger sind gelandet? Wo, in D? Jawohl, Herr Major. Keine Feindberührung? Haben Sie unsere Maschine getroffen, Herr Major? Nein! zehn Minuten gewartet, nichts gekommen? Ich habe verstanden, Herr Major! Ich rufe abends noch einmal an. Ende!“

Sie haben unsere Do nicht getroffen — Der Oberleutnant ist bleich geworden. Innerlich hat ja jeder von uns allmählich mit dem Verlust gerechnet. Jetzt kommt die Bestätigung. Die Jäger haben die Do überhaupt

nicht getroffen! Also ist sie gar nicht mehr von Q zurückgekommen. Natürlich muss sie nicht abgeschossen sein. Natürlich nicht. Wer behauptet das auch? Vielleicht ist sie notgelandet? Vielleicht haben sie die Franzosen auf belgisches Gebiet abgedrängt? Vielleicht sitzen sie auf einem deutschen Flugplatz und haben nur noch keine Verbindung bekommen? Vielleicht sind sie in einem deutschen Grenzwald notgelandet und B. hat Bruch gemacht? Vielleicht ist B. verwundet und Oberleutnant L. hat geknuppelt und ist querbeet nach Osten geflogen. Wer weiss, wo sie sitzen!

Wenn sie aber doch abgeschossen wurden? Die beste Besatzung der Staffel! Spanien, Polen, EK Zwoter, Nachtflug, Blindflug! Wenn sie doch abgeschossen worden sind — 12,41 Uhr letzte Meldung!

Überfällig

18 Uhr. Das Telefon schweigt. Die Funkstelle schweigt. Wir sitzen stumm mit heissen Wangen, brennenden Augen im zV-Zimmer. Immer noch im zV-Zimmer. Die Nerven sind dünne Bindfäden, Nähzwirn geworden. Und starren auf den verdammten Kasten von Telefon.

18,30 Uhr. Der Oberleutnant schiebt sich vor die Flugzeugtafel. „Anton sechs“ ist die oberste Maschine.

Der Oberleutnant starrt auf den Namen „Anton sechs“. Wir starren auf den Oberleutnant.

Die Minuten schleichen durch den Raum. Meine Hände werden feucht. Ich muss schlucken. Die Blicke der andern gehen wie Wesen durch das Zimmer und verkrallen sich in den Rücken des Oberleutnants. Der dreht sich kurz auf der Stelle, geht aus dem Zimmer hinaus und haut die Türe hinter sich zu.

Liebeswerk Ostdeutschland

Nur noch jeden Dienstag von 3 bis 6 Uhr Spenden-Annahme und Arbeits-Ausgabe in der Rua Arthur Prado Nr. 492

Manneken-Piß“ / Von Jan Willem Stallaerts

Eine charakteristische Geschichte von einem Brüsseler Denkmal / Der Knabe, der oft gestohlen wurde / „Treu Verbündete“, die sich bereicherten / Auch in Kleinigkeiten verleugnet sich der Engländer nicht

Vom Manneken-Piß in Brüssel weiss man auch in Deutschland; was soll ich grosse Geschichten über das Denkmal schreiben, auf dem ein kleiner Junge steht, der sein Geschäft verrichtet. Du-Quesnoy hat das Bronze-Standbild 1648 aufgestellt. Warum der kleine Junge Tag und Nacht es laufen lässt? Die Brüsseler wissen wohl ein halbes Hundert Geschichten zu erzählen — es sei ein Knabe verloren gegangen und der Vater habe ihn gefunden, wie er sich gerade an der Strassenecke zu der Wasserei anschickte; da habe er ihm aus lauter Freude dieses Denkmal setzen lassen. Ein anderer meint, das Brüssel einmal hart belagert worden wäre. Da hätten die Feinde Feuer angelegt, um alles zu verbrennen; sie schoben die glimmende, brennende Laterne unter eine Scheune. Dies sah ein kleiner Junge, und er machte sich einen Spass, sie auf die wässrigste Art und Weise wieder auszulöschen. Des zum Gedenken hätte Brüssel das Standbild seines Er-

retters aufgerichtet, in eben der Stellung, wie er seine grosse Tat vollbrachte. Nun, es mag einen Grund haben, welchen es immer wolle; soviel ist sicher, Manneken-Piß ist für die Brüsseler das, was anderen Städten ihre heiligsten Dinge sind, und Herzog Maximilian hat ihm, als er im Jahre 1698 Brüsseler Schützenkönig wurde, sogar ein hübsches neues sammeltes Kleid anlegen lassen, und schenkte ihm dazu das Ritterband von seinem Orden. Deswegen aber lohnt es nicht, vom Manneken-Piß heute zu berichten, denn die deutschen Soldaten, die jetzt in Brüssel sind, werden von ihm wissen, weil es ihre Väter vor fünf und zwanzig Jahren schon gesehen haben. Sie taten ihm nichts; sie hatten nur ihre Freude dran, und die Brüsseler hat's wiederum gefreut, wie sie mit ihm „fein säuberlich verfahren“. Sie kamen als Feinde.

Gott aber schütze Brüssel vor seinen „Freunden“. Im Jahre 1746 nämlich, es ist lange her, trotzdem ist aber die Geschichte allen noch bekannt, stand England auf der Seite Hollands gegen die Franzosen. Was ward? Als sie am 21. Februar die Stadt an ihre heutigen Freunde, die Franzosen übergeben mussten, da steckten sie das Manneken-Piß in einen Fouflage-Wagen und nahmen es mit. Die Deutschen haben es 1914 nicht genommen, doch die Verbündeten hielten eine kleine Dieberei für recht. So wie sie heute das mit dem Curaçao wohl für recht und billig halten werden. Sie brachten das Männchen aber nur bis Geraerdsbergen. Die Geraerdsberger, unsere guten Nachbarn, nahmen es im Wagen wahr und paschten es ihnen, che sie weiterzogen aus dem Korb. Und wie dann unsere „treuen Verbündeten“ völlig aus der Nähe waren, da holte die Stadt das Bild in einer feierlichen und pompösen Prozession zurück.

Sieh aber! Es war mit Mühe und Not an seinen alten Ort gebracht, da kamen noch einmal zwei vom engländischen Heer und packten es so ein, wie ihre Generale es am 21. eingepackt. Es scheint, da ist kein Unterschied von General und Mann, und wo sie etwas Hübsches sehen, müssen sie es haben. Sie schleppten das Manneken eine halbe Stunde vor die Stadt; dort wurde es ihnen zu schwer, da liessen sie es stehen, und wiederum ist es im feierlichen Zuge heimgekommen.

Ein Jahr darauf, als die Franzosen das Land verliessen, da wussten sie nichts Besseres, als die Methoden ihrer heutigen Verbündeten nachzuahmen. Zwei Garderegimentre huckten das Manneken auf und zogen ab. Erst hinter Beistand haben die Brüsseler es wieder holen können. Nun ja, sie waren Feinde, — da kann mans verstehen, obwohl die Deutschen 1914 auch als Feinde kamen, und das Manneken-Piß doch ungeschoren stehen lassen konnten. Die Engländer, die Waffenbrüder aber und Verbündeten —? Sie sagen, es seien zweihundert Jahre seit der Zeit vergangen. Gewiss, es sind zweihundert Jahre, — aber Curaçao, das Manneken-Piß, das sie jetzt den Holländern abgenommen haben? Und Island, das sie vor einiger Zeit den Dänen stahlen? Und — nun, wir werden ja sehen, wie es weiter geht, und was von Belgien, wenn der Krieg vorüber ist, nicht wird auf Nimmerwiedersehen über den „Kanal „geboren“ sein. Brüssel hatte wunderliche Verbündete angenommen, meiner Treu!

FRAUEN! Sorgt fuer Eure Maenner!



Arbeitsueberhaefung und Sorgen bringen es mit sich, dass der Mann oft muede und abgepannt nach Hause kommt und an nichts anderes denkt als nur an schlafen. Dann ist es an der Zeit, eine Kur mit TONICO BAYER zu machen, um die Lebenskraefte wieder anzuregen und aufzufrischen.

- Schon in 2-3 Wochen wird sich eine merkbare Veraenderung vollzogen haben. Optimismus und allgemeine Lebensfreude kehren zurueck; denn Tonic Bayer erneuert das Blut, kraeftigt die Muskeln und staerkt das Nervensystem. Viele Aerzte verschreiben es wegen seiner hervorragenden Wirkung.
- Versuchen auch Sie es noch heute mit einer Flasche Tonic Bayer.



WAS IST TONICO BAYER?
Es ist das Staerkungsmittel, das nach dem heutigen Stand der Wissenschaft alles enthält, was fuer den Organismus lebenswichtig und wertvoll ist; naemlich Vitamine, Leber-extrakt, Calcium, Phosphor und andere Substanzen von grossem therapeutischem Wert. Tonic Bayer wird von den weltbekanntesten Bayer-Laboratorien hergestellt. Bedarf es noch einer weiteren Garantie!

TONICO BAYER

ERNEUERT DIE LEBENSKRAFT

Der letzte Appell des Führers an die britische Vernunft

Die große Reichstagsrede vom 19. Juli 1940

Berlin, 19. (TO) — Die Rede des Führers Adolf Hitler im Reichstag am Freitagabend hatte folgenden Wortlaut:

„Abgeordnete! Männer des Reichstages! Mitten in dem gigantischen Ringen um die Freiheit und Zukunft der deutschen Nation habe ich Sie zu dieser Sitzung einberufen lassen. Die Gründe dafür liegen in der Notwendigkeit, unserem eigenen Volk einen zusammenfassenden Ueberblick über diese geschichtlich einzigdastellenden Ereignisse zu verschaffen, den Soldaten, die ihr Letztes hergaben, noch einmal unseren Dank auszusprechen und einen letzten Appell an die allgemeine Vernunft zu richten. Wer die Beweggründe zu diesem historischen Krieg mit der Grösse und dem Ausmass der militärischen Ereignisse vergleicht, der muss zu dem Schluss kommen, dass zwar zwischen den Ereignissen und den Opfern dieses Kampfes und der Voraussetzung dafür kein Verhältnis besteht, es sei denn, diese Voraussetzungen waren nur Vorwände, hinter denen sich bestimmte Absichten verbargen.

Revision von Versailles

Bezüglich der künftigen Struktur der Beziehungen des Reiches zur Umwelt war die nationalsozialistische Bewegung ein Versuch, die Revision des Versailler Vertrages auf jeden Fall und, wenn immer möglich, auf friedlichem Wege zu erreichen. Diese Revision war eine Naturnotwendigkeit: das Unhaltbare der Versailler Bestimmungen lag nicht nur in dem demoralisierenden Misskredit der Entwertung des deutschen Volkes, die bedeuten sollte, dass es ausserhalb seines Schicksals gestellt bleiben sollte, vor allem lag es in der Zerstörung der Gegenwart, von der man die Absicht herleitete, die Zukunft eines der kultiviertesten und grössten Völker der Welt zu zerstören; es lag in der absolut sinnlosen Anhäufung ungeheurer Gebiete unter der Herrschaft einiger Staaten, in dem Raum unersetzlicher Rohstoffquellen zweier Güter, die für das Leben des Unterdrückten unerlässlich sind: eine Tatsache, die schon bei der Ausarbeitung dieses Diktats von vernünftigen Männern unter den Gegnern erkannt wurde und die vor der endgültigen Durchführung der Klauseln dieses Wahnsinnswerkes warnten. Das war schon ein Beweis dafür, dass selbst unter ihnen die Einsicht von der Unmöglichkeit der Aufrechterhaltung dieses Diktats in Zukunft Boden gewann. Diese Skrupel und Proteste wurden nun dadurch zum Schweigen gebracht, dass man versicherte, dass der neugegründete Völkerbund in seinen Statuten die Möglichkeit einer Revision dieser Klauseln zusicherte und dass er gerade hierfür zuständig wäre. So hat man die Hoffnung auf eine Revision niemals als etwas Sinnloses hingegenommen, sondern als etwas ganz Natürliches. Leider erachtete sich der Völkerbund aber, ganz in Uebereinstimmung mit dem Willen der für den Versailler Vertrag verantwortlichen Männer, nicht für eine Institution, durch die man Revisionen erreichen könnte, sondern als Garant für die Erfüllung und die Aufrechterhaltung der Versailler Bestimmungen. Alle Versuche des demokratischen Deutschland, auf dem Wege der Revision eine Gleichberechtigung des deutschen Volkes zu erreichen, sind vergeblich gewesen. Wenn es jedoch im Interesse des Siegers liegt, alle die Klauseln, die ihn begünstigen, als geheiligt darzustellen, so ist es im wesentlichen der Selbsterhaltungstrieb des Besiegten, der ihn nach der Wiedererlangung der gemeinsamen menschlichen Rechte streben lässt. Für ihn hat das Diktat eines strengen Gegners keine Gesetzeskraft, noch weniger aber, wenn dieser Gegner gar nicht wirklich Sieger war.

Das Unglück des Reiches wollte es, dass es in den Jahren 1914 bis 1918 sehr schlecht geführt wurde. Daran, und an dem Glauben und dem Vertrauen des deutschen Volkes, das in den Worten seiner demokratischen Regierenden nichts anderes kannte, sind wir zugrunde gegangen. Darum war die englisch-französische Absicht, den Versailler Vertrag als eine Art internationaler juristischer Norm hinzustellen, ja selbst als die höchste Norm, für jeden Deutschen nichts anderes als die Synthese für eine unverschämte Arroganz, und die Zumutung an sich, dass gerade die englischen oder französischen Staatsmänner die Wächter des Rechtes, ja der menschlichen Kultur überhaupt sein sollten, war eine Unverschämtheit, die genügend herausstellt, wie wenig Mut sie auf diesem Gebiet gezeigt hatten. Denn selten noch wurde in der Welt mit weniger Vernunft, Moral und Kultur regiert, als dies damals der Fall war, als wir der Wut einiger demokratischer Politiker ausgesetzt waren.

Das Programm der Bewegung

Die nationalsozialistische Bewegung hatte in ihrem Programm ausser der inneren Befreiung aus den Ketten der jüdischen Kapitali-

sten, eines kleinen Kreises plutokratischer Ausbeuter, den Entschluss gefasst, das Reich auch nach aussen von den Ketten des Versailler Diktats zu befreien. Die deutschen Wiedergutmachungsforderungen auf Revision waren für die Existenz und die Ehre des ganzen grossen Volkes notwendig und natürlich. Die Nachwelt wird eines Tages beurteilen, dass sie unendlich massvoll waren. Doch diese Wiedergutmachungsforderungen mussten in der Praxis gegen den Willen der englisch-französischen Machthaber durchgesetzt werden. Uns allen schien es gerade als ein Erfolg des Dritten Reiches, dass diese Revisionen Jahre hindurch ohne Krieg errungen werden konnten. Und nicht etwa deshalb, wie die englischen und französischen Demagogen behaupteten, weil wir nicht in der Lage gewesen wären, Krieg zu führen. Als es dann schien, dass dank der Einkehr einer gewissen Vernunft auch die übrigen Probleme friedlich gelöst werden könnten, freute sich die öffentliche Meinung in London und Paris nicht nur nicht darüber, sondern verdammt als ein fluchwürdiges Zeichen von Schwäche das Abkommen, das am 29. September in München von den vier grossen Staaten getroffen wurde, die im wesentlichsten daran interessiert waren. Die jüdischen Kapitalisten, die Blutsauger und Kriegshetzer, sahen mit der Möglichkeit, hierdurch eine friedliche Revision herbeizuführen, die Vorwände entschwinden, die sie zur Durchführung ihrer wahnsinnigen Pläne brauchten. Und nun erstand wieder jene Verschwörung jener bedauernden käuflichen politischen Kreaturen und der habsüchtigen Finanzmagnaten, für die der Krieg ein Mittel ist zum besseren Blühen ihrer Geschäfte. Das internationale jüdische Gift zerstörte mehr und mehr die gesunde Vernunft und die Literaten wussten, die vernünftigen Männer, die den Frieden wollten, als Schwächlinge und käuflich hinzustellen und bezichtigten die Oppositionsparteien als die fünfte Kolonne, um auf diese Weise jeden inneren Widerstand gegen ihre verbrecherische Kriegspolitik auszuschalten. Juden und Freimaurer, Rüstungsfabrikanten und Kriegsspekulanten, internationale Händler und Börsenagenten, fänden Leute, Verzweifelte und Herostratiker von Natur, für die der Krieg das Gebene und wünschenswerte war.

Polen

Diesen Leuten verdankt es der polnische Staat, dass er verhetzt wurde, eine Haltung einzunehmen, die mit keiner der deutschen Forderungen im Verhältnis stand und noch viel weniger mit den Folgen, die sich dann daraus ergaben. Denn gerade Polen gegenüber hat Deutschland seit der Machtübernahme eine wahre Selbstüberwindung geübt. Eine der niederträchtigsten und dümmsten Massnahmen des Versailler Diktats war die Lostrennung einer alten deutschen Provinz vom Reich, die schon von sich auf eine Revision drängte, und das, um was ich bat — ich kann hier schon von mir selbst sprechen, weil kein einziger Staatsmann es gewagt haben würde, der deutschen Nation eine solche Lösung vorzuschlagen, wie ich sie vortrug, war nicht mehr als die Wiedereinfügung Danzigs ins Reich, also einer uralten und rein deutschen Stadt, und die Zugestehung einer Verbindung des Reiches mit seiner abgetrennten Provinz, und das auch nur unter der Bedingung einer Volksabstimmung, die noch dazu von einem internationalen Forum kontrolliert werden sollte.

Wenn Mr. Churchill und die anderen Kriegshetzer auch nur einen kleinen Teil der Verantwortung in sich gefühlt hätten, wie ich sie Europa gegenüber empfand, dann hätten sie ihr niederträchtiges Spiel gar nicht erst begonnen. Denn nur diesen und anderen Interessenten am Kriege in Europa ist es zuzuschreiben, dass Polen, das durch meinen Vorschlag weder in seiner Ehre noch in seiner Existenz irgendwie gefährdet wurde, statt diesen anzunehmen, zum Terror griff. Auch in diesem Fall war die Zurückhaltung, die wir uns monatelang auferlegten, wahrhaft beispiellos und übermenschlich zu nennen, noch hätte der friedliche Weg einer Verständigung beschränkt werden können, trotz der ständigen Ermordungen deutscher Minderheitsangehöriger und trotz des zuletzt eintretenden Massenschlachtens von Tausenden von Reichsdeutschen. Wie war nun die Lage? Eine der absurdesten Schöpfungen des Versailler Diktats, ein politisch und militärisch aufgeblasener Popanz, beleidigt monatelang einen Staat und droht, ihn zu zerschlagen, ihm eine Schlacht vor Berlin zu liefern, die deutschen Heere zu zertrümmern, die Grenzen an die Oder oder an die Elbe zu verlegen und so weiter. Dieser Staat, Deutschland, sieht geduldig Monate und Monate diesem Betragen zu, wenn auch nur eine einzige Handbewegung genügt haben würde, um diese aufgeschwollene Blase voller Unverschämtheit und Arroganz zerplatzen zu lassen.

Vorschlag Mussolinis

Noch am 2. September hätte der Kampf vermieden werden können. Mussolini hatte einen Vorschlag gemacht, die Feindseligkeiten unverzüglich einzustellen und friedlich zu verhandeln. Obgleich Deutschland wüchtig und sieg. ich im Vorrücken war, nahm ich ihn an. Doch die englisch-französischen Kriegshetzer brauchten ja den Krieg und nicht den Frieden. Und sie brauchten einen langen Krieg, einen Krieg von mindestens drei Jahren, wie Mr. Chamberlain sagte, denn unterdessen hätten sie ihre Kapitalien in Rüstungsaktien angelegt, hätten die notwendigen Maschinen angeschafft, also brauchte man Zeit für das Gedeihen ihrer Geschäfte und die Amortisierung ihrer Kapitalinvestitionen. Welchen Wert hatten zudem für diese Kosmopoliten die Polen, die Tschechen oder andere kleine Völker?

Dokumentenfund

Ein deutscher Soldat fand am 19. Juni 1940 auf dem Bahnhof La Charité bei der Durchsuchung der dort stehenden Wagen ein Dokument. Da dieses Dokument einen Sondervermerk trug, übergab er es unverzüglich seinen Vorgesetzten. Diese leiteten es weiter an höhere Stellen, weil man deutlich erkannte, dass man auf der Spur einer überaus wichtigen Entdeckung war. Der Bahnhof wurde nun nochmals bis in den letzten Winkel durchsucht. Und nun kam eine Dokumentensammlung in die Hand des Oberkommandos der Wehrmacht, die von einzigartiger historischer Bedeutung ist. Man hatte die Geheimakten des obersten alliierten Kriegsrates gefunden, sogar das Protokoll über alle Sitzungen dieser illustren Versammlung war vorhanden. Diesmal wird Mr. Churchill nicht einfach die Wahrhaftigkeit dieser Dokumente ableugnen können, oder deren Vorhandensein einfach abstreiten, wie er es seinerzeit mit den Warschauer Dokumenten versucht hat. Denn diese Dokumente tragen alle Randbemerkungen mit der Handschrift der Herren Gamelin, Daladier, Weygand usw. Diese können bestätigen oder abstreiten, wie sie wollen. Und diese Dokumente klären uns über die Machenschaften dieser am Krieg und seiner Ausdehnung interessierten Herren auf. Diese Dokumente zeigen vor allem, wie für diese eiskalten Politiker und Militärs die kleinen Völker nichts anderes waren als ein Mittel zum Zweck: wie sie versucht hatten, Finnland für ihre Interessen einzuspannen, wie sie beschlossen hatten, Norwegen und Schweden zum Kriegsschauplatz zu machen, wie sie beabsichtigten, auf dem Balkan Feuer anzulegen, um von dort her die Hilfe von 100 Divisionen zu bekommen, wie sie die Vorbereitungen trafen zum Bombardement von Batum und Baku, wobei sie mit ebensoviel Kühnheit wie Skrupellosigkeit die ihnen nicht günstig gesinnte türkische Neutralität ausdeuteten, wie sie Holland und Belgien mehr und mehr in ihre Netze zogen, um sie zuletzt durch bindende Abmachungen der Generalstäbe festzuhalten usw.

Die Dokumente vermitteln uns auch ein Bild von den dilettantischen Methoden dieser politischen Agitatoren, die den von ihnen und ihrer militärischen Demokratie angefachten Brand beherrschen wollten und die auch für das furchtbare Schicksal verantwortlich sind, die sie Hunderttausenden und Millionen Soldaten ihrer eigenen Länder bereiteten, von ihrer barbarischen Gewissenhaftigkeit, mit der sie kaltblütig und gewissenlos ihre Völker ins Unglück stürzten, die sie in Massen evakuierten und deren militärische Rückwirkungen nicht so sehr für sie selbst schädlich waren, doch deren humane Folgen ergreifend und grausam waren. Und diese Uebelthäter sind zugleich auch verantwortlich für die Verletzung der Polen in den Krieg, der nach 18 Tagen praktisch beendet war.

Der Appell im Oktober

Auf der Reichstagsitzung im Oktober 1939 sprach ich von dieser Stelle zum zweiten Male während des Krieges zum deutschen Volk. Ich konnte ihm die glänzende militärische Niederlage des polnischen Staates mitteilen. Gleichzeitig richtete ich damals einen Appell an die Vernunft der verantwortlichen Männer in den Feindstaaten und an die Völker derselben. Ich warnte, den Krieg fortzusetzen, dessen Folgen nicht anders als verheerend sein konnten. Ich warnte besonders die Franzosen, nicht in einen Kampf zu gehen, der sich unbedingt von der Grenze her ausbreiten musste und dass, wie auch immer das Ergebnis sein würde, die Folgen furchtbar sein müssten. Damals erliess ich auch einen Aufruf an die übrige Welt, wenn ich mir auch sagen musste, dass man mich nicht anhören würde, sondern dass ich damit wahrscheinlich den Klügel der Kriegshetzer und Interessenten am Kriege nur noch mehr aufreizen würde. Und so ist es auch gekom-

men. Die verantwortlichen Elemente in England und Frankreich witterten in diesem meinem Appell einen gefährlichen Anschlag gegen ihre Kriegsgeschäfte. Darum machten sie sich sofort bereit, zu erklären, dass jeder Gedanke an eine Verständigung nutzlos wäre, im übrigen wurde er als ein Verbrechen betrachtet, denn der Krieg musste doch im Namen der Kultur, der Humanität, der Glückseligkeit, des Fortschrittes und der Zivilisation weitergeführt werden, was an sich nur wenig war, denn er musste auch im Namen der Religion fortgesetzt werden und dafür wurden Eingeborene und Buschmänner mobilisiert und dass dann der Sieg bestimmt ganz von selbst kommen müsste, dass man eigentlich nur die Hand danach auszustrecken brauchte, und dass ich das sehr wohl wissen musste, und auch seit langem wusste, darum habe ich meinen Friedensruf an die Welt ergehen lassen. Denn weil ich an den Sieg glauben konnte, konnte ich England und Frankreich eine Verständigung vorschlagen ohne jede weitere Forderung. In wenigen Tagen nun gelang es dem diesen Hetzern, mich vor der Welt als einen wahren Feigling hinzustellen. Man beschimpfte mich wegen meines Friedensvorschlages, man beleidigte mich, Mr. Chamberlain persönlich verachtete mich förmlich vor aller Welt und folgte den Weisungen der Agitatoren und Hetzer, der Herren Churchill, Duff Cooper, Eden, Hora-Belisha usw. Er weigerte sich, von Frieden auch nur zu reden, noch weniger dachte er daran, etwas für ihn zu tun. So schrie diese Klasse der an ihm interessierten Grosskapitalisten nach seiner Fortführung — diese Fortsetzung hat jetzt ihren Anfang genommen.

Nicht reden — handeln

Ich habe einmal gesagt, und ihr, meine Volksgenossen, wisst es alle, dass, wenn ich längere Zeit mal nicht spreche oder nichts geschieht, das nicht etwa bedeutet, dass ich nichts tue. Wir brauchen nicht, wie die Demokratien, jedes erbaute Flugzeug zu verfluchen oder verzehnfachen und es dann in alle Welt hinauszuposaunen. Ist es doch schon unklug, wenn die Hühner mit lautem Gekacker verkünden, wenn sie ein Ei gelegt haben. Es ist aber noch viel dümmer, wenn die Staatsmänner ihre Projekte, die sie in der Tasche haben, in alle Welt hinausgackern, damit man auch ja rechtzeitig von ihnen unterrichtet ist. Der übertriebenen Geschwätzigkeit zweier dieser grossen Staatsmänner haben wir es zu verdanken, dass wir laufend von den Kriegsausweitungsplänen unserer Gegner, und vor allem seiner Konzentrationen in Norwegen oder Schweden unterrichtet waren.

Während diese englisch-französische Kriegsklique nach neuen Expansionsmöglichkeiten suchte oder auf der Jagd nach neuen Opfern war, suchte ich, die Organisation der deutschen Wehrmacht abzuschliessen, neue Einheiten zu bilden, die Kriegsmaterialproduktion in Gang zu bringen und der Wehrmacht die letzte Ausbildung für ihre neuen Aufgaben zu geben. Ausserdem zwang das schlechte Wetter der letzten Herbsmonate und des Winters zu einer Verzögerung der militärischen Operationen. Im Monat März erhielten wir Kenntnis von den englisch-französischen Absichten, sich in den russisch-finnischen Konflikt einzuschalten, und zwar von vornherein weniger den Finnen zur Hilfe, als um Russland zu schaden, in dem man eine Macht sah, die mit Deutschland zusammenarbeitete. Aus dieser Absicht ging dann der Entschluss hervor, möglichst aktiv in Finnland einzugreifen, um so eine Basis für den Krieg im Baltikum zu bekommen. Zugleich jedoch traten auch, und zwar immer stärker, die Absichten des Obersten Kriegsrates der Alliierten hervor, entweder Feuer auf dem Balkan anzulegen oder in Kleinasien, um so Deutschland von der russischen und rumänischen Petroleumzufuhr abzuschneiden oder sich des schwedischen Eisenerzes zu bemächtigen. Hierzu musste eine Landung in Norwegen vorgenommen werden, und zwar zur Besetzung der Erzbahn von Narvik nach dem schwedischen Hafen Lulea.

Die Aktion gegen Norwegen

Der russisch-finnische Frieden liess sie im letzten Augenblick die Aktion aufgeben, die in den nordischen Staaten geplant war, doch wenige Tage später verdichteten sich diese Absichten neuerdings und fanden ihren Ausfluss in einem klaren Entschluss. England und Frankreich waren übereingekommen, schlagartig eine Reihe wichtiger Punkte unter dem Vorwand zu besetzen, damit zu verhindern, dass die schwedische Eisenhilfe für den Krieg Deutschlands aufrechterhalten würde. Zur völligen Sicherstellung des schwedischen Eisens beabsichtigte man den Einbruch in Schweden, wobei die geringen Truppen, die Schweden aufstellen konnte, entweder freundschaftlich, wenn nötig, mit Gewalt aus-

geschaltet werden sollten. Dass diese Gefahr unmittelbar bevorstand, erfuhr man durch die unzählbare Geschwätzigkeit des Ersten Lords der britischen Admiralität selbst. Wir erhielten überdies eine Bestätigung dafür durch eine Andeutung des französischen Ministerpräsidenten Reynaud einem ausländischen Diplomaten gegenüber.

Doch war die Frist hierfür schon vor dem 8. April zweimal verschoben worden, und nun sollte die Besetzung am 8. April stattfinden. Dass der 8. damit also der dritte und letzte Termin war, das wissen wir tatsächlich erst seit kurzem, und das bestätigt sich in den Akten des obersten alliierten Kriegsrates. Hinsichtlich der Gefahr des Eintritts der nordischen Länder in den Krieg wurde es nötig, dass auch der deutschen Wehrmacht die erforderlichen Befehle erteilt wurden. Der Fall der „Altmark“ hatte bereits gezeigt, dass die norwegische Regierung nicht daran dachte, ihre Neutralität zu verteidigen; die Meldungen der Agenturen liessen ferner erkennen, dass zumindest unter den führenden Persönlichkeiten der norwegischen Regierung und den Alliierten bereits ein vollkommenes Einverständnis bestand. Schliesslich verscheuchte die Reaktion Norwegens auch den letzten Zweifel über den Einbruch der britischen Minenleger in norwegische Hoheitsgewässer, und nun wurde die deutsche Operation durchgeführt, die bis in die kleinste Einzelheit vorbereitet war.

In Wirklichkeit war die Lage doch etwas anders, als sie sich uns am 9. April dargestellt hatte. Während wir nämlich glaubten, nur wenige Stunden der englischen Besetzung zuvorgekommen zu sein, wissen wir heute, dass die Landung der englischen Truppen schon für den 8. April vorgesehen war, dass die Verladung der britischen Einheiten bereits am 5. und 6. April begonnen hatte, dass jedoch in diesem Augenblick in der britischen Admiralität Meldungen einliefen, die von den deutschen Massnahmen oder etwas über das Auslaufen der Reichsflotte mitteilten, und dass Mr. Churchill unter dem Eindruck dieser Tatsache beschloss, die bereits an Bord befindlichen Einheiten wieder ausladen zu lassen und dass die britische Flotte erst gegen die deutschen Kriegsschiffe auslaufen und diese angreifen sollte. Dieser Versuch scheiterte, denn nur ein einziger englischer Zerstörer trat mit den deutschen Flottenstreitkräften in Fühlung und wurde von ihnen versenkt. Diese Einheit konnte nun keine Nachricht mehr an die britische Admiralität gelangen lassen, auch nicht an die englischen Seestreitkräfte. So landeten am 9. April die deutschen Vorhuten auf einem Gebiet, das sich von Oslo bis zum Norden nach Narvik erstreckte. Als diese Nachrichten nach London gelangten, wartete der Erste Lord der Admiralität, Mr. Churchill, schon stundenlang ungeduldig auf die Erfolge seiner Flotte. Dieser Schlag, meine Abgeordneten, stellt das kühnste Unternehmen der gesamten Kriegsgeschichte des Reiches dar.

Führung und Truppe

Seine glückliche Durchführung war nur möglich dank der Führung und dem Verhalten aller deutschen Soldaten, die daran bei unseren drei Waffen teilnahmen. Das Heer, die Marine und die Luftwaffe hielten sich in der Norwegenschlacht die Auszeichnung des Prototyps der höchsten militärischen Tugenden. Die Marine führte die Operationen und später die Transporte gegen einen Feind durch, der in seiner Gesamtheit mehr als zehnfach an Zahl überlegen war. Alle die Einheiten unserer jungen Kriegsmarine haben sich mit unvergänglichem Ruhm bedeckt. Erst nach dem Kriege wird es möglich sein, über die Schwierigkeiten zu sprechen, die sich infolge zahlreicher Missgeschicke, unvorhergesehenen Zwischenfällen, Ausfällen und Unfällen ergaben. Dass diese schliesslich doch überwunden wurden, ist das Verdienst der Haltung der Führung und der Truppen. Die Luftwaffe hat oft als einziges Transport- und Verbindungs-mittel in einem ungeheuer weiten Raum dienen müssen und sie hat sich bei allen ihren Tätigkeiten selbst übertroffen. Die kühnen Angriffe auf den Gegner, die Kriegsschiffe und die Landungstruppen, können kaum noch überboten werden und das Heldentum der Piloten der Transportflugzeuge und deren Ausdauer, die trotz schlechten Wetters immer wieder nach dem Land der Mitternachtssonne flogen, um Soldaten zu landen oder Lasten abzuwerfen, oftmals mitten in Schneestürmen.

Die norwegischen Fjords sind zu Friedhöfen zahlreicher britischer Kriegsschiffe geworden. Angesichts des ununterbrochenen und stürmischen Angriffs der deutschen Bomben- und Sturzkampfflugzeuge sah sich die britische Flotte endlich gezwungen, sich zurück-zuziehen und die Gewässer zu verlassen, von denen wenige Wochen zuvor eine englische Zeitung mit eigentümlicher Freude bemerkte, dass es ein Vergnügen für die Engländer sein müsste, die Herausforderung anzunehmen, die Deutschland an sie richten würde. Für das Heer war die Ueberfahrt an sich schon eine starke Anforderung. Die Luftlandtruppen hatten alles mögliche getan, um zuerst den Fuss an viele Orte zu setzen, danach folgte sogleich eine Division, eine andere und der Landkrieg begann auf einem Gelände, das wegen seiner natürlichen Verhältnisse mit einer ausserordentlichen Defen-

sivkraft ausgestattet war und das, was die norwegischen Einheiten anbelangt, auch tapfer verteidigt wurde; von den in Norwegen gelandeten Engländern kann man nur sagen, das einzige, was Beachtung verdiente, war die Skrupellosigkeit, mit der einige so schlecht ausgebildete und so unzureichend ausgerüstete Soldaten als Expeditionskorps geschickt werden konnten und überdies noch so miserabel befehligt wurden.

Es besteht kein Zweifel, dass sie von Anfang an unterlegen waren, doch das, was in Norwegen die Luftwaffe und die deutschen Ingenieurtruppen taten, das taten dann auch unsere Artillerie und unsere Verbindungstruppen und Pioniere, und das kann nur als ein stolzes Heldentum im Kampf und in der Arbeit bezeichnet werden. Der Name Narvik wird für alle Zeiten in der Geschichte als ein erhabendes Zeugnis der Wehrmacht des nationalsozialistischen Grossdeutschen Reiches erhalten bleiben. Die Herren Churchill, Chamberlain und Daladier waren bis vor kurzem über die Art der Einheit Grossdeutschlands schlecht unterrichtet. Ich habe damals verkündet, dass wahrscheinlich die Zukunft ihnen die Augen öffnen würde und kann annehmen, dass gerade der Einsatz der aus dem alten Oesterreich kommenden Gebirgstruppen an der nördlichsten Front, an der wir um unsere Freiheit kämpfen, ihnen die notwendige Aufklärung über das Grossdeutsche Reich und seine Söhne wird vermitteln haben. Ich bedauere nur, dass die Grenadiere des Herrn Churchill diesen Zwiespaltigkeiten nicht genügend und vor allem nicht ausdauernd genug Beachtung geschenkt haben, sonst hätten sie an den ersten Beweisen genug gehabt, dass die Regimenter unseres Reiches erst kürzlich zurückgegliederten Volkes sich innerlich auch dazugehörig fühlen.

Der General von Falkenhorst, der die Landoperationen in Norwegen befehligte, General Dietl, der Held von Narvik, die Flottenoperationen standen unter der Führung des Admirals Saalwächter und der Admirale Carls und Böhm und des Vizeadmirals Lütjens. Die Operationen der Luftwaffe wurden von General Milch und General Geissler geleitet. Der Oberbefehlshaber der Wehrmacht, Generaloberst Brauchitsch, als Befehlshaber derselben, und General Jodl als Chef der Generalstabszentrale, waren die Verantwortlichen für die Ausführung der von mir für die gesamte Aktion gegebenen Instruktionen.

Bedrohliche Nachrichten

Noch bevor der Feldzug in Norwegen beendet war, klangen die Nachrichten aus dem Westen immer bedrohlicher. Inzwischen, seit Beginn des Krieges, war für den Fall eines unvermeidlichen Konflikts mit Frankreich oder mit England alles vorbereitet, die Maginotlinie zu durchbrechen, ein Unternehmen, für das die deutschen Truppen ausgebildet und mit den notwendigen Waffen versehen waren. Schon im Laufe der ersten Kriegsmomente wurde es notwendig, auch einen eventuellen Vormarsch gegen Belgien und Holland ins Auge zu fassen. Während zu Beginn gesagt werden konnte, dass Deutschland an der Front gegen Holland und Belgien nicht belagert war, so waren auch zur Sicherheit der Grenze keine Truppen notwendig, überdies begann es mit dem Ausbau seines Verteidigungssystems an der französisch-belgischen Grenze, wo sich die französischen Einheiten häuften. Hauptsächlich in der Konzentration von fast zwei Divisionen in diesem Sektor, Panzer- und motorisierte Divisionen, die es gestatteten, die Möglichkeit jedenfalls zu vermeiden, dass Belgien schnell durchschritten und bis zur deutschen Grenze vorgerückt würde. Unter diesen Umständen war immerhin folgende Beobachtung entscheidend: während in dem Falle einer loyalen Auslegung der belgischen und holländischen Neutralität, die gerade bei der Konzentration grösserer englisch-französischer Kontingente an ihren Grenzen beteuert wurde hätten beide Staaten sich auch verpflichtet fühlen müssen, hauptsächlich ihren Blick nach Westen zu lenken, sie begannen dagegen diese Grenze in dem Masse zu entblößen in dem sie die Grenze zu Deutschland verstärkten. Auch die Nachrichten über die Aussprachen der Generalstäbe beleuchtete in eigentümlicher Weise das Problem der belgischen und holländischen Neutralität. Ich brauche nicht zu unterstreichen, dass diese Aussprachen mit beiden Teilen hätten geführt werden müssen, wenn sie wirklich neutral hätten sein wollen.

Holland und Belgien

Darüber hinaus vervielfachten sich die Anzeichen, die auf einen französisch-englischen Vormarsch durch Holland und Belgien gegen die deutsche Industriezone hindeuteten, dass auch unsererseits diese Bedrohung als eine ernste Gefahr angesehen werden musste. Infolgedessen wurde das deutsche Heer von mir von dieser Entwicklung unterrichtet und erhielt die erforderlichen eingehenden Instruktionen in zahlreichen Aussprachen des Oberkommandos der Wehrmacht mit den Befehlshabern der drei Wehrmachtsteile, der Armeegruppen und der Spezialtruppen, und es wurden die Aufgaben genau besprochen, die jede einzelne Truppe zu übernehmen hatte. Der deutsche Aufmarschplan erlitt dadurch eine notwendige Umlagerung. Die genauesten Beobachtungen, die überall gemacht wurden, er-

brachten allmählich die absolute Gewissheit, dass von Anfang Mai etwa in jedem Augenblick auf einen englisch-französischen Angriff gerechnet werden musste. An den zwei Tagen, dem 6. und 7. Mai, verdichteten sich infolge abgehörter Telefonate zwischen London und Paris die Befürchtungen, dass jetzt von einem Augenblick zum anderen der Einmarsch der Alliierten vorgenommen werden konnte, weshalb ich am folgenden Tage, dem 8. Mai, den Befehl gab, den Angriff sofort anzusetzen, und zwar am Morgen des 10. Mai um 5.35 Uhr.

Keine Teilerfolge

Der Grundgedanke für diese Operationen war, auf kleine Teilerfolge zu verzichten, und alle Kräfte des Heeres und der Luftwaffe derart einzusetzen, dass infolge der vorgesehenen Operationen die völlige Vernichtung der französisch-englischen Streitkräfte erzielt wurde. Zum Unterschied von dem Plan Schlieffens von 1914 legte ich das grösste Gewicht auf den linken Flügel der Front, hielt jedoch den Anschein der entgegengesetzten Version aufrecht und erreichte dadurch jedenfalls in dem gleichen Masse, in dem der Feind mir die Bestimmung der gesamten Operation überliess, da nämlich alle englisch-französischen motorisierten Streitkräfte in Belgien konzentriert waren, sie vollkommen zu täuschen. Das Oberkommando der alliierten Heere hatte den Entschluss gefasst, schnellstmöglich in dieses Gebiet einzurücken, im Vertrauen auf den Widerstand aller eingesetzten Infanterie- und Tankdivisionen an der rechten Flanke der französisch-englischen Armeegruppen, somit musste die Zerstreung und Vernichtung, wahrscheinlich auch die Einkreisung derselben vorgenommen werden.

Die zweite Operation

Als zweite Operation hatte ich die Besetzung der Seine bis nach Le Havre vorgesehen sowie die Sicherung einer Ausgangsstellung an der Somme und Aisne für den dritten Angriff, der mit überlegenen Kräften den Weg durch die Hochebene von Langres nach der schweizer Grenze führen sollte. Als Abschluss der Operationen war die Ankunft an der Küste bis zum Meer südlich von Brest vorgesehene. In diesem Rahmen und in dieser Reihenfolge haben sich die Operationen abgewickelt. Der deutsche Soldat ist es in erster Linie, dem es zu verdanken ist, dass hier eine Reihe der grandiossten Schlachten der Weltgeschichte geschlagen wurden. In höchstem Masse hat er in allen seinen Handlungen und überall, wo er eingesetzt war, dies wiederum bewiesen. An diesem Ruhm haben auch ebensogut alle Soldaten aus allen deutschen Gauen Anteil. Die Soldaten der neuen Reichsgaue, die seit 1933 eingegliedert wurden, haben ebenso vorbildlich gekämpft und haben ihren Tribut an Blut entrichtet. Dank dieses heroischen Kampfes aller Deutschen wird für alle Zeiten und im Gefühl nicht nur der heute Lebenden, nein, auch für die kommenden Generationen, das nationalsozialistische Grossdeutsche Reich heilig sein, das durch diesen Krieg erstand.

Wenn ich jetzt dazu übergebe, die Streitkräfte, deren Einsatz der glorreichste aller Siege zu danken ist, recht zu würdigen, so statte ich damit den Dank 1. an die Befehlshaber ab, die gerade in diesem Feldzug die allerhöchsten Aufgaben erfüllten, dem Heer, das in wahrhaft ruhmreicher Weise seine Aufgaben erfüllt hat und das unter dem Kommando des Generalobersten von Brauchitsch und seines Generalstabschefs Major Halder stand. Wenn das Korps der Heerführer des alten deutschen Heeres schon als das beste der Welt galt, so verdient das heutige wenigstens die gleiche Bewunderung. Und wenn der Sieg es ist, der die höchste Bewertung des Kommandos der neuen deutschen Wehrmacht ausmacht, so muss es als ganz gross bezeichnet werden. Das Westheer war in drei Heeresgruppen aufgestellt: unter dem Kommando der Generale von Leeb, von Rundstedt und von Bock. Die Heeresgruppe des Generals von Leeb hatte vor allem die Aufgabe, den linken Flügel des Westheeres von der schweizer Grenze bis zur Mosel in der Verteidigung mit grösstmöglicher Widerstandskraft zu halten. Für eine spätere Entwicklung der Operationen war vorgesehen, dass es auch aktiv in den Vernichtungskampf der Streitkräfte an dieser Front eingriff, die von den Armeen unter dem Befehl der Generale von Witzleben und Dollmann standen.

Die Offensive

Am 10. Mai um 5.35 Uhr morgens begann der Angriff der Armeegruppen der Generale von Rundstedt und von Bock. Ihre Aufgabe war, nach Aufrollen der feindlichen Grenzstellungen an der gesamten Front von der Mosel zur Nordsee Holland zu besetzen und bis Antwerpen und zur Dyle-Stellung vorzudringen, Lüttich zu nehmen und vor allem mit den konzentrierten Stosskräften des linken Flügels die Maas zu erreichen, mit starkem Druck der Panzer- und motorisierten Divisionen den Ring um Sedan zu brechen und zwischen Namur und Carignan durchzugehen und in fortschreitender Entwicklung dieser Operationen durch die Zusammennah-

me aller motorisierten und Panzerdivisionen, die irgend verfügbar waren, mit Stützung auf den Aermelkanal und die Flüsse Aisne und Somme, bis zum Meer vorzugehen.

Der Südgruppe der Armee von Rundstedt kam weiterhin die wichtige Aufgabe zu, allmählich in der Durchführung des Durchbruchs der Front den vorgesehenen Schutz der linken Flanke zu sichern, damit von vornherein eine Wiederholung des Marne-Wunders von 1914 ausgeschaltet wurde. Diese grandiose Operation war für die weitere Entwicklung des Krieges entscheidend und führte, wie geplant, zur Vernichtung der Hauptmasse der Hauptmasse des französischen Heeres sowie des gesamten englischen Expeditionskorps und krönte das deutsche Oberkommando mit Ruhm. Neben den beiden Befehlshabern der Armeegruppen und deren Generalstabschefs, der Generale von Sodenstern und Salmuth, errangen folgende Kommandeure besondere Verdienste: General von Kluge, Oberkommandierender des 4. Armeekorps; General List vom 12. Armeekorps; General von Reichenau vom 6. Armeekorps; General von Kuehler, Befehlshaber des 18. Armeekorps, und die Generale von Kleist, Guderian, Hoth und Höppner, Kommandeure der motorisierten Truppen und Panzerwagen. Die grosse Anzahl der anderen Generale und Offiziere, die sich bei diesen Operationen auszeichneten, sind Ihnen, meine Abgeordneten, durch die Verleihung der höchsten Auszeichnungen bekannt.

Die Fortsetzung der Operationen in allgemeiner Richtung von der Aisne und der Seine her hatte nicht in erster Linie so sehr das Ziel, Paris zu erobern, sondern eine Ausgangsstellung für den Vormarsch nach der schweizer Grenze zu schaffen und notfalls zu sichern. Auch diese gigantische Offensivaktion wurde planmässig durchgeführt dank der hervorragenden Führung in allen Stellen. Der inzwischen im französischen Oberkommando vorgenommene Wechsel sollte den Widerstand des französischen Heeres beleben und dem unseligen Kampf die von den Alliierten erstrebte Richtung geben. In Wirklichkeit gelang es aber nach Ueberwindung harten Widerstandes, an vielen Stellen neue Offensivaktionen des deutschen Heeres einzuläutern, an denen sich nicht nur der Mut, sondern auch die Ausbildung seiner Soldaten zu beweisen Gelegenheit hatten. Angespornt vom Beispiel zahlreicher Offiziere und Unteroffiziere, wie auch durch einzelne tapfere Soldaten, ging der Vormarsch der Infanterie mitten in den schwersten Lagen über alle Hindernisse hinweg weiter. Paris fiel.

Die Bezwingung des feindlichen Widerstandes an der Aisne gab den Weg frei für den Vormarsch nach der schweizer Grenze, eines der grössten Umgehungsmanöver, wo unsere Heere die in der Etappe der Maginotlinie liegenden befestigten Stellungen stürmten, die ihrerseits wieder unter dem Kommando der Generale Witzleben und Dollmann von der Armeegruppe Leeb durchstossen wurde, die bisher an zwei Stellen in Reserve gelegen hatte, westlich von Saarbrücken und Neubreisach. So gelang es nicht nur, die ungeheure Front des französischen Widerstandes in ihrer Gesamtheit einzukreisen, sondern auch an einzelnen Stellen aufzulösen und die Kapitulation zu erzwingen.

Diese Operationen wurden durch den allgemeinen Vormarsch gekrönt, den die deutschen Armeen anschliessend antraten, an ihrer Spitze die unvergleichlichen Panzer- und motorisierten Divisionen, um durch das Vorrücken am linken Ufer der Rhone flussabwärts auf Marseille zuzuhalten und am rechten Ufer über die Loire in Richtung auf Bordeaux und die spanische Grenze zu marschieren und dabei die verstreuten Reste des französischen Heeres zu vernichten und das Gebiet Frankreichs zu besetzen.

Ueber den Eintritt unseres Bundesgenossen in den Krieg, der unterdessen erfolgte, will ich an anderer Stelle besonders sprechen. Als Marschall Pétain die Niederlegung der Waffen Frankreichs vorschlug, tat er dies nicht, um die zu übergeben, die noch vorhanden waren, sondern um einer völlig unhaltbaren Lage ein Ende zu bereiten. Nur der blutige Dilettantismus des Herrn Churchill ist imstande, dies nicht zu begreifen oder aber er handelt gegen seine eigene Ueberzeugung.

In dieser zweiten, dritten und letzten Phase des Krieges und im Verkehr mit den als Heerführern bereits genannten Generalen haben sich ausserdem auch noch die Generale von Witzleben, von Weichs, Dollmann und Strauss ausgezeichnet, aber auch die tapferen Divisionen und Standarten der verschiedenen Waffen der SS. Wenn ich den genannten Generalen und Befehlshabern und den Armeegruppen meinen und des deutschen Volkes Dank ausspreche, dann bezieht sich das auch zugleich auf alle die anderen Offiziere, die einzeln zu nennen mir jetzt unmöglich ist, und auch den ungenannten Mitarbeitern des Hauptquartiers. Das deutsche Fussvolk hat wieder einmal in diesem Kriege gezeigt, dass die Infanterie die beste Waffe der Welt war und ist. Mit ihr treten alle übrigen Waffen der Wehrmacht in Wettstreit. Die Artillerie, die Ingenieure, und vor allem die neuen Einheiten unserer Truppen, die Panzerwagen und die motorisierten Truppen, haben in diesem Krieg mit den deutschen Panzerstreitkräften sich einen Platz in der Weltgeschichte erobert.

Die Männer der verschiedenen Waffen haben alle an diesen Siegen teilgenommen. Doch auch die Einheiten der Verbindungstruppen, der Pioniere und Baukompanien und der Eisenbahner usw., haben durch ihre grossen Verdienste grossen Anteil daran gehabt.

Den auf dem Marsch befindlichen Armeen folgten die Formationen der Organisation Todt sowie die des Reichsarbeitsdienstes und des NSKK die dazu beitrugen, die Strassen und Brücken wieder herzustellen. Im Rahmen des Heeres kämpfte auch ein Teil der Flakartillerie unserer Luftwaffe und half in den vordersten Linien den Widerstand und die Angriffskraft des Feindes brechen. Mit ihrer Betätigung werde ich mich nachher noch befassen.

Die Luftwaffe

Im Morgengrauen des 10. Mai stiessen Tausende von Kampf- und Sturzkampfflugzeugen, geschützt von Jägern und Zerstörern, auf die feindlichen Flughäfen nieder und in wenigen Tagen war die absolute Uebermacht in der Luft erobert, die später in keinem Augenblick mehr verloren ging, und nur dort, wo sich gerade einmal keine deutschen Flieger zeigten, konnten für kurze Augenblicke die feindlichen Jäger und Bomber auftauchen, deren Aktion im übrigen für die Nachtstunden verurteilt wurde. Das Eingreifen der Luftwaffe in diesen Kampf geschah nach den Befehlen des Generalfeldmarschalls Göring:

1. Ihre Aufgabe bestand darin, die feindliche Luftwaffe zu vernichten oder sie vom Horizont verschwinden zu lassen;
2. direkt oder indirekt die kämpfenden Truppen durch ständige Angriffe zu unterstützen;
3. die Elemente der Führung und der Bewegung des Feindes zu zerstören;
4. die Moral und die Widerstandskraft des Feindes zu brechen.

Diese Art, im allgemeinen zu operieren sowie ihre Einfügung in die taktischen Erfordernisse des Augenblicks, sind glänzend durchgeführt worden. Wenn ohne den Mut des Heeres niemals das hätte erreicht werden können, was wirklich erzielt wurde, ohne den heroischen Einsatz der Luftwaffe wäre dies nicht möglich gewesen. Alle Tapferkeit des Heeres wäre unfruchtbar geblieben. Das Heer und die Luftwaffe verdienen beide das höchste Lob.

Die Organisation des Einsatzes der Luftwaffe

Die Luftwaffe wirkte im Westen unter den persönlichen Befehlen des Generalfeldmarschalls Göring. Sein Generalstabschef war Major Jeschonnek. Die beiden Luftflotten standen unter dem Kommando der Generale der Flieger Sperrle und Kesselring. Die Fliegerkorps unter ihrem Kommando wurden befehligt von den Generalen der Flieger Grauert und Keller und von den Generalleutnants Lörz und Ritter von Greim sowie von dem Generalmajor Freiherr von Richthofen. Die beiden Luftabwehrkorps standen unter dem Befehl des Generals der Flakartillerie Weise und des Generalmajors Dessloch. Besonders hervorgehoben zu werden verdient die 9. Fliegerdivision unter dem Befehl von General Köler. Schwere verwundet wurde der Kommandant der Fallschirmtruppen, General der Flieger Student. Die Leitung der Luftkämpfe in Norwegen war dem General der Flieger Stumpff übertragen.

Während Millionen deutscher Soldaten des Heeres, der Luftwaffe und der Verbände der SS an diesen Kämpfen teilnahmen, konnten viele andere wiederum nicht aus den Einheiten der Reserve herausgenommen werden, die in Deutschland gebildet waren. So bitter es vielen der fähigsten Offiziere auch gewesen sein mag, die die Ausbildung jener Soldaten entweder für die Reserve oder für neue Einheiten leiten und überwachen mussten, so konnten sie doch nur später an die Front geschickt werden. Bei allem Verständnis für die innersten Gefühle derjenigen, die sich zurückgesetzt fühlten, waren auch hier die höchsten allgemeinen Interessen das Ausschlaggebende. Die Partei und der Staat, das Heer, die Marine, die Luftwaffe und die SS haben der Front alle Männer gegeben, die sie irgend entbehren konnten. Es hätte genügt, dass die Auffüllung des Heeres, der Luftflotte, der Formationen der SS sowie der Partei und des Staates nicht sichergestellt wäre, und der Kampf an der Front hätte nicht gehalten werden können. Als Organisatoren des Reserveheeres der Nation und der Rüstung, des Nachschubes und der Munitionierung der Luftwaffe haben sich der General der Artillerie Fromm und der General der Flieger Udet die höchsten Verdienste erworben. Ich kann hier nicht die Reihe aller dieser verdienten Generale und Admirale schliessen, ohne noch besonders derjenigen zu gedenken, die im Generalstab des Oberkommandos meine engsten Mitarbeiter sind: Generaloberst von Keitel als Chef des Generalstabes der Wehrmacht und General Jodl als Chef seines Generalstabes.

Die Partei

In langen Monaten höchster Sorgen und ausserordentlicher Arbeit haben sie mit ihren Offizieren den Hauptteil an der Durchführung

meiner Pläne und meiner Ideen getragen. Die Würdigung unserer Marine und deren Führer kann in all ihrer Reichweite erst bei Kriegsende erfolgen. Bei dieser rein militärischen Betrachtung der Ereignisse zwingt mich die Wahrheitsliebe dazu, zuzugeben, dass all dieses nicht möglich geworden wäre ohne das Verhalten der inneren Front und insbesondere ohne die Verschmelzung der Arbeit und der Tätigkeit der Nationalsozialistischen Partei. In dem Augenblick höchster Dekadenz im Jahre 1919 proklamierte die Partei in ihrem Programm den Wiederaufbau eines deutschen Volkheeres, ein Gedanke, den ich jahrzehntlang mit einer fanatischen Hartnäckigkeit vertreten habe. Ohne ihre Tätigkeit würden alle Voraussetzungen für die Wiedergeburt des Reiches gefehlt haben und zugleich auch die Zeit zur Schaffung einer deutschen Wehrmacht. Sie hat dem Kampf vor allem ihre ideologische Basis gegeben.

Gegenüber dem unvernünftigen Einsatz des Lebens für die Interessen der Plutokratie, wie unsere demokratischen Feinde sie verteidigen, stellt die Partei die Verteidigung einer sozialen Gemeinschaft des Volkes dar. Aus ihren Werken ergibt sich die Einheit zwischen Front und Heimat, die unglücklicherweise im Weltkrieg nicht bestand. Daher will ich aus ihren Reihen auch neben die unzähligen Namen der anderen jene stellen, die sich ein unvergängliches Verdienst bei der Erzielung der Möglichkeiten erworben haben, dass wir wieder den Sieg eines neuen Deutschland feiern können: die Männer der Partei. Reichsminister Parteigenosse Hess, der als alter Soldat des Weltkrieges von der ersten Zeit der Gründung der Partei an ein treuer Kampfgefährte für die Organisation des heutigen Staates und seiner Wehrmacht war. Parteigenosse Lütze, der Stabschef der SA, der die Millionen von Mitgliedern der SA im Sinne höchster Staatserhaltung erzog und so eine vor- und nachmilitärische Formation sicherte. Kamerad Himmler, der Chef unseres gesamten Sicherheitsdienstes und Schöpfer der Einheiten der SS. Parteigenosse Hirtl als Gründer und Leiter des Reichsarbeitsdienstes. Generalmajor Dr. Todt, der Organisator der Rüstungs- und Munitionierungsdienste und Erbauer unseres gigantischen Strassennetzes und des Westwall. Und zuletzt Parteigenosse Dr. Goebbels als Chef einer Propaganda, deren hoher Stand genügend ins Auge tritt, wenn man ihn mit der vergleicht, die während des Weltkrieges getrieben wurde.

Unter den zahlreichen Organisationen der Heimatfront muss ich auch die Organisation des Winterhilfswerkes sowie der NS-Volkswohlfahrt unter der Leitung des Parteigenossen Hilgenfeldt und den Luftschutzverband unter der Führung des Generals der Artillerie von Schröder nennen. Ich kann diese Würdigung nicht abschliessen, ohne zuletzt noch einem Manne meinen Dank auszusprechen, der seit Jahren in treuer, unermüdlicher Arbeit meine Weisungen der internationalen Politik in die Praxis umsetzte. Der Name des Parteigenossen von Ribbentrop wird für alle Zeiten mit der Bewegung des politischen Ruhmes der deutschen Nation als Minister für Auswärtige Angelegenheiten des Reiches verbunden sein.

Meine Abgeordneten! Als Führer und Oberster Befehlshaber der deutschen Wehrmacht habe ich beschlossen, den Generalen, die die höchsten Verdienste erwarben, vor diesem Forum, das wahrhaft die beste Vertretung des ganzen deutschen Volkes darstellt, eine Ehrung darzubringen. Obenan muss ich jenen Mann stellen, dem meinen Dank für all die Dienste, die mit seinem Namen verbunden sind, auszusprechen fast unmöglich ist; sein Name ist mit der Bewegung, mit dem Staat und vor allem mit der deutschen Luftwaffe eng verbunden. Seit der Zeit der Gründung war Parteigenosse Göring eng mit der Entwicklung und Evolution der Bewegung verknüpft. Seit unserem Aufstieg zur Macht haben seine Energie zur Arbeit und sein Verantwortungsbewusstsein für das Volk und das Reich es erreicht, dass die Deutschen in vielen Zweigen zu einer Ertragsfähigkeit gehalten wurden, die man für die Geschichte unseres Volkes niemals mehr fordenken kann. Aus der Reorganisation des deutschen Heeres wurde er und in ihm der Schöpfer unserer Luftwaffe. Nur wenigen Sterblichen ist es vergönnt, im Ablauf ihres Lebens aus dem Nichts ein militärisches Instrument zu schaffen und zur mächtigsten aller Waffen ihrer Art zu wandeln. Generalfeldmarschall Göring als der Schöpfer der einmaligen deutschen Luftwaffe hat den höchsten Beitrag zur Reorganisation der Wehrmacht geleistet. Als Befehlshaber unserer Luftwaffe schuf er im Laufe des Krieges die unerlässlichen Voraussetzungen für den Krieg. Seiner unvergleichlichen Verdienste wegen ernenne ich ihn hiermit zum Reichsmarschall des Grossdeutschen Reiches und verleihe ihm das Grosskreuz zum Eisernen Kreuz. In Erwägung seiner Verdienste um den Sieg der deutschen Waffen im Kampf um die Freiheit und die Zukunft unseres Grossdeutschen Reiches ernenne ich zu Generalfeldmarschällen: den Oberbefehlshaber der Wehrmacht, Generaloberst von Brauchitsch, den Generaloberst von Rundstedt, Oberbefehlshaber der Armeegruppe A; General Ritter von Loeb, Oberbefehlshaber der Heeresgruppe C; Generaloberst von Bock, Befehlshaber der Heeresgruppe B; Generaloberst List, Befehlshaber der Armeegruppe 12; Generaloberst von Kluge, Befehlshaber der Heeresgruppe 4; Generaloberst von Witzleben, Befehlshaber der Heeresgruppe 1; Generaloberst von Reichenau, Befehlshaber der Heeresgruppe 6.

Zu Generalobersten ernenne ich: den General Halder, Chef des Generalstabes des Heeres; General Dollmann, Befehlshaber der Armeegruppe 7; General Freiherr von Weichs, Befehlshaber der Armeegruppe 2; General Kiechler, Befehlshaber der Armeegruppe 18; General Busch, Befehlshaber der Armeegruppe 16; General Strauss, Befehlshaber der Armeegruppe 9; General von Falkenhorst, Militärkommandant von Norwegen; General von Kleist, Befehlshaber der Armeegruppe 12; General Ritter von Schubert, Befehlshaber der Armeegruppe 7; General Guderian, Befehlshaber der Armeegruppe 14; General Hoth, Befehlshaber der Armeegruppe 15; General Haase, Befehlshaber des Armeekorps 3; General Hoepfner, Befehlshaber der Armeegruppe 15.

Für ihre besonderen Verdienste um die deutsche Luftwaffe ernenne ich zu Marschällen den General der Flieger Mäich, den General der Flieger Sperrle und den General der Flieger Kesselring.

Zu Generalobersten ernenne ich den General der Flieger Stumpff; General der Flieger Grauert; General der Flieger Keller; General der Flakbatterien Weise.

Ich ernenne zu Generalen der Flieger den Generaloberst Geissler; den Generalmajor Jeschonnek; den Generalleutnant Loerzer; den Generalleutnant Ritter von Greim und den Generalmajor Freiherr von Richthofen.

In meinem Oberkommando ernenne ich den Generalobersten Keitel zum Generalfeldmarschall, den General Jodl zum Generalobersten.

Bei der Mitteilung dieser Beförderungen anlässlich des siegreichsten Feldzuges unserer Geschichte vor diesem Forum und damit vor der ganzen Nation ehre ich somit die Gesamtheit der Wehrmacht des Grossdeutschen Reiches.

Ich kann meine Betrachtungen hierüber nicht abschliessen, ohne auch unserem Verbündeten ein Gedanke zu widmen. Seit es ein nationalsozialistisches Regime gibt, hat es in dessen aussenpolitischem Programm zwei Ziele gegeben: 1. Die wahre Verständigung und Freundschaft mit Italien und 2. die gleichen guten Beziehungen zu England zu suchen. Ihr wisst, meine Genossen, dass dieses Denken mich seit zwanzig Jahren immer wieder angetrieben hat, auch später noch. Diese Gedanken habe ich selbst unzählige Male schriftlich und in Worten entwickelt, als ich noch nichts anderes war als ein Oppositionist in einer demokratischen Republik. Noch heute macht es mich traurig, dass es mir trotz all meiner Bemühungen nicht gelungen ist, jene Freundschaft mit England zu finden, die, wie ich glaube, ein Segen für beide Völker gewesen wäre. Und doch konnte ich es trotz all meines heissen Mühens nicht erringen. Umso mehr freut es mich dahingegen, dass ich wenigstens den ersten Punkt meines aussenpolitischen Programms habe durchführen können, und zwar dank des Genies desjenigen Mannes, der heute an der Spitze des italienischen Volkes steht. Denn nur dank der sekundären Auswirkungen war es möglich, die beiden geistig so verwandten Revolutionen so zu vereinigen und zuletzt auch durch das gemeinsam vergossene Blut zu besiegeln in dem Bündnis, das Europa zu neuem Leben verhelfen wird. Dass ich heute die Ehre habe, der Freund dieses Mannes zu sein, macht mich glücklich und ich bin mir der Einmaligkeit eines Lebensschicksals bewusst, das sich bei ihm wie bei mir so gleichartig zeigt wie in den Revolutionen und selbst in der Geschichte der Einheit und des Fortschrittes unserer beiden Nationen.

Seit der Wiedergeburt des deutschen Volkes haben wir aus Italien nur Stimmen menschlichen Verstehens gehört. Aus diesem Verständnis reifte eine Lebens- und Interessengemeinschaft, die schliesslich in bündigen Abmachungen Niederschlag fanden. Als dem Deutschen Reiche dieser Krieg aufgezwungen wurde, gegen meinen Wunsch und Willen, beschlossen Mussolini und ich genau den Marsch unserer Staaten. Der Vorteil, der dem Reich aus der Haltung Italiens erwuchs, war ausserordentlich gross. Die Lage und die Haltung Italiens waren uns nicht nur vom wirtschaftlichen, sondern auch vom militärischen Gesichtspunkt aus förderlich. Italien hielt von Anfang an eine Menge feindlicher Streitkräfte fest und lähmte überdies all ihre strategische Dispositionsfreiheit.

Als der Duce dann aber den Augenblick gekommen sah, mit den Waffen in der Hand gegen die ständigen und unerträglichen Vergewaltigungen Stellung zu nehmen, die ihm gerade durch die Einmischungen der Franzosen und Engländer zugefügt wurden, und als der König Italiens die Kriegserklärung abgab, da war dieser Entschluss in voller Freiheit getroffen. Umso grösser muss jetzt auch das Gefühl unseres Dankes sein. Der Eintritt Italiens trug dazu bei, dass Frankreich noch schneller die absolute Nutzlosigkeit weiteren Widerstandes einsah. Seither kämpfte unserer Bundesgenosse zuerst auf den Gipfeln und Pässen der Alpen und jetzt im weiten Raum seines Interessengebietes; seine gegenwärtigen Luftangriffe und die Flottenkämpfe werden gerade in dem Geiste der faschistischen Revolution geführt und wir verfolgen sie im Geiste des Nationalsozialismus. Jeden Schmerz, der Italien trifft, fühlen auch wir als solchen; mit dem Tode des Luftmarschalls Balbo hat auch Deutschland einen Schmerz erlitten; aber seine Freuden sind auch die unsrigen. Unsere Zusammenarbeit auf politischem und militärischem Gebiet ist total. Sie wird die Ungerechtigkeiten auslösen, die dem deutschen und dem italienischen Volk in vergangenen Jahrhunderten zugefügt wurden.

Wenn ich jetzt von der Zukunft spreche, dann tue ich dies nicht, meine Abgeordneten des Deutschen Reichstages, um mich zu brüsten oder zu schwadronieren, das kann ich getrost einem anderen überlassen, der es nötiger hat als ich, wie zum Beispiel Mr. Churchill, doch will ich Ihnen ein Bild von der

Lage darzustellen, ohne Umschweife, so wie ich sie sehe. Die Entwicklung der letzten zehn Monate dieses Krieges hat mir recht gegeben, wie ich die Dinge sah und wie die Meinungen unserer Feinde fortgewischt wurden. Wenn die sogenannten britischen Staatsmänner versichern, ihr Land gehe aus jeder Niederlage und jedem Misserfolg nur noch stärker hervor, dann begehe ich zum mindesten keine Ueberheblichkeit, wenn ich Ihnen sage, dass auch wir aus unseren Erfolgen stärker hervorgegangen sind. Ich habe Ihnen schon im vergangenen September erklärt, dass, komme was da kommen möge, weder die Stärke der Waffen noch die Zeit Deutschland besiegen würden. Heute steht das Reich militärisch noch stärker da als je zuvor. Sie haben die Verluste gesehen, die im einzelnen tief schmerzhaft, doch im Gesamt doch recht gering waren, die das deutsche Heer im Kampf der letzten drei Monate erlitten hat. Wenn Sie bedenken, dass wir in dieser Zeit eine Front aufrichteten, die sich jetzt vom Nordkap bis zur spanischen Grenze erstreckt, dann sind diese Verluste sogar ausserordentlich gering, vor allem im Vergleich mit denen des Weltkrieges. Im allgemeinen ruhte die Ursache hierfür an der ausgezeichneten taktischen Ausbildung jedes einzelnen Soldaten und der verschiedenen Formationen sowie der Zusammenarbeit der verschiedenen Wehrmachtsteile. Eine andere Ursache dafür musste in der Güte und praktischen Verwendbarkeit der neuen Waffen gesucht werden und als letztes und drittes in dem bewussten Verzicht auf jede Art sogenannter Prestige-Erfolge. Ich selbst habe dafür georgt, grundsätzlich jeden Angriff und jede Operation zu vermeiden, die nicht unbedingt erforderlich war, im Sinne der wirklichen Vernichtung des Feindes. Trotzdem haben wir alle erdenklichen Vorsichtsmassregeln getroffen, um noch viel grösseren Verlusten entgegenzutreten zu können, als die verzeichneten.

Die Männer unseres Volkes, deren Leben gespart wurde, kommen uns nun bei der Fortsetzung des Krieges um die Unabhängigkeit zugute, der uns aufgezwungen wurde. Gegenwärtig werden viele unserer Divisionen aus Frankreich zurückgenommen und für die Heimatsgarnisonen bestimmt, viele Mannschaften können beurlaubt werden. Die Ausrüstung und Waffen werden wieder instandgesetzt oder durch neues Material ergänzt. Alles in allem ist die Wehrmacht heute stärker denn je.

Die Waffen

Der Verlust der Waffen im Norwegenfeldzug und besonders auch bei der gegen Holland, Belgien und Frankreich durchgeführten Operationen, ist völlig belanglos und steht in keinem Verhältnis zu der Menge, die hergestellt wird. Das Heer und die Luftwaffe sind auch in diesem Augenblick, in dem ich zu Ihnen spreche, vollkommener und mächtiger als sie es vor der Offensive im Westen waren. Die Munitionierung wurde in solchem Ausmasse vorbereitet, und die Reserven sind so umfangreich, dass an vielerlei Material schon Einschränkungen oder eine Umschaltung der Produktion eintreten musste, da andernfalls die Depots und die vorhandenen Lageräume, auch bei grösster Erweiterung, keine Reserven mehr aufnehmen könnten. Ähnlich wie in Polen, wo der Verbrauch an Munition überaus gering war, und in keinem Verhältnis zu den vorhandenen Reserven stand, so sind die Gesamtreserven für das Heer und die Luftwaffe und alle anderen Arten von Waffen daher gegenwärtig noch viel grösser als vor Beginn der Offensive im Westen.

Für den Krieg wichtige Rohstoffe

Dank des Vierjahresplanes war Deutschland in bester Weise darauf vorbereitet, selbst die schwersten Proben zu ertragen. Auch nicht annähernd hat irgend ein anderes Heer der Welt, so wie das deutsche, seine Versorgung sichergestellt. Dank der Arbeit des Reichsmarschalls ist bereits in Friedenszeiten die Anpassung der deutschen Wirtschaft einer autarken Kriegswirtschaft angepasst worden. Wir besitzen vor allem die beiden notwendigsten Rohstoffe, Eisen und Kohle, in einer Menge, die, ich kann sagen, unbeschränkt ist. Die Brennstoffversorgung ist durch ihre Reserven reichlich gesichert. Die Produktionsfähigkeit vergrössert sich und in kurzer Zeit wird sie, selbst ohne Einfuhr, vollkommen genügen, um unseren Bedarf zu decken.

Dank unserer Metallvorsorge haben sich unsere Reserven darin derartig vermehrt, dass wir jeder Kriegsdauer gewachsen sind und durch keinerlei Ereignisse überrascht werden können. Ausserdem muss mit den enormen Möglichkeiten gerechnet werden, die sich aus der Einsammlung einer unüberschaubaren Beute ergeben, sowie der Ausnutzung der von uns besetzten Gebiete. Deutschland und Italien zählen in sicherer und von beiden kontrollierter Wirtschaft mit etwa 200 Millionen Einwohnern, von denen nur 130 Millionen im Heeresdienste stehen, während 70 Millionen ausschliesslich in der Wirtschaft tätig sind. Am 1. September teilte ich Ihnen, meine Herren Abgeordneten, mit, dass, um diesen Krieg durchzuführen, ein neuer Plan von fünf Jahren erforderlich sei. Heute kann ich Ihnen versichern, dass damals alle Massnahmen in diesem Sinne getroffen worden sind und dass ich, komme auch, was immer kommen mag, keinen Faktor irgendwelcher Art sehe, der die Ernährung des Volkes irgendwie gefährden könnte. Sie ist für jede Kriegsdauer gesichert dank den Massnahmen, die dies Mal zur rechten Zeit getroffen wurden.

5. Die Haltung des deutschen Volkes

Dank seiner nationalsozialistischen Erziehung ist das deutsche Volk in diesen Krieg nicht mit der Oberflächlichkeit eines billigen Patriotismus hineingegangen, sondern mit dem

fanatischen Ernst einer Rasse, die das Schicksal kennt, das sie erwartet, falls sie besiegt werden sollte. Die Versuche der Propaganda unserer Feinde, diese Solidarität zu zerschlagen, sind ebenso dumm wie unwirksam. Die zehn Monate Krieg haben unserer Begeisterung keinen Abbruch getan. Im allgemeinen ist es ein Unglück, dass die Weltmeinung nicht von Männern geleitet wird, die die Dinge so sehen wollen wie sie sind, sondern von jenen, die die Dinge so sehen, wie sie es wünschen. In den letzten Tagen habe ich zahlreiche Dokumente studiert, die aus dem alliierten Hauptquartier stammen und die u. a. auch Berichte über die Lage in Deutschland oder Memoranden über die Haltung und den moralischen Zustand des deutschen Volkes enthalten. Es handelt sich um Berichte, die teilweise von Diplomaten stammen. Bei der Lektüre derselben drängt sich einem tatsächlich die Frage auf, ob die Verfasser blinde Dummköpfe oder elende Schurken sind. Ich gebe zu, dass es auch in Deutschland solche Menschen gegeben hat und dass es auch heute noch vereinzelt Leute gibt, die den Siegeszug des Dritten Reiches bedauern. Die unverbesserlichen Reaktionäre oder blinden Nihilisten sind vielleicht auf das tiefste betrübt, dass die Dinge einen anderen Lauf nehmen als sie es sich eingebildet haben. Aber ihre Zahl ist lächerlich gering und ihre Bedeutung noch geringer. Unglücklicherweise aber wird, um sich ein Urteil über das deutsche Volk zu bilden, vom Auslande als Masstab immer die Ansicht dieses Auswurfes der Nation herangezogen. Hieraus schöpft dann die krankhafte Phantasie einiger gescheiterter Staatsmänner neue Hoffnungen. Je nach dem Fall handelt es sich einmal um den „General Hunger“ als Auserwählter und Verbündeter für die englischen Generale, das andere mal um die „drohende Revolution“. Es gibt nichts Dummes, so verrückt es auch sein mag, das diese Leute nicht ihren Völkern erzählen, um auf diese Weise noch einige Wochen aushalten zu können. Das deutsche Volk hat seine Haltung vor allem durch seine Söhne bewiesen, die auf den Schlachtfeldern kämpften und die in wenigen Wochen den Feind geschlagen und vernichtet haben, der nach Deutschland die grösste Militärmacht war. Ihr Geist ist der Geist des deutschen Vaterlandes.

6. Die Umwelt

Die letzten Hoffnungen scheinen nach Ansicht der englischen Politiker und eines Teiles der alliierten und assoziierten Nationen, die eine Reihe von Staatsoberhäuptern ohne Thron, von Staatsmännern ohne Volk und von Generalen ohne Heer gebildet werden, in neuen Komplikationen zu bestehen, die sie dank ihrer erwiesenen Geschicklichkeit in solchen Fällen herbeiführen zu können glauben. Ein wahrer Ahasverus inmitten dieser Hoffnungen ist der Glaube an eine mögliche neue Entfremdung zwischen Deutschland und Russland. Die deutsch-russischen Beziehungen sind endgültig festgelegt. Der Grund für diese Festlegung wurzelt darin, dass, unterstützt von einigen kleinen Staaten, England und Frankreich ununterbrochen Deutschland Eroberungsabsichten auf Gebiete untergeschoben haben, die sich ausserhalb der deutschen Interessensphäre befinden. So erklärte man immer wieder, Deutschland wolle die Ukraine besetzen, es wolle in Finnland eindringen, oder man versicherte in einem anderen Falle, dass Rumänien bedroht sei, oder dann man schliesslich auch um das Schicksal der Türkei fürchten müsse. Unter diesen Umständen hielt ich es für das Richtige, mit Russland ein für allemal eine saubere Abgrenzung der Interessen vorzunehmen und klar auseinanderzusetzen, was Deutschland für die Zukunft glaubt als Interessengebiet betrachten zu können, und was andererseits Russland als für seine Existenz wichtig ansieht. Auf der Grundlage dieser klaren Abgrenzung der gegenseitigen Interessengebiete ist es zu einer neuen Regelung der deutsch-russischen Beziehungen gekommen. Jede Hoffnung, dass sich aus ihnen eine neue deutsch-russische Spannung ergeben könnte, ist kindisch. Weder hat Deutschland einen einzigen Schritt getan, der über diese Grenzen hinausging, noch auch Russland. Die Hoffnung Englands, durch Heraufbeschwören einer neuen Krise in Europa sich eine Erleichterung für seine eigene Lage verschaffen zu können, ist daher, was Russland anlangt, ein Rechenfehler. Die englischen Staatsmänner begreifen alles etwas langsam, aber sie werden auch das verstehen müssen.

Vertrauen in den Sieg

In meiner Rede vom 6. Oktober habe ich die spätere Entwicklung dieses Krieges sehr richtig vorausgesehen, und ich versichere Ihnen, meine Abgeordneten, dass ich keinen Augenblick an dem Siege zweifeln kann. Wenn

man nicht gerade in den Niederlagen die Zeichen und Garantien für den Endsieg sehen will, dann glaube ich, dass der Lauf der Ereignisse mir vollkommen Recht gegeben hat. Obwohl ich von dieser Entwicklung der Dinge fest überzeugt war, habe ich damals Frankreich und England die Hand hingestreckt, um eine Versöhnung herbeizuführen. Die Antwort, die ich damals erhielt, ist Ihnen allen ja noch bekannt. Alle meine Argumente über die Unvernunft einer Fortsetzung des Kampfes und über die Gewissheit, dass dieser Kampf auch im günstigsten Falle keinen Gewinn, sondern nur Opfer bringen würde, wurden sarkastisch und höhnisch zurückgewiesen oder zum mindesten mit einem Todesschweigen übergegangen. Ich habe Ihnen damals auch gesagt, dass ich befürchte, wegen jenes Friedensvorschlages als Feigling verleumdet zu werden, der nicht kämpfen wollte, weil er es nicht könnte. Genau so ist es auch gekommen. Ich glaube bestimmt, dass schon heute Frankreich — natürlich weniger die schuldigen Staatsmänner als das Volk — über jenen 6. Oktober anders denken wird.

Frankreich

Welch unbeschreibliches Elend ist seitdem über dieses grosse Land und über dieses Volk gekommen. Aber ich will nicht davon sprechen, wie der Krieg den Schmerz der Soldaten erhöht hat, denn darüber spricht man nicht, aber von den Leiden, die auf die Gewissenlosigkeit jener zurückzuführen sind, die ohne Grund Millionen von Menschen zwingen, ihr Heim zu verlassen, weil sie glauben, sie würden dadurch dem deutschen Oberkommando Schwierigkeiten bereiten. Das war auf jeden Fall eine unverständliche Annahme. Diese Räumung hat sich in schädlichster Weise auf das alliierte Oberkommando ausgewirkt und die schrecklichsten Folgen für die unglücklichen Opfer gehabt, die davon betroffen wurden. Für die Leiden, die die Herren

klarum Begriff von der künftigen Fortsetzung des Kampfes gemacht haben. Jedenfalls erklären sie, dass sie diesen Krieg fortsetzen werden, auch von Kanada aus, falls England zusammenbrechen sollte. Ich glaube nicht, dass damit gesagt sein soll, dass das englische Volk nun wirklich nach Kanada hinübergebracht werden soll, sondern vielmehr, dass sich die Herren Kriegsinteressenten dorthin zurückziehen wollen. Ich glaube, dass das Volk wird in England bleiben müssen, und sicher wird es in London den Krieg mit anderen Augen ansehen als die sogenannten Führer von Kanada aus.

Glauben Sie mir, meine Abgeordneten, ich fühle einen moralischen Abscheu vor dieser Art von Parlamentariern ohne Gewissen, vor diesen Vernichtern von Völkern und Staaten. Es verursacht mir fast Schmerz, dass das Schicksal mich dazu ausersehen hat, an das zu stossen, was diese Herren niedergedrückt haben, zumal da es nicht meine Absicht gewesen ist, Krieg zu führen, sondern einen neuen sozialen Staat als Exponenten der höchsten Kultur aufzubauen. Jedes Jahr dieses Krieges hält mich von dieser Arbeit zurück. Und die Ursachen dafür sind lächerliche Nichtigkeiten, die man höchstens als politische Serienfabrikation bezeichnen könnte, wenn das ausgesprochene Uebelwollen sie nicht zu etwas besonderem stempelte.

Mr. Churchill will den Krieg

Mr. Churchill hat noch einmal wieder erklärt, dass er den Krieg will. Vor etwa sechs Wochen hat er ihn auf dem Gebiet begonnen, wo er offenbar glaubt, eine besondere Stärke zu besitzen, im Luftkriege gegen die Zivilbevölkerung, wenngleich er auch erklärt, dass es sich um wichtige militärische Ziele handle. Solche Ziele sind wie Freiburg, offene Städte, Marktstellen, Häuser, Bauernhöfe, Lazarette, Schulen, Kindergärten usw. Bis jetzt habe ich darauf noch nicht geantwortet, aber

So empfing Berlin den siegreichen Feldherrn — Hunderttausende umjubelten den Führer auf seiner Fahrt durch die festlich geschmückten Strassen der Reichshauptstadt.



Eis como Berlim recebeu o victorioso chefe supremo do Exercicio Alemão — Centenas de milhares de pessoas receberam, em meio a expansões de indescriptivel jubilo, o Führer, ao passar este pelas ruas engalanadas da capital do Reich.

Churchill und Reynaud durch ihre Massnahmen und Ratschläge über jene Millionen von Menschen heraufbeschworen, können sie sich weder auf dieser Welt noch in der anderen verantworten.

Londons Ruf

Wie gesagt, nichts von alledem hätte zu geschehen brauchen, denn schon im Oktober habe ich von Frankreich wie von England nichts anderes getordert als den Frieden. Aber die Herren, die an der Rüstungsindustrie interessiert waren, wollten die Fortsetzung des Krieges um jeden Preis, und sie haben ihn erhalten. Ich selbst bin zu sehr Soldat, um nicht Verständnis für das Unselbige einer derartigen Entwicklung zu haben. Ich höre da jetzt ein Rufen, das aus London kommt. Es ist nicht ein Rufen der Volksmassen, sondern von Politikern: dass der Kampf fortgesetzt werden müsste. Ich weiss nicht, ob diese Politiker sich schon einen

das will nicht besagen, dass dies die einzige Antwort ist oder bleiben wird. Ich bin mir vollkommen klar darüber, dass diese Antwort, die eines Tages kommen wird, Schmerz und Leid ohne Massen über die Menschen bringen wird. Natürlich nicht über Mr. Churchill, weil er sicherlich in Kanada sein wird, wo auch schon die Kapitalien und die Kinder der Hauptkriegsinteressenten eingetroffen sind. Aber ein grosser Schmerz für andere Millionen Lebewesen.

Ein grosses Reich wird zerstört werden

Mr. Churchill kann mir dieses Mal ausnahmsweise glauben, wenn ich prophezeie, dass ein grosses Reich zerstört werden wird. Nie ist es meine Absicht gewesen, ein Imperium zu zerstören oder auch nur zu schädigen. Aber ich sehe vollkommen, dass die Fortsetzung dieses Kampfes nur mit der Vernichtung eines der beiden Kämpfer enden wird. Mr. Churchill wird sicher glauben, das

werde Deutschland sein. Ich weiss, dass es England sein wird. In diesem Augenblick halte ich es vor meinem Gewissen für meine Pflicht, nochmals einen Appell an die Vernunft auch in England zu richten. Ich glaube, ich darf das tun, weil ich nicht als Besiegter um etwas bitte, sondern im Namen der Vernunft als Sieger spreche.

Ich sehe keinen Grund für die Fortsetzung des Kampfes. Ich bedauere die Opfer, die er kosten würde. Ich möchte ihn auch meinem eigenen Volke ersparen. Ich weiss, dass Millionen von Männern und Jünglinge in dem Wunsche brennen, sich endlich mit dem Feinde messen zu können, der uns ohne Grund zum zweiten Male den Krieg erklärt hat. Aber ich weiss auch, dass zu Hause viele Frauen und viele Mütter bleiben, die trotz ihrer Bereitschaft, das Letzte zu opfern, an diesem mit ganzem Herzen hängen.

Mr. Churchill kann meine Erklärung auch dieses Mal wieder umdeuten und sie als einen Ausfluss der Furcht und meines Zweifels am Endsieg hinstellen. Auf jeden Fall habe ich mein Gewissen gegenüber den kommenden Ereignissen erleichtert.

Abgeordnete des Deutschen Reichstages! Wenn wir auf die vergangenen zehn Monate zurückblicken, so fühlen wir uns stolz, dass wir den harten Weg gegangen sind. Ich für meinen Teil bin tief bewegt, dass das Schicksal es mir vergönnt hat, meinem Volke die Freiheit und Ehre wiederzugeben. Die Schmach, die vor zweiundzwanzig Jahren im Wald von Compiègne über Deutschland kam, ist an der gleichen Stelle für immer fortgewischt. Heute habe ich vor der Geschichte die Namen der Männer genannt, die mir mein Werk erleichterten. Alle haben sie ihr Höchstes geleistet und dem deutschen Volke ihre Fähigkeiten und ihren Eifer zur Verfügung gestellt. Ich möchte schliessen, indem ich auch der Ungenannten gedenke, die nicht weniger ihre Pflicht getan haben, die ihr Leben hingaben und bereit waren, für ihr Volk wie tapfere Offiziere und Soldaten das letzte Opfer zu bringen, das ein Mensch zu bringen vermag. Viele von ihnen ruhen neben den Gräbern ihrer Väter, die im Weltkriege gefallen sind. Alle sind sie Zeugen einer Welt von Heldentum. Sie sind das Symbol der Hunderttausende von Soldaten der Infanterie, der Panzerwagen, der Pioniere, der Artilleristen, der Soldaten der Marine und der Luftwaffe sowie der SS und all der anderen Kriegsteilnehmer, die im Kampfe der deutschen Wehrmacht die Freiheit und die Zukunft unseres Volkes und die ewige Grösse des nationalsozialistischen Gross-Deutschlands verteidigten.



Dieser kleine Schatz

weiss noch nicht, dass die Diarrhoe eine Gefahr für sein Leben bedeutet. Aber die Mutter weiss, dass sie ihm im Falle von Diarrhoe sofort Eldoformio-Tabletten geben muss. Eldoformio, das unvergleichliche Mittel gegen diese schreckliche Plage.

Gegen die Diarrhoe gibt es nichts Besseres als die bewährten Eldoformio-Tabletten.

Vergessen Sie niemals: Gegen Diarrhoe stets 

Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern wie Erwachsenen helfen.



No dia 18 de junho deste anno encontraram-se em Munich, para uma conferencia, o Führer do Reich grão-alemão Adolf Hitler e o Duce da Italia fascista Benito Mussolini. A passagem dos dous grandes homens de Estado pelas ruas de Munich constituiu uma verdadeira marcha triumphal, tal o entusiasmo e o jubilo sem par da respectiva população.

Am 18. Juni d. J. trafen die beiden Staatsmänner, der Führer des Grossdeutschen Reiches, Adolf Hitler, und der Duce des faschistischen Italiens, Benito Mussolini, in München zu einer Besprechung zusammen. Die Fahrt der beiden grossen Staatsmänner durch die Strassen Münchens gestaltete sich unter dem Jubel der Bevölkerung zu einem Triumphzug ohnegleichen.



PFÄFF
DIE NÄHMASCHINE
 FÜR JEDEN HAUSHALT

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
 AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

Hotel Floresta
 FRIBURGO

Est. de Rio de Janeiro
 EF Leopoldina
 Rua 3 de Janeiro 161
 Tel. 162

Das schönste Ambiente in Friburgo
 Bes. 1. M. Seite

Casa Germania

RESTAURANT UND BAR
GEORGIE FUCHS

SPEZIALITÄT: Mittag- u. Abendessen
 Aufschnitt

RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 — RIO
 (Ecke Barão de Ipanema)
 G. öffnet bis 1 Uhr nachts — Tel. 47-0805

Gründlichen
MUSIKUNTERRICHT
 auf der **Harmonika** erhalten Sie bei
Karl und Lydia Schulz
 (Hohner-Schule)

RIO DE JANEIRO / Telefon 38-0881

“UFAR”
 Electro-Transformadores Ltda.
 Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
 Telegrammadresse: „UFAR“

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art
 Zimmerantennen

Import von: Stablaternen
 Fahrradlaternen
 Trockenelementen
 Radio-Material
 Messinstrumenten

Pension Hamburgo
 RIO DE JANEIRO

Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. — Wunderschöne Lage. Grosser Garten. — Mässige Preise.
 Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098
 Inh. N. Neubert

Deutsches Heim, Rio de Janeiro
 Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
 Tel. 42-3601

Mittag- und Abendbisch auch nach der Karte
 Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

Reparaturen
 sämtlicher
 Uhren
 garantiert

Josef Herold
 • Uhrmacher •
 Rua da Alfandega, 130

In deutschem Familienhaus
 wird ein gut möbliertes Zimmer abgegeben.
 Beste, gesunde Lage in Santa Thereza. —
 Rua Urão Reis 118 — Rio

Casa Esperança

Delikatessen
 ff. Aufschnitt
 Feinkostmittel
 für den feinsten
 Geschmack u. in
 allen Preislagen
 Stets frisch

BARBETRIEB
 Rua 7
 de Setembro 79
 nahe Avenida
 RIO DE JANEIRO
 Telephon: 31-2505

MIRAMAR-PAQUETA

(Barca-Seite links)
 Telephon 206

Restaurant Hotel / Bar Rio de Janeiro

Luftige Zimmer
 Vorzügliche Wiener
 Kueche / Mässige Preise

Grosser Garten fuer
 Picnics usw.

El-zines deutsches
 Hotel am Platze



Merztetafel Rio

Dr. Fridel-Schöpke
 Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).
 Consultorio: Rua Miguel Couto 5
 von 2—5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung: Tel. 22-9930 Rio de Janeiro

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis
 Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:
 Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550 - Rio

Haut- und Geschlechtskrankheiten
Dr. Paul Cardozo-Legèze
 in Deutschland ausgebildeter und approb. Arzt
 Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
 Telephon 22-0912 Rio de Janeiro
 Sprechstunden: 9—12 und 3—6
 Samstag: 9—11 und 12—3 Uhr

Preiswert **Kölnisch Wasser** Gefährlich
 das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio
 Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Vertretung
 des
Deutscher Morgen

R. dos Andradas 84
 2. Stock, App. 23
 Rio de Janeiro
 Telefon 23-4977
 Franz Kurlin

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt ...

Berlin, 18. (TO) — Das Oberkommando der Wehrmacht teilt am Donnerstagmittag mit: „Deutsche Kriegsschiffe, die in überseeischen Gewässern operieren, versenkten feindliche Handelsschiffe mit insgesamt 30.000 brt. Auf Fahrzeugen der Kriegsmarine landeten deutsche Truppen auf der der bretonischen Küste vorgelagerten Ile d'Quessant. Deutsche Kampffliegerverbände griffen einen Übungsplatz der britischen Truppen bei Aldershot sowie Flugplätze, Industrieanlagen und Häfen in Süd- und Mittelengland an. Es wurden grosse Brände festgestellt, besonders auf dem Flugplatz Tunbridge Wells und den Rüstungsfabriken in Eastborne sowie in den Hafenanlagen von Portland. Bei der Rüstungsfabrik in Greenock wurden mehrere Volltreffer erzielt. Im Kanal wurde ein feindliches Handelsschiff schwer beschädigt.

Ein englisches Vorpostenboot erhielt so schwere Beschädigungen, dass die Besatzung es verlassen musste. In der Nacht wurden feindliche Flugzeuge, die in das Rheinland und Ruhrbecken einfliegen, durch Flak zerstreut und daran gehindert, ihre Bomben auf

tärbaracken, Militärlager in England und griff auch mit grossem Erfolg Schiffe an der nord-schottischen und Kanalküste an. Durch Bombenvolltreffer wurden 4 Handelsschiffe mit insgesamt 12.000 bis 14.000 t versenkt, weitere 12 Schiffe und 2 Vorpostenboote wurden so schwer beschädigt, dass bei mehreren von ihnen mit Totalverlust gerechnet werden kann. Wie mitgeteilt wird, ist am 17. Juli noch durch Bombenvolltreffer ein feindliches U-Boot vernichtet worden. In West- und Nordwestdeutschland verminderte unsere Luftabwehr, dass der Feind wirksame Bombenabwürfe durchführen konnte. Es wurde nur unbedeutender Sachschaden angerichtet und einige Zivilisten verletzt. Flak schossen 3 feindliche Apparate ab. Der Feind verlor gestern insgesamt 12 Flugzeuge und 2 Sperrballons. Sieben Flugzeuge wurden in Luftkämpfen und 5 durch Flak vernichtet. Zwei eigene Flugzeuge kehrten nicht in ihre Horste zurück.“

Berlin, 20. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Samstagmittag mit:

„Ein Unterseeboot teilt mit, insgesamt 24.700 Tonnen feindlichen Handelsschiffsraums versenkt zu haben. Kampfgeschwader der Luftwaffe griffen Elektrizitätswerke, Lagerhäuser, Hafenanlagen, Munitionsdepots, Flakbatterien und Flugplätze an und erzielten gute Erfolge. Weitere Angriffe richteten sich gegen Kriegsschiffe und Handelsschiffe an der südenenglischen Küste. Ein Frachter von 5000 Tonnen wurde durch Bombenabwurf versenkt, drei weitere und ein Zerstörer wurden schwer beschädigt. Wie bereits mitgeteilt, wurden über dem Kanal von unseren Messerschmitt-Jägern im Luftkampf ohne eigene Verluste 15 britische Jäger abgeschossen, davon 12 vom Typ Defiant, 2 Spitfire und Hurricane. Es wurden noch weitere 6 Spitfire-Maschinen abgeschossen; die Gesamtzahl der abgeschossenen feindlichen Flugzeuge beläuft sich auf 21. Ein feindliches Flugzeug wurde von der Marine-Flak abgeschossen. In der Nacht vom 19. zum 20. Juli warfen feindliche Flugzeuge wiederum Bomben über Nord- und Westdeutschland ab, wobei mehrere Zivilpersonen verwundet wurden. Im Verlaufe dieser Einflüge wurden weitere fünf englische Bomber abgeschossen: 3 durch Flak und 2 durch Nachtjäger. Die Gesamtverluste des Feindes belaufen sich demnach am Freitag auf 27 Maschinen. Drei eigene Flugzeuge kehrten nicht zu ihren Stützpunkten zurück.“

Berlin, 21. (TO) — Das Oberkommando der Wehrmacht teilt am Sonntag mit: „Deutsche Kampffliegerverbände griffen am Tage und am Abend des 20. Juli Flugplätze,

Häfen und Benzintanks in Süd- und Mittelengland sowie Fabriken in Newcastle an. Durch die Bomben wurden Brände und Explosionen hervorgerufen. Bei Angriffen auf Konvois wurden 1 feindlicher Kreuzer und 2 Zerstörer schwer beschädigt. Bei dieser Gelegenheit schossen unsere Jäger in Luftkämpfen über dem Kanal 8 feindliche Flugzeuge ab. Ein weiteres feindliches Flugzeug wurde bei Rotterdam abgeschossen. Im Laufe der Nacht warfen britische Flieger neuerdings über Nord- und Westdeutschland Bomben ab. Der Sachschaden ist unbedeutend. Mehrere Bomben fielen auf eine kleine deutsche Stadt und töteten 7 Personen. Bei diesen Nachtflügen konnten 9 feindliche Flugzeuge abgeschossen werden, davon 7 durch Flak und 2 von Nachtjägern. Feindliche Flieger, die Wilhelmshaven angreifen wollten, wurden durch starke Luftabwehr zur Umkehr gezwungen. Vier Flugzeuge wurden von Marineflak abgeschossen. Insgesamt verlor der Feind gestern 23 Flugzeuge. Fünf eigene sind nicht zu ihren Stützpunkten zurückgekehrt.“

Berlin, 22. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Montagmittag mit:

„Deutsche Kampffliegerverbände griffen neuerdings Flugplätze, Häfen, Gasolinlager und Fabriken in England an. Es wurden Explosionen und grosse Brände beobachtet. Während eines Luftangriffes auf einen Geleitzug im Aermelkanal wurden ein Tanker und vier Handelsschiffe mit insgesamt 40.000 brt versenkt. Feindliche Fliegerangriffe in der Nacht zum 22. Juli auf Nord- und Westdeutschland sowie die besetzten Gebiete richteten nur Materialschaden an. Ein feindliches Flugzeug wurde von der Marine-Flak, ein anderes von Nachtjägern abgeschossen. Gestern verlor der Feind insgesamt 8 Flugzeuge, darunter ein Wasserflugzeug vom Typ Sunderland, das bei Trondheim abgeschossen wurde. Vier eigene Flugzeuge kehrten nicht zu ihren Horsten zurück, darunter ein Flugzeug des Hochseerettungsdienstes, das von den Engländern über der Nordsee abgeschossen wurde.“

Berlin, 23. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt mit:

„Eines unserer kleinen U-Boote hat stark geschützte Geleitzüge angegriffen und aus ihnen heraus 18.000 t feindlichen Schiffsraumes versenkt. Die Luftwaffe führte Aufklärungsflüge über England und Schottland durch und griff in der Nacht vom 22. zum 23. Juli mit Kampfeinheiten Hafenanlagen, Flugplätze, Stützpunkte, Flakbatterien und feindliche Scheinwerferbatterien an. Besonders wurden die Häfen von Pembroke mit seinen Erdöltanks, Chatham, Sheerness, Aberdeen und Edinburgh sowie die Flugzeugbasen im Raum von Portsmouth und dem Bristol-Kanal

mit Bomben belegt. Im Kanal und an der Ostküste Englands wurden drei Handelsschiffe durch Bomben beschädigt. Ein feindliches Flugzeug wurde durch Flak abgeschossen, ein eigenes Flugzeug ist nicht zurückgekehrt. Wie nachträglich bekannt wird, wurden in der Nacht vom 20. zum 21. Juli bei dem Luftangriff auf Wilhelmshaven zwei weitere feindliche Flugzeuge abgeschossen, so dass sich die Gesamtzahl der bei dieser Gelegenheit von Marine-Flak abgeschossenen englischen Maschinen damit auf sechs erhöht.“

Italienischer Seeresbericht

Rom, 18. (TO) — Das italienische Oberkommando teilt am Donnerstag mit:

„In Nordafrika wurden die wirksamen Bombardierungen im Abschnitt von Mersa-Matruh wiederholt. Alle unsere Flugzeuge sind zurückgekehrt. In Ostafrika verfolgten unsere Luftwaffe und Landstreitkräfte den Feind, der sich von Moyale in Richtung auf Buna zurückzieht, griffen Lastkraftkolonnen mit MG-Fueer an und zerstorten sie. Der Feind verlor Waffen, Munition und Lastautos. Unsere Luftwaffe bombardierte mit sichtlichem Erfolg den Flugplatz von Wajir. Der Feind griff den Flugplatz von Agordat mit Bomben an, ohne Schaden anzurichten. Unsere Jäger schossen ein englisches Flugzeug ab.“

Rom, 20. (TO) — Das Oberkommando der italienischen Wehrmacht teilt am Samstagmittag mit:

„Bei der Insel Candia fand beim Morgenrauen ein dreistündiger Kampf zwischen unseren leichten Kreuzern „Giovanni della Bandenere“ und „Bartolomeo Colleoni“ von je 5000 t gegen englische Streitkräfte statt, die

PETER JURISCH
 RECHTSANWALT

RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL 136
 EDIFICIO ODEON, SALA 809

sich aus zwei Kreuzern von je 7000 t vom Typ „Sydney“ und vier Zerstörern zusammensetzten. Trotz der ausgesprochenen Überlegenheit der feindlichen Streitkräfte nahmen unsere Kreuzer den Kampf an und fügten dem Feind schwere Verluste zu. Der Kreuzer „Bartolomeo Colleoni“ wurde in einem lebenswichtigen Teil getroffen, so dass er manövrierunfähig wurde und sank. Man nimmt an, dass ein grosser Teil der Besat-

Brasilianische Edelsteine
 in edlerer Auswahl
SCHUPP

42-44 RUA MIGUEL COUTO
 AVENIDA RIO BRANCO

ihre Ziele abzuwerfen. Einige planlos fallengelassene Bomben richteten weder Materialschaden an, noch verursachten sie Opfer. Nördlich Cherbourg wurde ein feindliches Flugzeug vom Baumuster Bristol-Blenheim im Luftkampf abgeschossen. Eines unserer Flugzeuge ist in den Kanal abgestürzt.“

Berlin, 19. — (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Freitagmittag mit:

„Die deutsche U-Boot-Waffe errang zum anderen Male gute Erfolge. Ein U-Boot versenkte 31.300 brt. feindlichen Handelsschiffsraumes. Ein weiteres U-Boot torpedierte einen grossen bewaffneten Handelsdampfer, der unter starker feindlicher Bedeckung im Konvoi fuhr. Die deutsche Luftwaffe wiederholte ihre Angriffe auf Flugplätze, Hafenanlagen, Mil-

zung gerettet ist. Unsere Bomber griffen zu wiederholten Malen englische Seestreitkräfte an und erzielten einen Volltreffer auf einem Kreuzer. Ein feindliches Schiff ging brennend unter. Unsere Flugzeuge kehrten sämtlich zu ihren Stützpunkten zurück."

Rom, 21. (TO) — Der Bericht des italienischen Oberkommandos von Sonntagmittag besagt:

„Unsere Flugzeuge führten aus geringer Höhe im Laufe der Nacht einen wirksamen Luftangriff auf die Torpedodepots in Malta durch und riefen umfangreiche Brände hervor. Sämtliche Flugzeuge kehrten unbeschädigt zu ihren Stützpunkten zurück. In Nordafrika wurde ein englisches Flugzeug abgeschossen und seine Besatzung gefangen genommen. In Ostafrika führten unsere Bomber wirksame Angriffe auf die Flugbasis Buna in Kenya und die Luft- und Flottenbasen von Berbera sowie feindliche Stellungen im Abschnitt Kurmuk im anglo-ägyptischen Sudan durch. Eines unserer Flugzeuge ist nicht zurückgekehrt."

Rom, 22. (TO) — Das Oberkommando der italienischen Wehrmacht teilt am Montagmittag mit:

„Sichere Informationen ist zu entnehmen, dass bei den Luft- und Seekämpfen vom 8. bis 13. Juli ausser dem Flugzeugträger „Ark Royal“ und dem Panzerkreuzer „Hood“ auch noch ein Schlachtkreuzer der Klasse „War-spire“ von 31.000 t, ein Kreuzer von 10.000 t und ein weiterer Kreuzer von 5200 t erhebliche Beschädigungen erlitten haben. Ausserdem erlitten die Besatzungen der Schiffe sehr schwere Verluste. Ein feindliches Flugzeug, das versuchte, die Besatzung eines italienischen Flugzeuges, das wegen Motordefektes hatte notlanden müssen, mit MG zu beschies-sen, als sie sich in Sicherheit bringen wollte von unseren Jägern abgeschossen. Ein Of-fizier der Besatzung, der im Fallschirm ab-gesprungen war, wurde von der Besatzung eines italienischen Wasserflugzeuges gefangen genommen. In Nordafrika wurden wirkungs-volle Bombenabwürfe auf feindliche Posten bei Sidi Barani und Mersa Matruh durchgeführt. In Ostafrika wurden englische Basen und Truppen in Buna und Wajir bombardiert. Ein feindliches Flugzeug wurde abgeschossen. Un-sere Maschinen kehrten sämtlich zurück. Feindliche Luftangriffe auf Asmara richteten keinen Schaden an, auch sind Opfer nicht zu beklagen."

Rom, 23. (TO) — Das Oberkommando der italienischen Wehrmacht teilt mit:

„In Nordafrika führten unsere Jäger Bom-benflüge an der ägyptischen Grenze im Ab-schnitt zwischen Mersa Matruh und Sidi Ba-rani durch. Unsere Maschinen kehrten sämt-lich zurück. In Ostafrika bombardierten un-sere Flieger mit grossem Erfolge Wajir. Der Feind bombardierte wiederum Diredaou, ohne Schaden anzurichten. Der Tod eines Eingeborenen ist zu beklagen."

Putz empfohlen

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Nema)

Berlin, 17. — An der Andreas-Hochschule im Osten von Berlin veranstaltet die Deutsche Arbeitsfront einen Lehrgang in der Kiswaheli-Sprache, die von den Eingeborenen Ostafrikas gesprochen wird. Die Begeisterung der Berliner für diesen Kursus ist so gross, dass am ersten Tage lange Reihen von Per-sonen zur Eintragung anstanden. Der 45 Klas-sen umfassende Kursus kostet acht Mark.

Berlin, 17. — Der Führer verlieh dem Ge-neralissimus Franco zur Wiederkehr des Ta-ges der nationalspanischen Erhebung das Grosskreuz zum Deutschen Adlerorden in Gold.

Berlin, 17. — In den IG-Farbenwerken wur-de jetzt unter der Bezeichnung „Perluran“ eine synthetische Faser hergestellt, die eine Temperatur bis zu 200 Grad Celsius ver-trägt und elastischer und verwendungsfä-higer als Naturseide ist. Perluran wird aus ei-nem Nebenprodukt der Kohle gewonnen.

ger als Naturseide ist. Perluran wird aus ei-nem Nebenprodukt der Kohle gewonnen.

Stockholm, 18. — Der englische Naturfor-scher Dr. Malcolm Burr, ein Mitarbeiter des Secret Service, ist von den jugoslawischen Be-hörden des Landes verwiesen worden.

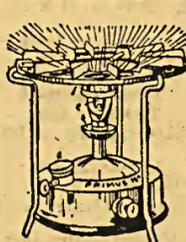
Vichy, 18. — Dem Blatt „Petit Girond“ zu-folge hat Churchill den Herzog von Wind-sor deshalb zum Gouverneur der Bahama-In-seln ernannt, weil dieser an seinen Bruder, den König Georg, ein Protestschreiben we-gen der britischen Untat von Oran gerich-tet hatte.

Moskau, 18. — Wie der Moskauer Sender meldet, ist die Aufteilung des Grossgrundbe-sitzes in Bessarabien bereits vollzogen wor-den. Als Mindestmass erhalten die Bauern und Tagelöhner vier Hektar Land. Die Klö-ster werden in Krankenhäuser, Klubs, Thea-ter, Kinos und Schulen umgewandelt.

Madrid, 18. — General Franco erklärte in seiner Ansprache am Nationalfeiertag, dass Spanien niemals die Wiedererlangung Gibraltars aus dem Auge lassen werde.

Oslo, 18. — Deutsche Pioniere und Eisen-bahner haben in Norwegen 4083 km Eisen-bahnstrecken und 60 Brücken gebaut. Die

Garten-Werkzeuge



Haushaltungsartikel
Reparaturen, Ersatz-
teile von Primus- u.
Sprit-Kocher
Casa
Wigand Köhler
(gegründet 1899)
Telephon 4-2254
Rua Seminario Nr. 39
(neben der Post)

Erbahn von Narvik bis zur schwedischen Grenze ist gleichfalls betriebsfertig.

Chicago, 18. — Auf der demokratischen Parteikonvention in Chicago wurde Präsident Roosevelt einstimmig zum Präsidentschaftskan-didaten gewählt.

Deutsche Soldaten kehren heim

Berlin, 18. — Heute nachmittag hielt die erste Berliner und Brandenburger Division nach ihren Siegen in Polen und Frankreich durch das Brandenburger Tor ihren triumphalen Einmarsch in die Reichshauptstadt. Reichs-minister Dr. Goebbels hiess die Truppen, die zehn Monate von ihrer Garnison abwe-send waren, im Namen des Führers und der Berliner Bevölkerung willkommen.

Berlin, 18. — Die deutsche Presse befasst sich in eindeutiger Weise mit den britischen Absichten, in Portugal Luft- und Flottenstütz-punkte einzurichten.

Stockholm, 18. — Der britische Innen-minister Sir John Anderson erklärte im Unter-haus, dass jeder Bewohner, der den deut-schen Truppen bei einer Landung in Eng-land Hilfe und Unterstützung leiste, mit dem Tode bestraft würde.

Brüssel, 18. — Auf Ersuchen der deutschen Militärbehörden wurden alle diplomatischen Vertretungen aus Brüssel herausgezogen und durch Konsulate ersetzt.

Brüssel, 18. — Nach Mitteilung der „Brüs-seler Zeitung“ hat der Führer die Freilass-ung aller belgischen Kriegsgefangenen mit Ausnahme der Berufs- und Reserveoffiziere sowie der Berufs- und Reserveunteroffiziere an-geordnet. Die Militärärzte und das Sanitäts-personal sowie die Pionierabteilungen blei-ben im Dienst.

Brüssel, 18. — Eine Gruppe von 500 Bel-giern, vornehmlich Facharbeiter aus verschie-densten Berufen, haben die Reise nach Deutschland angetreten. Viele von ihnen wa-ren in Belgien schon seit vielen Jahren ar-beitslos.

Stockholm, 19. — Nach einer Erklärung Churchills vor dem Unterhaus dürfen die Wir-kungen deutscher Bombardements nicht mehr veröffentlicht werden.

Bern, 19. — Wie der Korrespondent der Zeitung „Corriere del Ticino“ aus Vatikan-kreisen zu berichten weiss, herrscht am Hei-ligen Stuhl die Ansicht vor, dass man nicht beiseitestehen dürfe, wenn die Sieger die Grundrisse für ein neues Europa ziehen. Das Resultat dieses Krieges werde nicht nur Ver-änderungen auf der Landkarte bewirken, son-dern bedeute eine tiefgreifende sozial, gei-stige und ethische Revolution. Der Heilige Stuhl ist bereit, mit „der Macht seiner reli-giösen Tätigkeit Millionen Seelen die Kraft und die moralische Grundlage zu vermitteln“, damit diese zum Wohle der Kultur mit dem neuen Lebensstandard in Harmonie gebracht werden. Weiterhin will der Heilige Stuhl „den Siegern die Mitarbeit seines tausendjährigen Einflusses zur Verfügung stellen“.

Krakau, 19. — Im Generalgouvernement wird in nächster Zeit eine jüdische Zeitung erscheinen, die sich mit der sozialen Umschal-tung und dem Berufswechsel der Juden so-wie mit dem Problem der Auswanderung befassen soll. Ferner wird das Blatt sich den religiösen Angelegenheiten der Juden widmen.

Berlin, 19. — Die im Polenfeldzug un-pas-sierbar gemachte Flussschiffahrtswege zwi-schen Weichsel und Oder sind wieder her-

gestellt. Ihre Inbetriebnahme ist besonders für die aus Russland kommenden Waren von grosser Bedeutung.

Berlin, 20. — Der italienische Ausssenmi-nister Graf Ciano, der der Reichstags-sitzung beiwohnte, hat vor seiner Rückkehr nach Rom mit den führenden deutschen Männern Aus-sprachen gehabt.

Neuer Oberbefehl in London

Stockholm, 20. — Der bisherige Befehls-haber der Truppen in Grossbritannien, Ge-neral Ironside, wurde seines Postens entho-ben und durch Sir Allan Broke ersetzt. Iron-side wurde aber vorher zum Marschall er-nannt. Als Grund für diese Veränderung auf dem höchsten Kommandoposten des Mutter-landes führt man an, dass der Oberbefehl einem Offizier übertragen werden musste, der in Belgien im Kampfe gestanden hat und die deutschen Kampfmethoden aus eigener Er-fahrung kennt.

Brüssel, 20. — Der Chef der deutschen Besatzungsarmee in Belgien hat der früheren Regierung Pierlot die Rückkehr in das Land verweigert. Man ist der Ansicht, dass Pier-lot und seine Mitminister, die einst den bel-gischen König von Paris aus beschimpften, nur die Ruhe im Lande stören würden.

Bukarest, 20. — Die rumänische Presse-zensur hat das Erscheinen von 10 jüdischen Wochenblättern verboten, nachdem bereits 18 andere Zeitungen und Zeitschriften, die sich in jüdischem Besitz befanden, ihre Betriebe schliessen mussten.

Berlin, 20. — An der Sitzung des Gross-deutschen Reichstages am 19. Juli nahmen 873 Abgeordnete teil, nachdem erstmals auch die neu eingegliederten Ostgebiete durch 11 Ab-geordnete vertreten waren.

Berlin, 20. — Der Führer empfing heute den vom Generalleutnant zum General der Infanterie beförderten Kommandierenden der Narvik-Gruppe, Dietl, um ihm persönlich das verliehene Eichenlaub zum Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes zu überreichen.

Berlin, 21. — Mussolini richtete an den Führer das folgende Telegramm: „Die Wor-te Ihrer grossen Reichstagsrede sind dem ita-lienischen Volke direkt zu Herzen gegangen. Ich danke Ihnen dafür und wiederhole, dass das italienische Volk — möge kommen, was

Ludwig Wollner

grüsst aus Hamburg 1, Bankstrasse 149,
alle Freunde und Bekannte

da wolle — mit Ihnen bis zum Ende, das heisst bis zum Siege, marschieren wird.“ Der Führer dankte auf dieses Telegramm: „Ich danke Ihnen, Duce, für Ihr freundschaftliches Telegramm. Einig in unserer Weltanschauung und einig in der Kraft werden unsere siegreichen Waffen die Freiheit unserer Völ-ker, des faschistischen Italiens und des na-tionalsozialistischen Deutschlands, erkämpfen.“

Berlin, 21. — Alle politischen Ereignisse, selbst die militärischen Aktionen, werden zum Wochenende von der grossen Reichstagsrede des Führers und ihrer Auswirkung in Eng-land überragt. Nachdrücklich stellt die deut-sche Presse fest, dass dem ersten Eindruck aus britischen Regierungskreisen zufolge Church-ill alles tue, um das englische Volk in die drohende Vernichtung hineinzuziehen.

Stockholm, 21. — Lloyd George soll so-fort nach der Führerrede beim König um eine Unterredung nachgesucht haben. Ebenso soll der Herzog von Windsor in einem Tele-gramm an seinen Bruder die Ansicht ver-treten haben, dass England unverzüglich Ver-handlungen mit den Achsenmächten aufneh-men müsse.

Stockholm, 21. — Zu dem Friedensangebot des Führers an England erklärte die British Broadcasting Corporation in ihrer deutschen Sendung: „Wir weisen Ihren Appell zurück. Unsere Vernunft und nationale Stärke und unser Gefühl für Ehre und Gerechtigkeit so-wie unsere Verantwortung gegenüber der Welt fordern, dass wir mit allen unseren Kräften für die Freiheit kämpfen, die Sie zerstören wollen.“ — Diese Erklärung der BBC wurde auch von der halbamtlichen Reu-ter-Agentur verbreitet.

Stockholm, 22. — Von amtlicher englischer Stelle wird die erste Nichtannahme des deut-schen Friedensangebotes mitgeteilt. Der Mi-nisterpräsident von Australien, R. G. Men-zies, erklärte in einer öffentlichen Rede vor 10.000 Personen, dass man nirgends im bri-tischen Empire die Rede des Führers in Rech-nung stelle, die man als völlig wertlos be-trachte. Australien und England seien ent-schlossen, für ihre Friedensbedingungen zu kämpfen.

Litauen, Lettland und Estland in die UdSSR eingegliedert

Moskau, 22. — Von der russischen Regie-rung wurde die Einbeziehung der drei balti-schen Länder Litauen, Lettland und Estland in die Sowjetunion beschlossen. Mit ihrer Eingliederung zählt die UdSSR 15 Bundes-

republiken. Russland wird damit um 172.188 Quadratkilometer und 5,6 Millionen Einwohner grösser. 30.000 Mitglieder der deutschen Volks-gruppe in Litauen werden nach der Ernte nach Deutschland geschafft.

Amsterdam, 22. — Da trotz mehrfacher deutscher Proteste keine Besserung in der schlechten Behandlung deutscher Zivilinternier-ter in Niederländisch-Indien eingetreten ist, sahen sich die deutschen Behörden in Hol-land zu Gegenmassnahmen gezwungen. Eine Anzahl niederländischer Staatsbürger, die grösstenteils zur holländischen Kolonialver-waltung in Beziehung stehen, wurde in Haft genommen und der Postverkehr von Holland nach Niederländisch-Indien eingestellt.

Reval, 22. — Der estnische Ausssenminister Andresen erklärte während der Beratungen über die Umbildung Estlands in eine Sow-jetrepublik, dass die baltischen Länder ausserhalb der Interessensphäre Deutschlands lie-gen. — Auf einer Pressekonferenz in Rom wurde festgestellt, dass die baltischen Län-der nicht im Bereich der italienischen Inter-es-sen liegen.

Moskau, 22. — Die Umsiedlung von etwa 100.000 Angehörigen der deutschen Volksgrup-pe aus Bessarabien und der nördlichen Bukowina, die kürzlich an Russland abgetreten wurden, wird nach Beendigung der Ernte im Oktober stattfinden. Eine deutsche Kom-mission verhandelt bereits mit den Sowjetbehö-rden über die Umzugsprobleme. Die Heim-kehrer sind in der Mehrzahl deutschstämmige Bauern und werden in der Provinz Posen und in Westpreussen angesetzt.

Stockholm, 23. — Mit sofortiger Wirkung wurden in England alle privaten Magnesium-bestände, die dringend für die Flugzeugindu-strie benötigt werden, vom Staate beschlag-nahmt.

Vichy, 23. — Dem „Paris Soir“ zufolge ist die wesentlichste Voraussetzung für die Erneuerung Frankreichs die endgültige Lö-sung der Judenfrage. Man erwartet von der Regierung entsprechende Massnahmen.

Vichy, 23. — Nach amtlicher Mitteilung wurde der Gütertausch zwischen Frank-reich und Belgien wieder aufgenommen.

Rom, 23. — Der Führer machte dem Duce einen Panzerzug mit Flakartillerie zum Ge-schenk, der Mussolini auf seinen Reisen be-gleiten soll. General Ritter von Pohl hat den Zug dem Duce persönlich übergeben, der sich an der Küste des Thyrrhenischen Mee-res von der ausserordentlichen Feuerstärke seiner sechzehn Geschütze überzeugte.

Nach gegen Spanien?

Stockholm, 23. — Die englische Presse for-dert die Einbeziehung Spaniens in die Liste der blockierten Staaten. Die gesamte spani-sche Einfuhr müsse streng überwacht wer-den. Franco könne heute Deutschland hel-fen, wie Italien es vor dem Krieg getan habe. Nach Spanien dürfe auch nicht eine Gallone Petroleum mehr hereingelassen wer-den, als das Land wirklich brauche.

Stockholm, 23. — Um die Schaffenskraft der britischen Rüstungsarbeiter zu heben, schlug Arbeitsminister Bevin das gemeinsame Singen in den Betrieben vor nach dem Mo-tto: Gesang bei der Arbeit!

Berlin, 23. — An zuständigen deutschen Stellen hat der Aufsatz der britischen illu-strierten Zeitung „Picture Post“ über das Thema „Das Volk wird bewaffnet“ beson-dere Beachtung gefunden, da darin an Hand zahlreicher Photos genaue Angaben über die Handhabung von Waffen, das Ausheben von Schützengraben, das Anlegen von Tankfal-len usw. gemacht werden. Diese Heckenschüt-zenkrieg-Propaganda wird deutscherseits da-hin beantwortet, dass jede Zivilperson, die gegen die deutschen Soldaten die Waffen er-griff, nicht anders als ein gewöhnlicher Ver-brecher behandelt wird, gleichgültig, ob sie das Gewand eines Geistlichen trage oder mit dem Ausweis eines Unterhausmitgliedes ver-sehen sei.

Berlin, 23. — Die deutsche Presse behan-delt in diesen Tagen nur das eine Haupt-thema „Die Würfel sind gefallen! England hat auch zum letzten deutschen Friedensvor-schlag Nein gesagt!“

**WEIT UNTER PREIS
kaufen Sie alles für
den Haushalt im**

JAHRES- AUSVERKAUF

der

CASA LEMCKE

SAO PAULO — Rua Libero Badaró 303

**10% Rabatt auf alle
nicht herabgesetzten
Preise.**

Vereins-heim:
R. S.
Joaquim
Nr. 329



Tel.:
7-4657

Mittwoch, den 31. Juli, um 9 Uhr abends

Ordentliche
Halbjahresversammlung

Tagesordnung:

1. Verlesung des Protokolles
2. Bericht des Vorstandes und Verschiedenes

Um zahlreiches Erscheinen ersucht
DER VORSTAND

N.B. Anträge sind bis zum 30. Juli schriftlich einzureichen

Berlin, 23. — Auf Anordnung des Führers wurde das im April erlassene Tanzverbot wieder aufgehoben. Nunmehr können wieder Mittwochs und Sonnabends ab 19 Uhr öffentliche Bälle abgehalten werden.

Algeciras, 24. — Der Gouverneur von Gibraltar hat alle Zivilpersonen unter Androhung von strengen Strafen aufgefordert, dieses britische Festungsgebiet bis zum 1. August zu verlassen. Die Zwangsflüchtlinge wissen nicht einmal die Bestimmungsorte ihrer Schiffe, da den Kapitänen der Kurs in einem versiegelten Umschlag übergeben wird, der erst auf hoher See zu öffnen ist.

Stockholm, 24. — Der englische Finanzminister Sir Kingsley Wood gab bekannt, dass sich die britischen Kriegsausgaben bereits auf 2800 Millionen Pfund belaufen. Der gesamte Haushaltsplan betrage sogar 3477 Millionen Pfund. Die abermals erhöhten Steuern decken nur einen verschwindenden Betrag des riesigen Defizits in der Staatskasse.

Vichy, 24. — Im französischen Rundfunk wurde zur Halifax-Rede betont, dass der britische Außenminister bei der Aufforderung zum allgemeinen Gebet angesichts des bevorstehenden deutschen Angriffes vergessen habe, sein Volk auch für die Seelen der französischen Matrosen beten zu lassen, die von den Engländern so feige ermordet wurden.

Moskau, 24. — Die amtliche sowjetrussische Telegraphenagentur „Tass“ bezeichnet ausländische Pressemeldungen über die Lieferung sowjetrussischer Flugzeuge an England als frei erfunden.

Washington, 24. — Die USA-Regierung verweigert die Anerkennung der Eingliederung von Litauen, Lettland und Estland in die Sowjetunion. Die Gesandtschaften der drei Staaten in den USA würden von der Regierung nach wie vor als souverän betrachtet werden. Bezüglich sämtlicher Kredite der genannten baltischen Länder in den USA in Höhe von neun Millionen Dollar wurde vom Schatzamt das Einfrieren verfügt.

Rom, 24. — Ueber Spanien und Portugal sind hier aufsehenerregende Nachrichten eingetroffen, nach denen die Bewegung gegen den Krieg in England immer mehr im Steigen ist. Die Pläne von grossen Sabotageakten, die die italienische Presse am Mittwoch veröffentlicht, zeigen die wahre innere Lage in England.

Tokio, 24. — „Tokyo Nichi Nichi“ berichtet am Mittwochmorgen, dass in England Gerüchte kursieren, nach denen die Demission Churchills unmittelbar bevorstehen soll. Das neue Kabinett würde dann den Friedensvorschlag Deutschlands annehmen. 75 vH. des englischen Volkes seien für den Frieden.

gesehen von der Tatsache, dass er erneut die Kriegsschuld vor der Welt und vor der Geschichte auf sich nimmt. Es wird sich ja zeigen, ob und wie lange die Stimme dieser beeinflussten Herrschenden die Stimme Englands und des englischen Volkes ist, und es wird sich zeigen, wie das neue Kriegsverbrechen endet, das sich da vorbereitet! Dass diese Leute, die ihre Kinder, ihr Vermögen und ihre Rennpferde in Sicherheit bringen, um im Falle der Fälle noch ausreisen zu können, die Kühnheit haben, so zu sprechen, ist immerhin verständlich. Aber die Millionenmasse des englischen Volkes kann ja schliesslich nicht nach Kanada gehen. Sie ist ja mit dem Schicksal ihrer Heimat auf Geduld und Verdrerb verbunden. Wie kommt es, dass von ihr die Stimme der Vernunft vielleicht nicht gehört und auch nicht beantwortet wurde? Ein Beispiel kann diese Tatsache klären. Da veröffentlichte die „Daily Mail“ am 16. Juli folgenden Brief eines Lesers, in dem es wörtlich heisst: „Weil es notwendig wurde, in den Feldern Hindernisse gegen die Landung feindlicher Flugzeuge auszulagern, habe ich meinen Grossvater in die Mitte einer Wiese gesetzt. Sein Fahrstuhl ist ein beachtliches Hindernis, befindet sich mitten in der Kampzone und trägt einen Teil dazu bei, seinen Lebensabend zu verschönen. Ein von meiner Frau“ — so schreibt die Zuschrift weiter — „gefertigtes Regendach schützt meinen Grossvater vor Nässe und eine Anzahl Körbe enthalten Nahrung für den ganzen Tag. Natürlich müssen wir Grossvater nachts hereinholen und die Wiese ist dann ungeschützt. Ich möchte“ — so schliesst dieser Brief an die „Daily Mail“ vom 16. Juli — „diese Massnahme den Lesern empfehlen, wenn sie einen Grossvater haben, der auch sein Gesicht zum Interesse der englischen Nation einsetzen

will.“ Was muss die Regierung des Kriegsverbrechers Winston Churchill für ein Bild vom Kriege haben, was muss sie den Insulanern in England für ein Bild vermitteln haben, wenn die Leute glauben, dass die deutsche Invasion von Grossvätern auf Rollstühlen aufgehalten werden könnte!

Dabei regt sich selbst in diesem so belagerten und betrogenen englischen Volk ein recht erheblicher Widerstand gegen die ganze Stümperlei, mit der die Londoner Regierung ihre Verteidigungsmassnahmen trifft. Da beklagte sich eine Leserschrift an den „Daily Telegraph“ darüber, dass aus Angst vor deutschen Fallschirmabspringern schon alle Wegweiser in England beseitigt wurden, dass nun aus Angst vor Spionen von der Bevölkerung nicht einmal mehr mündliche Fragen nach dem Weg beantwortet würden und dass dieser ganze Unsinn — so heisst es in der Zuschrift — mehr Schaden in England anrichte, als ihn die gesamte Fünfte Kolonne Deutschlands überhaupt jemals anrichten könnte. — Das England Churchills nimmt den erfolgreichen Kampf gegen die Wegweiser schon als den halben Sieg gegen die Deutschen; denn ein Berichterstatter, der in diesen Tagen an einem Manöver teilnahm, bei dem es einen geplanten Angriff abzuwehren galt, erklärte am Schluss seines Berichts, er habe während des Manövers ein Dutzend Mal oder mehr seinen Weg über Land verloren, indem jede Ortsangabe fehlerhaft und er beneide deshalb nicht die Armee, die in diesem unbekanntem Land ihren Weg finden soll. Schliessen wir mit der Feststellung, wir beneiden das Volk von England nicht um seine gewissenlose Regierung, die es über den Grund des Krieges, über seinen Verlauf und seine mögliche oder sichere weitere Entwicklung derartig belog.

Saus Frische

Britisches Echo zur Rede Adolf Hitlers

Grossväter auf Rollstühlen sollen die deutsche Invasion aufhalten

Wem es vergönnt war, die Rede unseres Führers im Reichstag selbst mitzuerleben, in dessen Erinnerung schwebt das Bild an jene Reichstagssitzung des 1. September 1939, in der der Führer zum erstenmal im feldgrauen Rock erschien. Seine Züge trugen damals das Gepräge der rücksichtslosen, der harten Entschlossenheit zu dem Einsatz, zu dem der Gegner ihn zwang. Damals, am 1. September, ahnte man hinter diesem Mann und seiner Rede die ganz ungeheure Stärke der gesamten Kraft, die er geschaffen hatte und nun repräsentierte und die einzusetzen er bereit war. Vielleicht hätte ein Fremder, der die damalige Reichstagssitzung miterlebte um dieser gespannten Kraft, um dieser Ladung von unvorstellbarer Energie den Eindruck des Unheimlichen bekommen. Unheimlich deshalb, weil alles, was für den uns aufgezungenen Daseinskampf notwendig werden konnte, vorbereitet war, weil aber das Schicksal selbst sein nun einmal immer entscheidendes Wort noch nicht gesprochen hatte. Wer die Reichstagsrede des Führers am 19. Juli hörte, der wusste, dass das Schicksal seinen Spruch inzwischen gefällt hatte. Was damals noch unheimlich drohende Spannung war, hatte sich gelöst. Was damals als hochexplosive Energieladung empfunden wurde, war zu ruhiger, selbstsicherer, wenn auch immer noch stets einsatzbereiten Kraft geworden. Der Führer der Deutschen, der damals vor der Schlacht wie einst Friedrich der Grosse alle Entscheidungen für alle Fälle traf, so dass jedem Deutschen das Herz klopfte, der stand nun vor den Vertretern des Deutschen Volkes und überschüttete die Männer, die ihm den Krieg mitertritten hatten, mit Ehrungen. Es war ein königlicher Dank, den er ihnen spendete und das Packendste an diesem Dank waren die Worte, mit denen er ihn aussprach oder der Ton, der in diesen Worten mitklang. Und so kam es, dass sich in jedem Namen, den der Führer gestern aussprach, die Millionen ungenannter Mitkämpfer und Mitarbeiter dieses Kampfes ebenfalls geehrt und gelobt fühlten. Bei diesen ganzen ungewöhnlichen Ehrungen für ungewöhnliche Leistungen ging anscheinend nur einer leer aus, nämlich der Führer selbst, der in ruhiger Gelassenheit den bedeutungsvollsten und inhaltsreichsten Rechenschaftsbericht ablegte, der wohl jemals von einem Staatsmann oder Feldherrn abgelegt wurde. Es war deshalb mehr als eine symbolische Geste, es war eine historische Klarstellung, als der Reichsmarschall in seiner Schlussansprache erklärte: „Der Dank, mein Führer, gehört nur Ihnen“.

Ich glaube, es hat in der Weltgeschichte noch niemals eine in ihrer erhabenen Einfachheit grossartigere Rede gegeben als die, die wir soeben miterlebten. Die heitere, kraftvolle und ruhige Gelassenheit, die über diesem Teil der Rede des Führers lag, lag nun auch über dem Teil der Rede, in der er die Zukunft sieht. Ohne jeden Pathos, so als ob es sich um eine einfache Unterhaltung handelte, wies der Führer auf die Angebote und Prophezeiungen hin, die er vor dem Krieg, bei Kriegsbeginn und nach dem Sieg in Polen gemacht hatte. Kurz und sachlich erwähnte er, was unsere Gegner einst unmittelbar nach diesen Angeboten und Prophezeiungen geantwortet hatten, um dann diese Antworten in das Licht der inzwischen Geschichte gewordenen Ereignisse zu rücken. Er brauchte garnicht ironisch zu werden, denn diese Dinge selbst waren ja Ironie genug. Dann lenkte er seinen letzten Appell an die Totengräber des britischen Weltreichs und es kamen die Sätze: „In dieser Stunde fühle ich mich verpflichtet vor meinem Gewissen, noch einmal einen Appell an die Vernunft, auch in England zu richten. Ich glaube dies tun zu können, weil ich nicht als Besiegter um etwas bitte, sondern als Sieger zu der Vernunft spreche. Ich sehe keinen Grund, der zur Fortführung dieses Kampfes Zweck hätte.“ Es war ein ungarisches Blatt, das diese Sätze ein „moralisches Ultimatum“ an Eng-

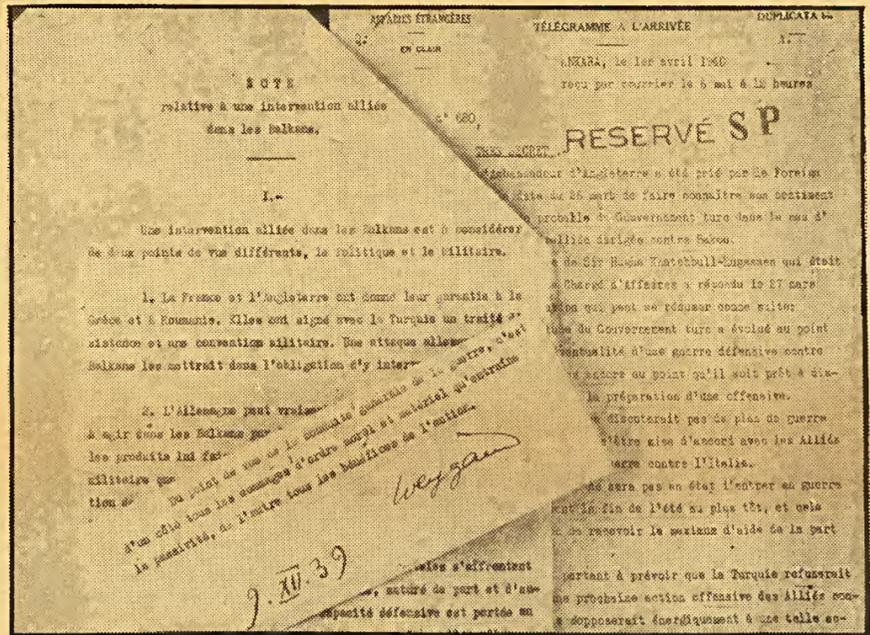
land nannte und das ungarische Regierungsblatt meinte, dass, seitdem Weltgeschichte geschrieben werde, noch niemals ein Staatsmann so gesprochen hätte wie Adolf Hitler.

Die italienische Presse erkannte ebenfalls das ganze menschliche und moralische Verantwortungsbewusstsein, aus dem jene Sätze des Führers gesprochen wurden, an und unterstrich, dass sie in einem Augenblick noch gesteigerter Kampfbereitschaft des Grossdeutschen Reiches an Wert und an Bedeutung gewinnen.

Welche sensationelle Bedeutung den Worten des Führers selbst in Amerika gegeben wurde geht aus der Tatsache hervor, dass kurz vorher eine amerikanische Zeitung ein ähnlich lautendes Gerücht mit den Worten abgetan hat, es sei zu schön, um wahr zu sein. Inzwischen natürlich hat die englische Agitation in USA ihr Werk getan. Jetzt gibt es zum Teil Pressestimmen, die von Herrn Winston Churchill höchst persönlich hätten geschrieben sein können.

Das amtliche England, das England der Kriegshetzer, hat sich amtlich zu den Worten des Führers noch nicht geäussert, aber geschwiegen hat diese Clique natürlich auch nicht. Sie konnte es ja nicht dulden ohne jede Gegenwirkung oder mindestens den Versuch zu einer solchen eine derartige moralische Kraft wie diese Führerrede von der ganzen Welt einfach anerkennen zu lassen. So kommt es, dass ein kleiner Narr im englischen Rundfunk sich hinstellte und zu der Rede sagte, dass der deutsche Reichskanzler nichts Neues sagte. Ebenso und in diesem Sinne sprach ein anderer englischer Rundfunkmann mit dem Ziel, die Führerrede abzuschwächen. — Der „Daily Herald“ in London, der angeblich die Meinung der englischen Arbeiter zum Ausdruck bringt und in Wirklichkeit auf seine Weise in Winston Churchill's Auftrag versucht, die Gefahr einer eigenen Meinungsbildung der englischen Arbeiter zu beseitigen, schreibt, es könne keinen Frieden geben mit dem Mann, der von seiner Gier nach der Beherrschung der Welt verzehrt werde. Das sagte der „Daily Herald“ dem Mann, der erklärte, es tue ihm fast weh, wenn das Schicksal ihn dazu ausersehen habe, das zu sossen, was diese Menschen zum Fallen brachte. Der Führer erklärte wörtlich: „Meine Absicht war es nicht, Kriege zu führen, sondern einen Staat von höchster Kultur aufzubauen.“ Es könnte aus diesen knappen Zitate vielleicht der falsche Eindruck entstehen, als ob diese unverantwortlichen Sprecher der nicht mehr vorhandenen öffentlichen Meinung in England tatsächlich noch an irgend eine Siegeschance glauben. Aber wer genau hinsieht, der spürt, dass diese dreisten und leichtfertigen Redensarten so besonders dumm und abern gerieten, weil die Angst den klaren Blick längst getrübt hat. Ein klarer Beweis für diese Angst ist der Kommentar des Londoner Rundfunk zu dem grossartigen Rechenschaftsbericht über die strategische Anlage der Schlacht in Frankreich, die der Führer in seiner Rede gab und der der Londoner Rundfunk damit abzuschwächen versuchte, indem er erklärte: „Glaubt doch nicht an diesen genialen Feldzugsplan. Die Deutschen entdeckten durch Zufall, dass der französische Widerstand bei Sedan erst schwach war und so trafen sie durch Zufall auf die verwundbare Stelle, die sie gesucht hatten. Radio London meinte also, dass die Deutschen durch einen reinen Zufall gesiegt hätten und fügt hinzu, dass jeder deutsche Soldat, der etwa bei Dunkirk nicht den Schutz eines Panzerwagens oder ein Sturzkampfflugzeug genossen hätte, geneigt gewesen wäre, aus dem Kampf wegzulaufen mit der Geschwindigkeit eines geölten Kaninchens. Wir können ruhig feststellen, dass diejenigen, die solche Ruhigunspillen einnehmen, reines Gift schlucken. Uns soll es recht sein, aber man wird verstehen, dass das deutsche Volk einen Gegner, der solche Fäden spinnt, nicht mehr für ganz in Form befindlich hält, ab-

Ausschnitte aus den neuen Geheimdokumenten über die Kriegsausweitungspläne der Westmächte



Trechos dos novos documentos secretos encontrados na França e que revelam os planos das potencias occidentaes de extender a luta a outros recantos da Europa

Der Krieg und die Wirtschaft

Die in der Bundeshauptstadt erscheinende bekannte Wochenzeitschrift „Oito Dias“, die sich der besonderen Wertschätzung der Militärkreise erfreut, veröffentlichte am 20. Juli d. J. unter der genannten Überschrift folgenden beachtenswerten Aufsatz: „In den letzten zwanzig Jahren hat die Struktur der Weltwirtschaft radikale Umformungen durchgemacht, deren Hauptgrund der Weltkrieg von 1914—1918 ist. Jener Krieg nötigte viele Länder, die einst bedeutende Mengen ihrer Lebensbedürfnisse durch die Einfuhr deckten, sich industriell so weit wie möglich zu befreien. Als der Krieg beendet war, und die Handelsverbindungen wieder aufgenommen wurden, vernetwendigte sich eine Verlagerung im Handelsbestreben, welche dem Warenaustausch ein völlig neues Gesicht gab. Die Industrialisierung weiter Gebiete des südamerikanischen Kontinents bewirkte auch in diesen Ländern grosse Umstellungen. Die frühere Vorherrschaft der Rohstoffherzeugung wurde durch das in Menge und Qualität beständige Anwachsen von nationalen Industrien nicht beseitigt und auch nicht derart begrenzt, dass sich daraus eine brennende Frage für den eigenen Verbrauchermarkt entwickelte, während die nationalen Industrien von Jahr zu Jahr der ausländischen Konkurrenz erfolgreicheren gegenüberstehen können. Mit der Entwicklung der Industrie stieg im gleichen Masse die Beschäftigung und damit die Ausdehnung der Kapitalien, wo diese Industrie konzentriert sein musste. Es wäre lächerlich zu glauben, dass die Rohstoffproduktion mit Ausnahme einiger Erzeugnisse durch diese Aenderung des Warenaustausches, der sie ihres Vorranges beraubte, schliesslich untätig bleiben müsste. Wir beobachten im Gegenteil, dass beispielsweise in Brasilien der hervorragende Aufbau unserer Industrien von einer gleichlaufenden Verstärkung der Produktion und Rohstoffausfuhr begleitet wird. Unsere wirtschaftliche Unabhängigkeit, die besonders unter der weitblickenden Führung unseres Präsidenten von Tag zu Tag zunimmt, hat unsere Bedeutung als Käufer und Lieferant absolut nicht verringert. Hier leuchtet die alte, aber oft selbst von

gut unterrichteten Persönlichkeiten vergessene Tatsache ein, dass eine derartige Entwicklung die Kaufkraft der Nation erhöht und dass mit der steigenden Kaufkraft auch der Wert des betreffenden Landes als Käufer und Lieferant wächst. Demgemäss hat Brasilien unter den Ländern Südamerikas einen der ersten Plätze kraft seiner Ausdehnung und seiner Bedeutung als Wirtschaftsfaktor eingenommen. Seine wirtschaftliche Freiheit erlaubt ihm nicht nur, sondern nötigt das Land, Käufer und Lieferanten dort zu suchen, wo sie am besten seinen Interessen entsprechen; die Wirtschaftstatistiken der letzten Jahre beweisen diese Tatsache. Die gegenwärtige Unterbrechung dieser Entwicklung spricht nicht gegen die eben angeführten Thesen, weil es sich dabei um einen Ausnahmestand — besser gesagt — um eine illegale Situation handelt. Die englische Blockade, die sich immer noch über den ganzen europäischen Kontinent erstreckt, und etwa 300 Millionen Käufer amerikanischer Produkte ihrer Rechte beraubt, ist eine Massnahme, welche, obgleich gegen die Kriegführenden gerichtet, auch die Interessen der neutralen amerikanischen Länder schwer trifft. Der amerikanische Kontinent hat mit diesem Krieg nichts zu tun. Er hält mit allen Kriegführenden freundschaftliche Beziehungen aufrecht, die er keineswegs unterbrochen sehen möchte. Wenn heute die südamerikanischen Produkte nutzlos in den Lagern aufgehäuft werden und die wirtschaftliche Entwicklung südamerikanischer Gebiete behindert ist, dann ist das ein Schaden, für welchen die ganze Verantwortung auf die illegale Blockade zurückfällt. Wir interessieren uns nicht für die Massnahmen, welche die Kriegführenden gegeneinander ergreifen. Wir wollen in den eigenen Reihen vorsichtig sein und wollen nicht, dass irgendein Kriegführender uns in unserer Arbeit hemmt. Der souveräne amerikanische Kontinent sollte in der Lage sein, durch seine Repräsentanten zu fordern, dass die Kriegführenden die amerikanische Ausfuhr nicht weiter so hemmen, wie es bisher der Fall ist.“

Ausstellung „Mutter und Kind“ in S. Paulo

450 praktische Kleidungsstücke

Die bereits angekündigte Ausstellung von Näh- und Strickarbeiten der Frauengruppe des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen (São Paulo) im Lyra-Heim ist eröffnet und überrascht alle Besucher durch ihre Reichhaltigkeit. Rund 450 Bekleidungsstücke, wie Mutter und Kind sie hauptsächlich im Alltag, aber auch am Sonntag gebrauchen, sind hier gemäss den Parolen „Aus Altem Neues“ und „Nichts verschwenden, alles verwenden“ zur Schau gestellt. Eine Fülle emsiger Frauenarbeit steckt dahinter: Es ist geradezu bewundernswürdig, welche Erfindungsgabe, welche gefälliger Geschmackssinn und welche peinliche Mühewaltung von den Frauen des BdsR für das Gelingen dieser wertvollen, teils überaus feinen, teils recht stabilen Handarbeiten aufgebracht wurden. Erst beim Besuch dieser Ausstellung wird einem der eigentliche Zweck der Brockensammlung, die gegenwärtig innerhalb der deutschen Kolonie durchgeführt wird, so ganz klar. Es würde zu weit führen, an dieser Stelle im einzelnen zu beschreiben, wie man aus alten Gehrocken, Smokings, Frauenröcken, Schlafanzügen, Strandkleidern, aus Männerhosen und Jacken, Schürzenresten, Mehl- und Zuckersäckchen die schönsten Kleidungsstücke für Frauen und Kinder her-

stellen kann, wie man sie aus der deutschen Heimat noch in guter Erinnerung hat. Ein Grossteil der Sachen ist wohl auch im wesentlichen für Rückwandererfamilien gedacht, denn die soziale Betreuung ist ja eine Hauptaufgabe der Frauengruppe des Bundes. Neben den so aufschlussreichen Ständen „Alles verwenden, nichts verschwenden“ und „Aus Altem Neues“ verdient der prachtvolle grosse Tisch mit der Erstlingsausstattung besondere Beachtung. Dort sind alle Stücke gleich dutzendweise vorhanden, vom einfachsten Lätzchen bis zum Strampelsack und der Wachs-tuchtasche. Man muss gerne zugeben, wie Frau Bechtold, die Leiterin der Frauengruppe, erklärt, dass die Kameradinnen des Bundes hier wahre Meisterstücke in der Kleinkindbekleidung vollbracht haben. Zwei weitere Stände zeigen Wollarbeiten und Nähanfertigungen aus neuen Stoffen: alles sauber und wohlgefällig, vielgestaltig und praktisch. Die Ausstellung ist bis zum Dienstag, den 30. Juli einschliesslich, an jedem Tag von 13 bis 18 Uhr geöffnet. Wir glauben ihr schon heute einen guten Erfolg voraussagen zu können, womit Fleiss und Eifer aller daran tätigen Frauen am besten belohnt werden. ep.

Beethoven-Zyklus in S. Paulo

Auch dem vierten Konzertabend des Fritzsche-Quartetts (Dresden) war die hohe Musikkultur eigen, für die das hingabevolle Schaffen der vier deutschen Künstler hier in Brasilien bereits ein fester Begriff geworden ist. Die weitwehliche Stimmung dieser Beethoven-Konzerte rührt immer wieder an die feinsten, zutiefst im seelischen Erleben verankerten zeitlosen Empfindungen der Menschen und baut aus grauen, lärmvollen Alltags Brücken zur unsterblichen Welt des Genius. Auf diesen Brücken dürfen wir tasten, innere Besinnung und Ausschau zugleich halten. Wir ahnen dann im Dämmerdunkel, das die vier Künstler um die hohe Stehlampe auf der Bühne umgibt, ein helleres, unauslöschbares Licht aus Klängen, Melodien und Rhythmen, und dieses Licht muss von weit, weit herkommen. Gustav Fritzsche, Lothar Gebhardt, Johannes Oelzner und Volkmar Kohlschuetter schenken mehr als Freude. Sie öffnen uns Tore zu einem Reich, in dessen meisterlichen Hallen wir die eigene, eifernde Menschlichkeit wohl zu hart und zu gering empfinden und uns

deshalb mit neuen Kräften auffüllen dürfen. So wollen wir es begrüssen, dass diese seelischen Ergänzungsabende des Fritzsche-Quartetts, die durch die Sociedade Germanica ermöglicht wurden, ausser den Stammesbesuchern immer weitere Musikfreunde als Gast sehen; alle einengenden, überflüssigen Formen des Gesellschaftslebens sind an diesen Abenden der Gemeinschaft der Konzertbesucher untergeordnet. Deutsche und Brasilianer finden sich hier in der Verehrung Ludwig van Beethovens zusammen und erleben im Fritzsche-Quartett den einzigartigen Künstler und Interpreten seiner Werke. Am 18. Juli kamen nach dem Andante-Satz von Villa-Lobos die Op. 95 und Op. 18/V zu Gehör. Mit schwerlich überbietbarem Können gaben die vier Künstler beiden Werken Ausdruck und konnten nicht abtreten, ohne der aus dankbarem Herzen und uneingeschränkter Begeisterung hervorbrechenden stürmischen Zustimmung ihrer Hörer durch einen weiteren Quartettsatz zu entsprechen. ep.

Niederabend der Hohnerschule in Rio

Am vergangenen Sonnabend strömten die Volksgenossen ins Deutsche Heim um der Einladung der Hohnerschule Folge zu leisten. Schon vor Beginn des offiziellen Teils waren die grossen Räume des Heims voll besetzt, sodass so mancher, der „pünktlich“ ankam, wieder umkehren musste, da weder Tisch noch Stuhl frei waren. Wie nicht anders zu erwarten war, hatten die Leiter der Hohner-Schule Karl und Lydia Schulz wiederum einen grossen Erfolg und ernteten zum Dank aller Anwesenden grossen und herzlichen Beifall. In der Vortragsfolge waren Volks- und Soldatenlieder vorgesehen, die nicht nur gut gespielt, aber auch kräftig mitgesungen wurden. Der Abend hatte das kameradschaftliche Gepräge wahrer Volksgemeinschaft. Als der Liederabend seinen Abschluss gefunden hatte, gab eine kleine Gruppe des Orchesters des BdsR, den Tanzlustigen noch die Gelegenheit, das Tanzbein zu schwingen und bis spät in die Nacht hinein blieben noch Viele kleben, die in engem Kreis den Liederabend gerne noch weiter ausgedehnt hätten, wenn die Schüler der Hohner-Schule mit ihrer Harmonika nicht schlafen gegangen wären. Der Oekonom des Deutschen Heims war für den grossen Abend gut vorbereitet, sodass auch jedermann mit dem frischen Brahms-Schoppen auf seine Rechnung kam. Alles in Allem sei gesagt, dass solche Abende von den Rio-Deutschen immer gerne erwartet und besucht werden, und der grosse Erfolg ist für die beliebte Hohner-Schule ein Wink, dass sie recht bald wieder zu einem solchen Treffen Veranlassung gibt. F. K.

Deutscher Filmabend in Victoria

Der Bund der schaffenden Reichsdeutschen in Victoria veranstaltete am Sonnabend, den 13. Juli 1940, 16 Uhr, im Teatro Carlos Gomes eine Vorführung deutscher Landschaftsfilm und Ufa-Weekenschauen. Zu dieser Veranstaltung waren die Deutschen in Victoria vollständig erschienen, ferner viele Deutsche und Deutschstämmige aus dem Innern des Staates. Unter diesen ungefähr dreissig allein

aus Campinho, welche sich eigens einen Omnibus für die Reise nach Victoria gemietet hatten. Im Ganzen dürften mehr als dreihundert Deutsche und Deutschstämmige teilgenommen haben, ferner waren ungefähr 100 Italiener und 500 bis 600 Brasilianer eingeladen worden, beziehungsweise waren von einem grossen Teil derselben aus allen Schichten die Con-vites in einem alle Erwartungen übersteigenden Interesse angefordert worden. Damit war das Theater vollständig besetzt. Unter den brasilianischen Gästen befand sich zu unserer Freude auch der Interventor unseres Staates, Major João Punaro Bley mit seiner Gattin, sowie seinen Sekretären. Auch der Präfekt der Hauptstadt und viele andere Vertreter hiesiger Behörden waren der Einladung gefolgt. Die Vorführung verlief ohne die geringste Störung und fand allseitig grössten Beifall. Dem Vorsitzenden wurde besonders über die Filme „Die neuen Autostrassen Deutschlands“ und „Reisen im schönen Deutschland“ besondere Anerkennung zum Ausdruck gebracht. Bemerkenswert war, dass viele Brasilianer, darunter auch einfache Angestellte und Arbeiter, betonten, diese Vorführung hätte bei ihnen mit allen durch die Hetzpropaganda unserer Feinde entstandenen Vorurteilen aufgeräumt und äusserten gleichzeitig den Wunsch, dass dieser Vorführung weitere folgen möchten. Selbstverständlich ist es, dass auch die hiesigen Kameraden und Volksgenossen hoch befriedigt waren, sodass von einem vollen Erfolg gesprochen werden kann.

Jahres-Ausverkauf im Casa Alemã

Wie alljährlich zu dieser Jahreszeit hat auch in diesem Monat (22. Juli) der Jahres-Ausverkauf des in Stadt und Land bestbekanntesten grossen Warenhauses begonnen. Welch reiche Auswahl an Artikeln für den täglichen Gebrauch angeboten werden, weist die heute in unserer Zeitung erscheinende Anzeige auf. Deshalb wird wohl niemand einen Besuch versäumen, um so mehr, als die Preise für alle sozialen Kreise erschwinglich sind.

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt...

Berlin, 24. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Mittwoch mit:

„Ein deutsches U-Boot versenkte 2 bewaffnete feindliche Handelsschiffe mit insgesamt 14.000 Tonnen aus einem Konvoi. Infolge des schlechten Wetters war die Flugfähigkeit gering. In Südengland wurden einige Eisenbahnlinien, Fahrstrassen und Reservedepots mit Bomben belegt. Während der bewaffneten Aufklärung über dem Kanal und der südenglischen Küste bombardierten unsere Flugzeuge 2 Vorpostenboote und 1 Minensucher, die versenkt wurden, während 1 weiteres Schiff beschädigt wurde. Einem deutschen Flugzeug gelang es in der Nordsee, ein feindliches U-Boot zu versenken. In der Nacht vom 23. zum 24. Juli warfen englische Flugzeuge Bomben auf Nord- und Westdeutschland ab, ohne grosse Wirkung damit zu erzielen. Unsere Nachtjäger schossen 2 feindliche Flugzeuge ab, ein weiteres wurde von unserer Flak heruntergeholt. Ein eigenes Flugzeug kehrte nicht zu seinem Stützpunkt zurück.“

Der italienische Heeresbericht

Rom, 24. (TO) — Das Oberkommando des italienischen Heeres teilt am Mittwoch mit: „Im östlichen Mittelmeer versenkten unsere U-Boote einen australischen Zerstörer und ein U-Boot. Eines unserer Kampfschwader bombardierte die Brennstofflager des Flottenstütz-

punktes Malta. Trotz der Tätigkeit der feindlichen Flak konnten Volltreffer erzielt werden, die zahlreiche Brände hervorriefen. In Nordafrika schossen unsere Flieger im Luftkampf 2 Jäger vom Baumuster Gloster ohne eigene Verluste ab. In der Nacht vom 23. zum 24. Juli wurde auf Grund einer Meldung aus Gaeta in Rom Luftalarm gegeben. Die Flakartillerie von Rom eröffnete zweimal Sperrfeuer. Es wurde keine Bombe abgeworfen, einige Personen wurden durch Splitter der Flakgranaten verletzt.“

Rom, 25. (T.O.) — Der amtliche Bericht des Hauptquartiers der italienischen Wehrmacht teilt am Donnerstagmittag mit: „Unsere Luftwaffe griff wirksam die Flottenbasis von Alexandria und den Petroleumhafen Haifa an, wo Petroleumlager und Raffinerien getroffen und grosse Brände hervorgerufen wurden. Alle unsere Maschinen kehrten unverseht zu ihren Stützpunkten zurück. Ueber Malta griffen unsere Jäger ein viermotoriges englisches Flugzeug an und zwangen es, schwer beschädigt, niederzugehen. Bei einem Angriffsvorhaben der feindlichen Luftwaffe auf Bardia in Nordafrika schossen unsere Jäger drei englische Maschinen ab. Eines unserer Flugzeuge kehrte nicht zurück. Bei einem Bombenangriffsvorhaben auf Massaua in Ostafrika wurde ein feindliches Flugzeug abgeschossen. Unsere Maschinen bombardierten Züge und Lagerschuppen auf dem Bahnhof von Ghedaref im Sudan. Eines unserer U-Boote ist nicht zu seiner Basis zurückgekehrt.“

Karte der Erdölleitung, die durch das französische Mandatsgebiet Syrien führt



Mappa da tubagem aducora de petroleo que atravessa a Syria sob mandato francez

Das Deutsche Generalkonsulat

in São Paulo, Rua São Luiz 174, ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen oder deren Nachkommen zu ermitteln. Wer Auskunft über den Aufenthalt der Genannten geben kann, wird ersucht, dem Generalkonsulat Mitteilung zu machen:

Adam, Else; Altmann, Julião; Aschenneller, Lina; Bangler, Peter Friedrich; Baptista, Elsa; Berger, Else geb. Krakofski; Borger, Robert; Brennecke, Ewald; Dietrich, Paul; Gerren, Conrado A.; Gompertz, Hans und Olga; Heitmann, Franz Ernst Heinrich; Henschel, Paul und Alma, geb. Grosse; Hofmann, Adolf; Hofmann, Hugo Heinrich; Hoinkis, Herbert;

Hoehnelin, Frau; Huss, Emma; Janosch, Ernst; Jena, J. C.; Kolakowsky, Paul; Kuh, Marie von; Landmann, Oskar, geb. 23. 6. 1911; Lange, Gustav, geb. 11. 6. 1913; Lessig, Heinrich; Maas, Robert Heinrich; Makowka, Emil; Markowsky, Leopold; Mayer, (oder Maiser), Kurt Andreas Otto; Mayer (oder Maiser), Hans Moritz Paul; Naelk, John; Neiss, Martha; Pedross, Franz; Reinders, Bernhard; Rehländer, Edith; Rübling, Johann; Schäffer, Hermann; Schoeber, Kurt Walter; Schoetz, Michael; Schulte, Karl; Schwendinger, Paula; Stumpf, Franz; Tuttner, Anton; Wallerath, B.; Weiner, Paul; Werner, Josef; Winkler, Hermine; Wittenberg, Paul.

A organização da economia europeia sob direção alemã

Sensacionaes declarações do ministro da economia alemã

Berlin, 25. (T.O.) — Walter Funk, Ministro da Economia e Presidente do Reichsbank, encarregado pelo Marechal Goering da preparação de um plano completo de reorganização da Economia Alemã e Europeia uma vez terminada a guerra, fez em Viena declarações sobre a organização da Economia Europeia sob direção alemã. A sensacional „interview“, que consta de 2.500 palavras será transmitida mais tarde pela Agência Transocean.

Num ponto de sua explanação, disse o sr. Funk: „Depois de terminada vitoriosamente a guerra, aplicaremos na política economica metodos que nos proporcionaram resultados surpreendentes antes e durante a luta. Não esqueçamos a combinação de forças que causaram

Berlin, 25. (T.O.) — O Ministro Funk, em suas declarações hoje em Viena, disse: V. „Sempre faltaram na Europa determinados produtos. A Alemanha poderá trocar com os mercados mundiais produtos industriais de alta qualidade com materias primas. Mas neste ponto é preciso fazer uma restrição. Devemos encontrar uma zona entre as que dominamos que contenha suficiente quantidade de todos os produtos que possam torna-la independente das demais.

Até que ponto comerciaremos com os Estados Unidos, depende absolutamente desta nação. Se os Estados Unidos desejam contribuir novamente para a organização de uma economia mundial, devem abandonar os metodos de querer ser ao mesmo tempo o maior credor e maior exportador.“

O sr. Funk continuou:

„Como base para as moedas europeias, o ouro não desempenhará no futuro papel nenhum. Jamais se realizará uma politica economica que nos torne dependentes, de forma alguma, do ouro.

Estamos convencidos de que o comercio com a America e a Asia Oriental tornará a desenvolver-se favoravelmente logo que termine a pirataria inglesa. Também não acreditamos que venham a ter sucesso as pretensões de autarquia de certos mercados e seu isolamento do comercio mundial, maximé por que os Estados Unidos jamais poderão absorver produtos na medida em que o pôde fazer a Europa. Aliás, a Alemanha não dependerá de nenhuma outra nação no que se refere á sua politica economica no mundo de após-guerra.

O Ministro Walther Funk terminou sua explanação á imprensa com o seguinte: „A futura solidariedade economica da Europa permitirá a mais perfeita representação dos interesses economicos europeus entre os grupos da economia mundial. Uma Europa unida não permitirá que lhe façam restrições. A Europa comerciará sobre a base de paridade, em todos os tempos, mas terá que arregar-se o direito de fazer pesar na balança todo o peso economico do continente. A Economia de Paz, por mim preparada, deverá garantir á Alemanha a maxima segurança economica e ao povo alemão o seu bem estar. Neste sentido será igualmente organizada a economia europeia.“

Hoherfreut zeigen wir die glückliche Geburt unserer Tochter

Marlis

an

**Christa Saam, geb. Kiefer
Hermann Saam**

Neckarsulm, Württemberg

21. Juli 1940

Moskau